

**DESCUBRA A HISTÓRIA DO ASSASSINO
MAIS LENDÁRIO DA FANTASIA**

A SAGA DO ASSASSINO

1. Aprendiz de Assassino
2. O Punhal do Soberano
3. A Corte dos Traidores
4. A Vingança do Assassino
5. A Demanda do Visionário

O REGRESSO DO ASSASSINO

1. O Regresso do Assassino
2. Os Dilemas do Assassino
3. Sangue do Assassino



SANGUE
DO ASSASSINO
- VOL 3



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Sangue do Assassino / nº 156 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Robin Hobb*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2011 Edições Saída de Emergência

Título original Golden Fool: Book 2 of The Tawny Man © 2003 Robin Hobb. Publicado originalmente nos E.U.A. por A Bantam Spectra Book, 2003

TRADUÇÃO: *Jorge Candeias*

REVISÃO: *Jorge Palinhos*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Novembro, 2011*

ISBN: *978-989-637-380-1*

DEPÓSITO LEGAL: *333563/11*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

R. Adelino Mendes nº 152, Quinta do Choupal 2765 - 082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

SANGUE DO ASSASSINO - Vol 3
ROBIN HOBB

Tradução de Jorge Candeias

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Planícies Glaciais

COSTAS GELADAS

Ilha Branca

MAR BRANCO

Ilha Roque

Terra de

Angra dos Peixes

Baía Fria

COSTAS GELADAS

VIGAS

CERVO

REINO DA MONTANHA

LAVRA

Lago Bode

Rio Vim

VARA

Rio Cervo

Jhaampe

Rio

VARA

Lago Azul

RASGÃO

Orla d'Areia

ERMOS CHUVOSOS

Rio das Gemas

Rio da Chuva

ESTADOS DE CALCEDE

RAZOS

Angra do

Mercadores de Vilamonte

Baía Falsa

Baía dos Mercadores



Ilhas Próximas

Alcatrazes
de Gelo



Os Seis Ducados

Baía das Focas
Ilha Gancho

Ilha Beche
Fundos-Altos

Forja
Ilha da Armação

Ilha do Linho
Ilha da Garra

Baixa Limpa Baixios

Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Torres
-  Fronteira
-  Plataformas de Gelo



Pergaminhos



Oluão, um pescador, vivia na ilha-runa chamada Fedois. A casa das mães da mulher era feita de madeira e pedra, e erguia-se muito acima da linha das marés, pois as marés podem subir muitíssimo e descer também muito nesse lugar. Era um bom lugar. Havia amêijoas na praia a norte, e suficiente pasto à sombra do glaciar para a mulher conseguir manter três cabras suas num rebanho de muitas, embora ela fosse uma filha mais nova. Deu ao casal dois filhos e uma filha, e todos o ajudavam a pescar. Tinham o suficiente, e isso devia ter-lhe bastado. Mas não bastou.

De Fedois, num dia claro, um homem de olhos penetrantes consegue ver Aslevjal com o glaciar a cintilar em tons de azul sob o céu cerúleo. Ora, todos sabem que, quando chega a maré mais baixa da estação invernal, um barco pode aventurar-se sob as faldas do glaciar e encontrar um caminho para chegar ao coração da ilha. Aí, como todos sabem, dorme o dragão com o tesouro que acumulou espalhado à sua volta. Alguns dizem que um homem ousado pode ir até lá e pedir um favor a Fogojelo enquanto este dorme trancado no frio do glaciar, e outros dizem que só um homem ao mesmo tempo ganancioso

e insensato faria uma tal coisa. Pois diz-se que Fogojelo dará a um tal homem não só o que ele pede, mas o que ele merece, e isso nem sempre é boa sorte e ouro. Para visitar Fogojelo por esse caminho, um homem tem de ir rapidamente, esperando que a maré deixe o gelo a descoberto, e depois precipitar-se por baixo deste, assim que o seu barco se consiga enfiar entre a água e o teto de gelo. Uma vez chegado a esse frio lugar cor de safira, ele terá de contar os batimentos do seu pulso, pois se se demorar demasiado a maré regressará para o esmagar e ao seu barco entre a água e o gelo. E essa não é a pior coisa que pode acontecer a um homem que se aventure até lá. Existem poucos que contam a história de terem visitado esse lugar, e ainda menos são homens honestos.

Oluão sabia bem disto, pois a mãe lho tinha dito, e o mesmo dissera a esposa e a mãe da esposa. “Não tens necessidade nenhuma de ir pedinchar à porta do dragão,” avisaram-no. “Pois não obterás mais de Fogojelo do que o que obterias um pedinte insolente que viesse pedir à nossa porta.” Até o filho mais novo sabia que assim era, e este era um rapaz de apenas seis invernos. Mas o mais velho tinha dezassete anos, e o coração e as virilhas ardiavam-lhe, quentes, por Gedrena, filha de Sindre das mães de Linesfal. Era uma noiva rica, muito acima para escolher o filho de um pescador como seu companheiro. Por isso, o filho mais velho de Oluão zumbiu como um mosquito ao ouvido do pai, choramingando e murmurando que se tivessem a coragem de visitar Fogojelo, ambos podiam ficar mais ricos desse modo.

— PERGAMINHO ILHÉU, “O COVIL DE FOGOJELO”

Na manhã seguinte, os ilhéus partiram, zarpando na maré da madrugada. Não lhes invejei a viagem. O dia estava duro e frio, cheio de borrifos que voavam das pontas das ondas. Mas eles pareciam pouco ligar ao mau tempo, aceitando-o como rotina. Ouvi dizer que houve uma procissão até às docas e uma despedida formal quando Eliânia embarcou no navio que a levaria de volta às Runas de Deus. Respeitador dobrou-se sobre a sua mão e

beijou-a. Ela fez-lhe uma vénia e outra à rainha. Depois Espadarrubra fez a sua despedida formal, seguido pelos seus nobres. Peotre foi o último a dizer adeus aos Visionário. Também foi ele que acompanhou a narcheska para bordo do navio. Todos ficaram no convés a acenar enquanto o navio era puxado para fora do porto. Creio que as pessoas que foram ver a partida ficaram desapontadas por não ter havido nenhuma peripécia de última hora. Foi quase a calmaria após a tempestade. Talvez Eliânia ainda estivesse demasiado aturdida pela longa noite e cataclísmicos acordos do dia anterior para levantar mais obstáculos.

Eu sabia que uma discreta reunião da rainha e de Breu com Aguapreta e Espadarrubra se tinha seguido ao banquete formal. Fora combinada à pressa e durara até ao início da manhã. O comportamento dos indóceis príncipe e narcheska tinha sido indubitavelmente discutido, mas, mais importante do que isso, a demanda do príncipe metamorfoseara-se agora em apenas mais um elemento duma prolongada visita às Ilhas Externas. Breu disse-me mais tarde que o abate do questionável dragão não fora tão discutido como o calendário para o príncipe visitar não só o Hetgurd das Ilhas Externas, como a casa-da-mãe da família de Eliânia. O Hetgurd era uma aliança ténue de líderes e chefes tribais que funcionava mais como entreposto comercial do que como uma espécie qualquer de governo. A casa-da-mãe de Eliânia era outra coisa. Breu disse-me mais tarde que Peotre parecera muito embaraçado quando Espadarrubra partira calmamente do princípio de que esta devia fazer parte da visita de Respeitador às Ilhas Externas, quase como quem recusaria se pudesse. O príncipe e a sua comitiva partiriam para as Ilhas Externas na primavera. A minha resposta privada àquilo era que dava a Breu um tempo preciosamente curto para a sua recolha de informação.

Não fui testemunha dessa negociação convocada à pressa, nem de nenhum dos acontecimentos da despedida. Dom Dourado, para grande aborrecimento de Breu, continuava a pedir dispensa de todas as aparições públicas, indicando a saúde como pretexto. E eu fiquei perfeitamente contente por não ir. Estava cheio de cãibras e perro de uma noite passada colado a uma parede a espreitar por

uma fenda. Uma bela cavalgada tempestuosa até à Cidade de Torre do Cervo e de volta ao castelo não era tentadora.

Na esteira da partida dos ilhéus, muitos dos senhores e senhoras de menor estatuto dos Seis Ducados começaram também a abandonar a corte. As festividades e cerimónias do noivado do príncipe tinham terminado, e eles tinham muitas histórias a partilhar com os parentes que tinham ficado em casa. O Castelo de Torre do Cervo esvaziou-se como uma garrafa virada ao contrário. Os estábulos e os alojamentos dos criados tornaram-se de súbito mais espaçosos, e a vida assentou numa rotina de inverno mais calma.

Para minha consternação, os Mercadores de Vilamonte deixaram-se ficar. Isto significava que Dom Dourado continuaria a confinar-se aos seus aposentos para não ser reconhecido, e que em qualquer altura eu poderia encontrar Jeque a visitá-lo. O decoro nada significava para ela. Crescera rude, filha de pescadores, e mantivera os costumes descontraídos dessa gente. Por várias vezes a encontrei nos corredores do Castelo de Torre do Cervo. De todas as vezes ela sorriu-me e deu-me uns bons-dias joviais. Uma vez, quando os nossos passos nos estavam a levar na mesma direção, deu-me um soco no braço e disse-me para não andar sempre tão tristonho. Dei uma resposta neutra qualquer a isso, mas, antes de conseguir afastar-me, ela prendeu-me o antebraço com a mão e puxou-me para um lado.

Olhou a toda a volta de nós para se certificar de que o corredor estava deserto e depois falou em voz baixa. “Suponho que isto me meta em sarilhos, mas não aguento ver-vos aos dois assim. Recuso-me a acreditar que não conheces ‘o segredo de Dom Dourado.’ E, conhecendo-o...” Fez um momento de pausa, após o que disse baixo e com urgência: “Abre os olhos, homem, e vê o que pode ser teu. Não esperes. Um amor como o que podias ter não...”

Interrompi-a antes de ela poder dizer mais. “Talvez ‘o segredo de Dom Dourado’ não seja o que julgais ser. Ou talvez tenhais vivido durante demasiado tempo entre jamailianos,” sugeri, ofendido.

Perante o meu olhar amargo, ela apenas se riu. “Olha,” disse, “bem podias confiar em mim. ‘Dom Dourado’ confia, já há anos. Acredita na minha amizade por ambos e fica sabendo que, tal como

tu, eu sou capaz de guardar os segredos de um amigo, quando eles merecem ficar guardados.” Virou a cabeça e olhou-me como um pássaro olha uma lagarta. “Mas há segredos que pedem para ser revelados. O segredo do amor não declarado é assim. Âmbar faz a tolice de não dar voz aos sentimentos que tem por ti. Não faz bem a nenhum dos dois ignorar um segredo assim.” Fitou-me nos olhos, muito séria, ainda com a mão em volta do meu pulso.

“Não sei a que segredo vos referis,” repliquei rigidamente, enquanto perguntava inquieto a mim próprio quantos dos meus segredos, ao certo, teria o Bobo partilhado com ela. Naquele momento, duas criadas apareceram ao fundo do corredor e seguiram caminho na nossa direção, mexericando alegremente.

Ela largou-me o pulso, suspirou por mim e abanou a cabeça numa piedade fingida. “Claro que não sabes,” respondeu. “E nem sequer queres ver o que está posto na mesa à tua frente. Homens. Se estivesse a chover sopa, estarias lá fora com um garfo.” Deu-me uma palmada nas costas e depois os nossos caminhos separaram-se, para grande alívio meu.

Depois daquilo comecei a desejar esclarecer as coisas com o Bobo. Como um dente doloroso, remoí uma e outra vez o que lhe queria dizer. A frustração era que ele me excluía do seu quarto, mesmo que parecesse receber bem Jeque para conversas privadas. Não que eu lhe fosse bater à porta ou lhe pedisse para entrar. Tinha andado a manter um silêncio amuado para com ele, esperando avidamente que me perguntasse que bicho me tinha mordido. O problema era que ele não o fazia. Parecia concentrado noutras coisas; era como se não reparasse no meu silêncio nem no meu mau humor. Haverá alguma coisa mais provocadora do que esperar que alguém comece uma discussão? A minha disposição foi-se tornando cada vez pior. Que Jeque acreditasse que o Bobo era uma mulher qualquer chamada Âmbar em nada contribuía para me acalmar a irritação. Só tornava a situação mais bizarra.

Em vão, tentei distrair-me com outros mistérios. Loureira desaparecera. Nos dias minguentes de inverno, reparara na sua ausência. As minhas investigações discretas sobre onde se encontraria a caçadora levaram-me a rumores de que fora visitar a família. Naquelas

circunstâncias, duvidava de que assim fosse. Quando lhe perguntei sem rodeios, Breu informou-me de que não me dizia respeito se a rainha tinha decidido enviar a caçadora para longe do perigo. Quando perguntei para onde, ele deitou-me um olhar cáustico. “Aquilo que não sabes é menos um perigo para ti e para ela.”

“Então há mais perigos de que eu deva estar ao corrente?”

Ele refletiu um momento antes de responder, e soltou um pesado suspiro. “Não sei. Ela suplicou uma audiência privada com a rainha. Não sei o que foi aí dito, pois Kettricken recusa-se a dizer-me. Fez uma promessa tola qualquer à caçadora de que a conversa permaneceria um segredo entre as duas. Depois, Loureira desapareceu. Não sei se a rainha a mandou embora, se ela pediu autorização para partir, ou se simplesmente fugiu. Disse a Kettricken que não é sensato deixar-me sem informação sobre isto. Mas ela não quer quebrar a promessa que fez.”

Pensei em Loureira e sobre como a vira pela última vez. Suspeitei de que partira para combater os pigarços à sua maneira. Não fazia a mínima ideia do que essa maneira poderia ser. Mas temi por ela. “Soubemos de alguma novidade a respeito de Louvovinho e dos seus seguidores?”

“Nada que saibamos ser absolutamente verdade. Mas três rumores bem podem ser a verdade, como diz o ditado. E há fartura de rumores sobre Louvovinho ter recuperado do ferimento que lhe causaste, e ir tomar outra vez as rédeas do poder sobre os pigarços. O mais parecido que temos de boas notícias é que há quem talvez dispute com ele o direito a liderá-los. Só podemos ter esperança de que ele tenha os seus próprios problemas.”

E era o que eu esperava, com fervor, mas no meu íntimo não acreditava.

No resto da minha vida pouco havia que a aligeirasse. O príncipe não viera à torre do Talento na manhã da partida da narcheska. Não liguei muito a isso. Tivera uma longa noite e a sua presença era necessária nas docas logo de manhã cedo. Mas nas duas manhãs seguintes eu esperara em vão por ele. E chegava à hora marcada, esperava, trabalhando sozinho em traduções de pergaminhos, e depois ia-me embora. Ele não me enviou nenhuma palavra de expli-

cação. Após passar a segunda manhã a fervilhar na minha própria fúria, tomei a firme decisão de não o contactar. Disse a mim próprio que não me cabia fazê-lo. Tentei pôr-me na pele do príncipe. Como me teria sentido se tivesse descoberto que Veracidade me dera uma ordem de Talento para lhe ser leal? Sabia bem demais o que sentira por o Mestre do Talento Galeno me enevoar a mente e me ocultar o Talento que possuía. Respeitador tinha direito tanto à sua ira como ao seu régio desprezo por mim. Iria deixar esses sentimentos extinguirem-se por si próprios. Quando ele estivesse pronto, dar-lhe-ia a única explicação que podia dar: a verdade. Não quisera obrigá-lo a obedecer-me, só evitar que ele tentasse matar-me. Suspirei ao pensar nisso e voltei a debruçar-me sobre o meu trabalho.

Era noite e eu estava sentado na torre de Breu. Estava lá desde a tarde, à espera de Obtuso. Era mais um encontro a que ele tinha faltado. Como eu fizera notar a Breu, pouco havia que ele ou eu pudéssemos fazer se o atrasado mental não viesse voluntariamente ter comigo. Ainda assim, não desperdiçara o meu tempo. Além de vários dos mais antigos e obscuros pergaminhos de Talento que andávamos a decifrar aos poucos, Breu dera-me dois velhos pergaminhos que tinham a ver com Fogojelo, o dragão das Runas de Deus. Ambos lidavam com lendas, mas ele esperava que eu conseguisse peneirar a semente de verdade que estivera na sua origem. Já enviara espiões para as Ilhas Externas. Um zarpara em segredo a bordo da embarcação da narcheska, a pretexto de pagar a travessia com trabalho para ir visitar parentes que tinha nas ilhas. A sua verdadeira missão era chegar a Aslevjal, ou pelo menos descobrir o máximo possível sobre a ilha, e enviar a Breu um relatório sobre o que descobrira. O velho temia que, tendo-se comprometido com a demanda, Respeitador tivesse de ir mesmo. Mas estava determinado a que o príncipe fosse bem preparado e bem acompanhado. “Eu próprio talvez vá com ele,” informara-me Breu no nosso último encontro casual na torre. Eu gemera, mas conseguira fazer com que o gemido fosse silencioso. Ele era velho demais para uma tal viagem. Através dum espantoso esforço de vontade, consegui também guardar estas palavras para mim. Pois sabia o que se seguiria a qualquer protesto: “Então quem pensas tu que eu deva enviar?” Eu não era mais favo-

rável a visitar pessoalmente Aslevjal do que era à ida de Breu. Ou do príncipe Respeitador, já agora.

Empurrei o pergaminho sobre Fogojelo para um lado e esfreguei os olhos. Era interessante, mas duvidava de que alguma daquelas coisas fosse preparar o príncipe para a sua demanda. Por aquilo que sabia sobre os nossos dragões de pedra, e até pelo que o Bobo me dissera sobre os dragões de Vilamonte, parecia-me altamente improvável que houvesse um dragão adormecido num glaciário de uma das Ilhas Externas. Era muito mais provável que um “dragão adormecido” fosse culpado de forma fantasiosa por tremores de terra e colapsos nos glaciares. Além disso, fartara-me de dragões para os próximos tempos. Quanto mais trabalhava no pergaminho mais pensamentos perturbadores sobre o vilamontês velado me ameaçavam o sono. Contudo, bem gostaria que esses fossem os meus únicos problemas.

Os meus olhos caíram numa pesada bacia de barro, virada ao contrário num canto da mesa. Bom, tinha uma parte de uma ratazana morta por baixo. Eu tirara-a ao furão na noite anterior. Interrompendo um sono profundo, um grito de Manha de uma dor hedionda despertara-me. Não fora o apagar normal da vida de uma pequena criatura. Alguém dotado de Manha tinha de se acostumar a essas ondulações constantes. Normalmente, as pequenas criaturas desapareciam como bolhas a rebentar. Entre os animais, a morte é um risco diário que se corre no decurso da vida. Só um ser humano vinculado a uma criatura poderia ter soltado um tal rugido de consternação, indignação e mágoa por causa da morte de um animal.

Depois de ser arrancado ao sono por aquilo, desistira de qualquer esperança de voltar a adormecer. Era como se o ferimento que me fora causado pela perda de Olhos-de-Noite tivesse sido subitamente reaberto. Levantara-me e, relutante em acordar o Bobo, subira em vez disso à torre. De caminho encontrara o furão a arrastar a ratazana. Era a maior e mais lustrosamente saudável ratazana que eu alguma vez vira. Após uma perseguição e uma luta, o furão deixara-me ficar com ela. Não havia maneira de provar que aquela ratazana morta tinha sido o animal de Manha de alguém, mas as minhas suspeitas eram fortes. Eu guardara-a para a mostrar a Breu. Sabia que tínhamos um espião oculto no interior das muralhas do

castelo. O rebento linchado de loureiro que Loureira encontrara era prova suficiente disso. Agora parecia possível que a ratazana e o seu parceiro de Manha não só tivessem penetrado até à residência real, como conhecessem um pouco dos nossos covis escondidos. Esperei que o velho viesse à torre naquela noite.

Virava-me agora para os dois velhos pergaminhos de Talento que tínhamos andado a decifrar. Eram um desafio maior do que o dos velos sobre Fogojelo, e, no entanto, trabalhar neles era mais satisfatório. Breu acreditava que os dois faziam parte do mesmo trabalho, baseando-se na idade que o velo aparentava e no estilo de letras que era usado. Eu julgava que se tratava de dois trabalhos independentes, com base na escolha de palavras e nas ilustrações. Ambos estavam desbotados e gretados, com porções de palavras ou frases inteiras ilegíveis. Ambos estavam escritos numa letra arcaica que me dava dores de cabeça. Ao lado de cada rolo estava um bocado limpo de velo, com as traduções linha a linha de ambos, feitas por Breu e por mim. Ao olhar para elas, apercebi-me de que a letra que agora predominava era a minha. Olhei a última contribuição de Breu. Era uma frase que começava por “O uso de casco-de-elfo.” Franzi o sobrolho perante aquilo e encontrei a linha que lhe correspondia no antigo. A ilustração ao lado desta estava desbotada, mas era claro não se tratar de casco-de-elfo. A palavra que Breu traduzira como “casco-de-elfo” estava parcialmente oculta por uma mancha. Mas, examinando-a de olhos semicerrados, tive de concordar que “casco-de-elfo” parecia a configuração mais provável das letras. Bem, não fazia qualquer sentido. A menos que a ilustração não correspondesse àquela parte do texto. E, nesse caso, o fragmento que eu traduzira podia estar todo errado. Suspirei.

A garrafeira abriu-se. Breu entrou seguido por Obtuso, o qual trazia um tabuleiro cheio de comida e bebida. “Boa noite,” cumprimentei-os e pus cuidadosamente o meu trabalho de lado.

“Boa noite, Tomé,” cumprimentou-me Breu.

“Noite, amo,” *fedor de cão*, ecoou Obtuso.

Não me chames isso. “Boa noite, Obtuso. Julgava que nos íamos encontrar hoje mais cedo.”

O atrasado pousou o tabuleiro na mesa e coçou-se. “Esque-

ci-me,” disse com um encolher de ombros, mas os seus pequenos olhos estreitaram-se quando o disse.

Deitei a Breu um olhar de resignação. Eu tentara, mas o olhar mal-humorado do velho parecia dizer que não tentara com suficiente afinco. Tentei pensar numa maneira de me ver livre de Obtuso para poder discutir a ratazana com Breu.

“Obtuso? Da próxima vez que trouxeres lenha para a lareira podes trazer alguma a mais? Às vezes, à noite, fica bastante frio aqui em cima.” Indiquei com um gesto as chamas pouco intensas. Tivera de deixar que se reduzissem, visto que não havia mais lenha para as alimentar.

Fedor de cão frio. O pensamento chegou-me com clareza, mas ele limitou-se a ficar parado e a deitar-me um olhar frouxo como se não tivesse compreendido as minhas palavras.

“Obtuso? Dois carregamentos de lenha esta noite. Está bem?,” disse-lhe Breu, um pouco mais alto do que era necessário e preferindo cada palavra com clareza. Não conseguiria ele captar o quanto isso aborrecia Obtuso? O homem era simplório, não era surdo. E nem era estúpido, na verdade.

Obtuso anuiu lentamente. “Dois carregamentos.”

“Podias ir buscá-la já,” disse-lhe Breu.

“Já,” concordou Obtuso. Quando se virou para ir embora deitou-me uma breve olhadela pelo canto do olho. *Fedor de cão. Mais trabalho.*

Esperei até ele sair antes de falar com Breu. Este pusera o tabuleiro na mesa na frente dos rolos. “Ele já não tenta assaltar-me com o Talento. Mas usa-o para me insultar, em privado. Sabe que não consegues ouvi-lo. Não sei porque antipatiza tanto comigo. Não lhe fiz nada.”

Breu ergueu um ombro. “Bem, os dois vão simplesmente ter de ultrapassar isso e trabalhar juntos. E tu tens de começar depressa. O príncipe tem de ter uma espécie qualquer de círculo de Talento para o acompanhar nesta demanda, mesmo se só puder obter forças de um criado. Corteja o Obtuso, Fitz, e conquista-o. Precisamos dele.” Quando respondi às suas palavras com silêncio, ele suspirou. Olhando em volta, ofereceu: “Vinho?”

Indiquei a chávena que tinha em cima da mesa. “Não, obrigado. Tenho estado a beber chá quente esta noite.”

“Oh. Muito bem.” Breu deu a volta à mesa para ver em que eu estava a trabalhar. “Oh. Acabaste os pergaminhos sobre Fogojelo?”

Abanei a cabeça. “Ainda não. Não me parece que vá encontrar neles nada de útil. Parecem ser muito vagos no que toca ao dragão propriamente dito. São principalmente relatos de tremores de terra que supostamente provavam que o dragão puniria alguém se este não fizesse o que era justo, e assim o homem apercebe-se de que é melhor comportar-se de forma honrada.”

“Apesar disso, devias acabar de os ler. Pode haver lá alguma coisa, alguma menção escondida a um detalhe que possa ser útil.”

“Duvido. Breu, achas que existe algum dragão? Isto não poderá ser um estratagema de Eliânia para adiar o casamento, mandando o príncipe matar algo que não existe?”

“Estou convencido de que algum tipo de criatura está encerrada no gelo na ilha de Aslevjal. Há várias menções sobre ela estar visível nalguns dos pergaminhos muito antigos. Alguns invernos de nevões muito grandes e uma avalanche parecem tê-la ocultado. Mas durante algum tempo os viajantes nessa zona afastavam-se muito do seu caminho para ir olhar o glaciário e especular sobre o que estavam a ver dentro dele.”

Recostei-me na cadeira. “Oh, ótimo. Então talvez isto seja mais questão de pás e serras de cortar gelo do que de um príncipe com uma espada.”

Um sorriso tremeluziu brevemente na face de Breu. “Bem, se for caso de deslocar rapidamente gelo e neve, acho que arranjei uma técnica melhor. Mas ainda precisa de aperfeiçoamentos.”

“Ah. Então eras tu, na praia, no mês passado?” Eu ouvira boatos sobre outro relâmpago explosivo, este testemunhado por vários navios no porto. Esta explosão acontecera numa noite cerrada durante uma tempestade de neve. Confundira todos os que a tinham visto. Ninguém vira relâmpagos a cortar o céu, nem esperariam vê-los numa noite como aquela. Mas ninguém podia negar ter ouvido o rebentamento. Uma quantidade considerável de pedra e areia fora deslocada por ele.

“Na praia?”, perguntou-me Breu como se estivesse baralhado.

“Deixa lá,” concedi, quase com alívio. Não tinha qualquer vontade de ser incluído nas suas experiências com o pó explosivo.

“Como tem de ser,” concordou Breu. “Porque temos outras coisas a discutir, coisas de muito maior importância. Como está o príncipe a progredir nas suas lições de Talento?”

Estremeci. Não informara Breu de que o príncipe andara a faltar às aulas. A princípio esquivei-me, fazendo-lhe lembrar: “Tenho andado relutante em deixá-lo usar o Talento enquanto o vilamontês escamoso continuar por cá. Portanto temos andado só a estudar os pergaminhos...” Mas então vi de repente pouco sentido em esconder a verdade e absolutamente nenhum futuro em mentir a Breu. “Na verdade, ele não veio a nenhuma das aulas desde o banquete de despedida. Acho que continua zangado por ter descoberto que pus nele uma ordem de Talento.”

Breu franziu o sobrolho às novidades. “Bom. Tomarei medidas para corrigir o jovem. Independentemente de quão indignado esteja, é melhor que se dedique a essa tarefa. Ele amanhã estará lá. Vou tratar de que possa passar uma hora adicional contigo todas as manhãs e não lhe sintam a falta. Bom. Quanto a Obtuso. Tens de pôr mãos à obra para o ensinar, Fitz, ou pelo menos para o levar a obedecer-te. Deixo contigo o modo de o fazer, mas sugiro que subornos funcionarão melhor do que ameaças ou castigos. Bom. Tarefa seguinte: como propões que comecemos a procurar outros candidatos ao Talento?”

Sentei-me e cruzei os braços ao peito. Tentei conter a fúria quando perguntei: “Quer dizer que encontraste um Mestre do Talento para ensinar outros candidatos se os encontrares?”

Ele franziu-me as sobrancelhas. “Temos-te a ti.”

Abanei a cabeça. “Não. Eu ensino o príncipe a pedido dele. E tu coagiste-me a tentar ensinar Obtuso. Mas não sou um Mestre do Talento. Mesmo se tivesse os conhecimentos para o ser, não o seria. Não posso. Estás a pedir-me um compromisso vitalício. Estás a pedir-me para, a seu tempo, arranjar um aprendiz que pudesse assumir os deveres de um Mestre do Talento quando eu morresse. Não há a mínima hipótese de eu poder aceitar uma turma de estu-

dantes e instruí-los no Talento sem revelar a todos quem sou. Não o farei.”

Breu fitou-me, de boca ligeiramente entreaberta, surpreendido pela minha fúria contida. Isso pareceu dar ímpeto às minhas palavras.

“Além disso, preferia que me deixasses pôr fim à minha querela com o príncipe à minha maneira. Correrá melhor assim. É um assunto pessoal, entre mim e ele. E quanto a onde e quando poderei ensinar Obtuso? Nunca e em nenhum sítio,” disse bruscamente. “Ele não gosta de mim. É desagradável, grosseiro e malcheiroso. E, caso ainda não tenhas reparado, é atrasado mental. É um pouco perigoso confiar-lhe a magia dos Visionário. Mas mesmo se não fosse todas estas coisas, rejeitou todos os meus esforços para lhe ensinar o que quer que seja.” Aquilo era verdade, defendi-me para com os meus botões. Ele pusera um fim rápido a todas as minhas tentativas pouco convictas de entabular conversa, deixando-me numa nuvem de insultos transmitidos pelo Talento. “E é forte. Se o pressionar, pode levar essa antipatia por mim a um nível violento. Francamente, ele assusta-me.”

Se eu pensara levar Breu à fúria, falhei. Ele sentou-se lentamente na minha frente e bebeu um gole do seu vinho. Olhou-me em silêncio por um momento e depois abanou a cabeça. “Isto não pode ser, Fitz,” disse em voz baixa. “Eu sei que duvidas que sejas capaz de instruir o príncipe e criar um círculo para ele no tempo que tens disponível, mas como isso é algo que temos de fazer, tenho confiança de que arranjarás uma maneira.”

“*Tu* estás convencido de que o príncipe precisa de um círculo a seu lado antes de empreender esta demanda. Eu nem sequer tenho a certeza de que é uma verdadeira demanda, quanto mais de que um círculo seria capaz de o ajudar melhor do que um batalhão de soldados com pás.”

“Seja como for, mais cedo ou mais tarde o príncipe irá precisar dum círculo. Podes perfeitamente começar já a criar um.” Recostou-se na cadeira e cruzou os braços ao peito. “Tenho uma ideia de como encontrar candidatos prometedores para um círculo.”

Fitei-o em silêncio. Ele estava a ignorar despreocupadamente a

minha recusa em ser Mestre do Talento. As suas palavras seguintes exasperaram-me.

“Podia simplesmente pedir a Obtuso. Ele localizou Urtiga com facilidade. Se se decidir a isso e for recompensado por cada sucesso, talvez consiga encontrar outros.”

“Eu não quero mesmo ter nada a ver com o Obtuso,” disse eu em voz baixa.

“É uma pena,” respondeu Breu com igual suavidade. “Porque temo que isto já não seja questão de discussão entre nós dois. Deixa-me dizer o seguinte com clareza: são ordens que a rainha nos deu. Estivemos reunidos por várias horas esta manhã, a discutir Respeitador e a sua demanda. Ela partilha da minha opinião de que ele tem de ter um círculo que o acompanhe. Perguntou que candidatos tínhamos. Disse-lhe que tínhamos Obtuso e Urtiga. Ela deseja que o treino deles comece de imediato.”

Cruzei os braços ao peito por um momento e mantive o silêncio. Estava chocado, e não só por Urtiga ter sido incluída. Sabia que, no Reino da Montanha, bebés como Obtuso devia ter sido eram normalmente expostos aos elementos pouco depois do nascimento. Calculara que ela ficaria consternada com a noção de um homem daqueles lhe servir o filho. De facto, estivera a contar que o recusasse. A minha rainha voltara a surpreender-me.

Quando tive a certeza de conseguir falar numa voz firme, perguntei: “Ela já mandou buscar Urtiga?”

“Ainda não. A rainha deseja tratar deste assunto pessoalmente, com grande tato. Sabemos que se ela pedir isto, Castro pode voltar a recusar. Se o ordenar, bem, nenhum de nós consegue ter a certeza da resposta que ele poderia dar. Ela quer que tanto Castro como a rapariga concordem com a ideia. E, portanto, a maneira precisa de formular as convocatórias exigirá reflexão, mas neste momento a delegação de Vilamonte ocupa cada momento livre que tem. Depois de partirem ela convidará Castro e Urtiga a virem até cá para lhes explicar a ambos a necessidade. E talvez Moli também.” Com muito cuidado, acrescentou. “A menos, claro, que queiras ser tu a abordar o assunto com eles em nome da rainha. Nessa caso Urtiga poderia começar a ter aulas mais cedo.”

Respirei fundo. “Não. Não quero. E Kettricken não devia perder tempo a pensar em como abordá-los. Porque eu não ensinarei Urtiga a usar o Talento.”

“Achei que talvez fossem esses os teus sentimentos. Mas os sentimentos já não têm nada a ver com isto, Fitz. São as ordens da nossa rainha. Não temos alternativa senão obedecer.”

Escorreguei para baixo na cadeira. A derrota ergueu-se como bÍlis ao fundo da minha garganta. Pronto. AÍ estava. A ordem da minha rainha era sacrificar a minha filha às necessidades do herdeiro Visionário. A sua vida pacÍfica e a segurança do seu lar não valiam de nada perante as necessidades do trono Visionário. Eu já ali estivera. Em tempos teria acreditado que não tinha alternativa que não fosse obedecer. Mas esse fora um Fitz mais novo.

Refleti sobre o assunto por um momento. Kettricken, a minha amiga, a esposa do meu tio Veracidade, era uma Visionário em virtude do casamento. Os juramentos que eu fizera em criança e em jovem vinculavam-me aos Visionário, obrigavam-me a servir conforme mo ordenassem, até a dar a vida por eles. Para Breu, o meu dever parecia claro. Mas o que era um juramento? Palavras ditas em voz alta com a boa intenção de lhes obedecer. Para alguns, não passavam disso mesmo, palavras que podiam ser deitadas fora quando a situação ou o coração mudavam. Homens e mulheres que tinham jurado fidelidade divertiam-se com outros ou simplesmente abandonavam os seus parceiros. Soldados sob juramento a um senhor desertavam nos invernos frios e magros. Nobres ajuramentados a uma causa abandonavam as suas obrigações quando o outro lado lhes oferecia mais vantagens. Pois. Seria verdade que eu estava obrigado a obedecer-lhe? Descobri que a minha mão se dirigira ao pequeno alfinete da raposa preso na parte de dentro da camisa.

Havia cem razões para não desejar obedecer-lhe, razões que nada tinham a ver com Urtiga. O Talento, como já dissera a Breu, era uma magia que melhor seria deixar morrer. Mas deixara-me convencer a ensinar Respeitador. Ler os pergaminhos de Talento não me deixara mais certo da minha decisão de o ensinar. O âmbito de ação do Talento, que vislumbrara nesses pergaminhos esquecidos,

era mais vasto do que qualquer coisa que Veracidade se atrevera a imaginar. Pior, quanto mais lia mais me apercebia de que o que nós possuíamos não era a biblioteca do Talento, mas apenas os fragmentos que dela restavam. Tínhamos os rolos que falavam dos deveres dos instrutores, e os rolos que delineavam os usos mais sofisticados dos Talentos. Devia ter havido outros rolos, aqueles que falavam dos princípios básicos e de como um utilizador de Talento podia estruturar as suas capacidades e controlo até ao nível exigido pelos fins mais avançados. Mas não tínhamos esses. Só El sabia o que lhes acontecera. Os fragmentos de conhecimento sobre o Talento que eu vislumbrara tinham-me convencido de que a magia proporcionava capacidades quase equiparáveis aos poderes dos deuses. Com o Talento era possível ferir ou curar, cegar ou iluminar, encorajar ou esmagar. Não me julgava suficientemente sensato para brandir uma tal autoridade e muito menos decidir quem deveria herdá-la. Quanto mais Breu lia, mais ansioso e ávido ele se tornava pela magia que lhe fora negada pelo seu nascimento ilegítimo. Ele assustava-me, com frequência, com o seu entusiasmo por tudo o que o Talento parecia oferecer. E assustava-me de uma forma diferente que insistisse em aventurar-se sozinho na magia. Que não dissesse nada nos últimos tempos fazia-me nutrir a esperança de que não tivesse tido qualquer sucesso.

Mas não me atrevia a ter esperança de que ele deixasse a decisão nas minhas mãos. Podia recusar, podia fugir, mas mesmo sem mim Breu iria dedicar-se à magia. A sua vontade era forte e o mesmo acontecia ao desejo que sentia pelo Talento. Iria tentar ensinar não só a si próprio, mas também Respeitador e Obtuso. E apercebi-me de que Urtiga também. Porque Breu via o Talento não como perigoso, mas como desejável. Sentia que tinha direito a ele. Era um Visionário, e a magia Visionário era legitimamente sua, embora o seu direito de nascimento lhe tivesse sido negado porque era um Visionário bastardo. Tal como a minha filha.

De súbito pus o dedo numa ferida que ulcerara em mim durante anos. A magia Visionário. Era isso que o Talento era. Supostamente, os Visionários tinham “direito” a essa magia. E essa pressuposição trazia consigo a noção de que um Visionário possuía a sensatez para

utilizar uma tal magia no mundo. Breu, nascido do lado errado dos lençóis, fora julgado indigno e fora-lhe friamente negada qualquer educação no Talento. Talvez nunca tivesse tido qualquer capacidade para ele; talvez esta tivesse mirrado, com a falta de nutrição. Mas a injustiça de lhe ser negada a oportunidade ainda devorava o velho, depois de tantos anos. Fiquei com a certeza de que era essa ambição frustrada que estava por trás do desejo que o consumia de voltar a pôr o Talento em uso. Ver-me-ia como alguém que privava Urtiga da mesma forma que o tinham privado a ele? Olhei-o. Se Veracidade, Breu e Paciência não tivessem intervindo em meu favor, eu podia ser como ele.

“Estás muito calado,” disse Breu em voz baixa.

“Estou a pensar,” respondi.

Ele franziu o sobrolho. “Fitz. É uma ordem da rainha. Não um pedido sobre o qual pensar. Uma ordem para obedecer.”

Não era um pedido sobre o qual pensar. Na minha juventude houvera tantas coisas sobre as quais não pensara. Limitara-me a cumprir o meu dever. Mas nessa altura era um rapaz. Agora era um homem. E hesitava, não entre o dever e o não dever, mas entre o certo e o errado. Tentei distanciar-me da questão. Estaria certo ensinar o Talento a outra geração e preservá-lo no nosso mundo? Estaria certo deixar esse conhecimento falhar e escapar para lá do alcance da humanidade? Se tinha sempre de haver alguns que não o possuíam, seria mais justo negá-lo a todos? Seria a prudente posse de uma magia como o acumular de riqueza, ou seria simplesmente um talento que ou se tinha ou não se tinha, como a capacidade de disparar bem um arco ou cantar na perfeição todas as notas de uma canção?

Senti-me cercado pelas questões que rodopiavam na minha cabeça. No meu íntimo, outra questão gritava por mim. Não haveria maneira de defender Urtiga disto? Porque não conseguia suportar a ideia. Não conseguia suportar ver tudo aquilo que eu sacrificara tornado inútil quando os segredos do nascimento dela e da minha sobrevivência fossem de súbito revelados àqueles que eram mais vulneráveis a esses segredos. Podia recusar-me a ensinar o Talento, mas isso não protegeria a paz dela. Podia raptá-la de sua casa e fugir,

mas então estaria a ser precisamente tão destrutivo como aquilo que temia.

Quando Panela me ensinara o jogo das pedras eu tivera um dia uma mudança súbita de perceção. O lobo estivera comigo nessa altura. Eu vira as pedrinhas nos seus lugares nos cruzamentos das linhas do tabuleiro não como uma situação fixa mas como apenas um ponto num vasto fluxo de possibilidades. Não podia vencer o jogo de Breu dizendo que não. Mas, e se dissesse que sim?

Sempre escolheste ficar limitado por quem és. Escolhe agora ser libertado por quem és.

Sustive a respiração quando este pensamento me passou a flutuar, sem ser solicitado, pela mente. *Olhos-de-Noite?* Procurei alcançá-lo, mas o pensamento era tão desprovido de fonte como o vento. Não tinha certeza se o Talento me trouxera o pensamento de outra pessoa qualquer, ou se a convicção se erguera de algum lugar profundamente enraizado em mim. Viesse de onde viesse, a verdade ressoava nele. Manuseei essa convicção com delicadeza, temendo que me cortasse. Então estava limitado por quem era. Eu era um Visionário. Mas de uma maneira estranha e distante, isso libertava-me.

“Quero uma promessa,” disse devagar.

Breu apercebeu-se da mudança de direção em mim. Cautelosamente, pousou o copo de vinho. “Queres uma promessa?”

“Sempre houve uma troca recíproca entre o Rei Sagaz e eu. Eu era dele. E em troca disso, ele sustentava-me e assegurava-se de que eu era ensinado. Sustentou-me muito bem, algo de que só me apercebi em pleno desde que sou adulto. Quero pedir agora uma promessa semelhante.”

Breu juntou as sobranceiras, olhando-me. “Falta-te alguma coisa? Bem, eu sei que o teu alojamento atual deixa muito a desejar, mas, como te disse, esta divisão pode ser modificada como mais te agrada para te satisfazer as necessidades. A tua atual montada parece ser boa, mas se preferires um cavalo melhor, eu posso arranjar...”

“Urtiga,” disse eu em voz baixa.

“Queres que Urtiga tenha as necessidades satisfeitas? Isso podia conseguir-se mais facilmente se a trouxéssemos para cá, para ser

educada e lhe ser oferecida a oportunidade de conhecer jovens de boa posição e...”

“Não. Não quero que lhe satisfaçam as necessidades. Quero que ela seja deixada em paz.”

Ele abanou lentamente a cabeça. “Fitz, Fitz. Bem sabes que não te posso dar isso. A rainha ordena que ela seja trazida para cá e ensinada.”

“Não te peço a ti. Peço à minha rainha. Se concordar em tornar-me o seu Mestre do Talento, ela tem de concordar em deixar-me ensinar à minha maneira, quem eu escolher, em segredo. E tem de prometer deixar a minha filha em paz. Para sempre.”

Uma terrível expressão atravessou-lhe o rosto. Os olhos iluminaram-se-lhe com uma frenética esperança de que eu aceitasse o papel de Mestre do Talento. Mas o preço que pedira por isso fazia-o vacilar. “Queres pedir uma promessa à tua rainha? Não achas demasiado atrevimento?”

Contraí o maxilar. “Talvez. Mas os Visionário talvez se tenham atrevido demasiado comigo durante muito tempo.”

Ele inspirou longamente pelo nariz. Sabia que estava a armazenar a ira na garrafa da esperança. As suas palavras soaram gelidamente formais. “Apresentarei a tua proposta a Sua Majestade e transmitir-te-ei a sua resposta.”

“Por favor,” repliquei, numa voz baixa e cortês.

Ele levantou-se, hirto e, sem me dirigir mais palavra, foi-se embora. Apercebi-me nesse silêncio de que a sua ira era mais profunda do que eu supusera. Precisei de um momento para perceber porquê. Eu não era como ele, nem como Visionário, nem como assassino. Não tinha a certeza de que isso fazia de mim um homem melhor do que ele. Desejei deixá-lo partir naquele momento, mas sabia que havia outros assuntos que tínhamos de discutir.

“Breu. Antes de te ires embora há mais uma coisa que tenho de te dizer. Acho que tivemos um espião nos nossos corredores secretos.”

Ele pôs a fúria de lado, arrancando-se a ela duma forma quase visível. Quando se virou, ergui a tigela para revelar a ratazana. “O furão matou isto ontem à noite. Senti alguém chorar a sua morte.

Acho que este era o animal de Manha de alguém em Torre do Cervo. Pode ser a mesma pessoa que encontrei na estrada na véspera do noivado do príncipe.”

Fazendo uma careta de desagrado, Breu debruçou-se sobre a ratazana e empurrou-a com um dedo. “Há alguma maneira de saber de quem era?”

Abanei a cabeça. “Não com certeza. Mas isto terá perturbado muito alguém. Suspeito que irão precisar de pelo menos um dia e picos para recuperar. Portanto se alguém desaparecer do turbilhão social da corte durante um dia ou dois, podes querer fazer-lhe uma visita para ver o que o aflige.”

“Investigarei. Quer dizer que pensas que o nosso espião é um nobre?”

“Essa é a parte difícil. Pode ser um homem ou uma mulher, nobre, criado ou bardo. Pode ser alguém que viveu aqui a vida inteira, ou alguém que só está cá desde o início das celebrações do noivado.”

“Há alguém de que suspeites?”

Franzi a testa por um momento. “Talvez pudéssemos olhar mais de perto para o grupo Bresinga. Mas só porque sabemos que pelo menos alguns deles são Manhosos e simpatizantes de outros possuidores da Manha.”

“Isso é um grupo pequeno. Cortês Bresinga está cá com um criado pessoal, um pajem e acho que um palafreireiro para o cavalo. Investigá-los-ei.”

“Interessa-me o facto de ele ter permanecido por cá quando tantos dos outros nobres regressaram às respetivas propriedades. Seria possível descobrir discretamente porquê?”

“Ele tornou-se bom amigo do príncipe. É do interesse da família que explore essa ligação. Mas vou perguntar discretamente como andam as coisas no Castelo de Vendavália. Tenho lá uma pessoa, sabes?”

Anuí gravemente.

“Ela disse que o pessoal parece ter vindo a declinar no último mês e picos. Velhos criados partiram, e os novos parecem não ter maneiras nem disciplina. Disse que houve um incidente com uns ajudantes de cozinha novos que se serviram dos vinhos da adega. A cozinheira ficou muito aborrecida por os encontrar bêbados e ainda mais pertur-

bada por descobrir que a ratonice já durava há algum tempo. Quando a Dama Bresinga não pôs os culpados na rua, a cozinheira foi-se embora e ela já fazia parte do pessoal há vários anos. E parece que há uma mudança nos hóspedes que são lá recebidos. Em vez dos proprietários e da pequena nobreza que lá se alojava, a Dama Bresinga hospedou vários grupos de caçadores, que pareceram à pessoa que lá tenho muito pouco sofisticados, mesmo rústicos.”

“Pensas que isso significa o quê?”

“Que talvez a Dama Bresinga esteja a formar novas alianças. Suspeito que os seus novos amigos são, no melhor dos casos, Manhosos e, no pior, pigarços. Mas pode não ser com o consentimento da dama. A pessoa que lá tenho diz que a Dama Bresinga passa cada vez mais tempo sozinha nos seus aposentos, mesmo quando os ‘convidados’ estão a jantar.”

“Intercetaste alguma carta entre ela e Cortês?”

Breu abanou a cabeça. “Nos últimos dois meses, não. Não parece ter havido nenhuma.”

Abanei a cabeça. “Acho isso extremamente curioso. Está-se a passar lá alguma coisa. Devíamos vigiar o jovem Cortês mais atentamente do que nunca.” Suspirei. “Esta ratazana é o primeiro sinal de atividade pigarça que tivemos desde o raminho linchado de Loureira. Tive a esperança de que esse desassossego tivesse acabado.”

Breu respirou fundo e soltou o ar lentamente. Regressou à mesa e sentou-se. “Houve outros sinais,” disse em voz baixa. “Mas, tal como este, não foram óbvios.”

Aquilo era novidade para mim. “Ah sim?”

Ele pigarreou. “A rainha conseguiu suprimir as execuções de Manhosos em Cervo. Pelo menos, as execuções públicas. Suspeito de que nas aldeias e vilas mais pequenas elas possam acontecer sem que nos chegue qualquer informação. Ou podem ser feitas sob pretexto de se estar a punir outro crime qualquer. Mas em lugar de execuções tem havido assassínios. Serão estes cidadãos a matar Manhosos? Ou pigarços a agir contra os seus para os forçar à submissão? Não sabemos. Só sabemos que as mortes prosseguem.”

“Já tínhamos discutido isso. Como disseste, a rainha Kettricken pouco pode fazer a esse respeito,” disse eu num tom neutro.

Breu fez um pequeno som com a garganta. “Ser-me-ia muito útil se conseguisses convencer disso a nossa rainha. Incomoda-a muito, Fitz. E não é só porque o filho é Manhoso.”

Baixei a cabeça, reconhecendo a preocupação que ela sentia por mim. “E fora de Cervo?”, perguntei em voz baixa.

“É mais difícil. Os ducados sempre levaram a mal que a coroa mostrasse um interesse demasiado profundo naquilo que veem como questões ‘pessoais’ de poder e justiça. Exigir que Vara ou Lavra parem por completo de executar pessoas por causa da Manha é como exigir que Razos cesse toda a pressão ao longo da fronteira com Calcede.”

“Razos sempre disputou com Calcede a fronteira entre ambos.”

“E Vara e Lavra sempre executaram Manhosos.”

“Isso não é inteiramente verdade.” Recostei-me na cadeira. Gostara de ter acesso à coleção de pergaminhos de Breu e à biblioteca de Torre do Cervo. “Antes do tempo do Príncipe Pigarço a Manha era vista à mesma luz das magias equívocas. Uma magia não muito poderosa, mas se um homem a possuía, possuía-a. Não o tornava mau nem repugnante.”

“Bem,” concedeu Breu. “É verdade. Mas a atitude do povo está agora tão enraizada que é quase impossível erradicá-la. A Dama Paciência fez o melhor que pôde em Vara. Quando não conseguiu evitar uma execução, puniu mais tarde, com grande dedicação, os envolvidos. Ninguém a pode acusar de não ter tentado.” Mordeu o lábio superior. “Na semana passada, a rainha recebeu uma mensagem anónima.”

“Porque não fui informado?”, perguntei no mesmo instante.

“Porque haverias de ser?”, perguntou ele em resposta. Depois, perante o meu cenho franzido, suavizou o tom de voz. “Havia pouco a informar. A mensagem não fazia exigências nem ameaças. Limitava-se a listar o nome daqueles que foram executados nos Seis Ducados por Manha nos últimos seis meses.” Suspirou. “Era uma lista de bom tamanho. Quarenta e sete nomes.” Ergueu a cabeça para mim. “Não estava marcada com o cavalo pigarço. Portanto, pensamos que veio de uma facção diferente de Manhosos.”

Refleti sobre aquilo por algum tempo. “Acho que os Manhosos

sabem que têm a atenção da rainha. Acho que estão a informá-la do que está a acontecer, para ver o que ela fará. Não fazer nada seria um erro, Breu.”

Ele confirmou com a cabeça, satisfeito, ainda que a contragosto. “Foi assim também que vi o assunto. A rainha diz que a mensagem mostra que estamos a fazer progressos em conquistar a confiança dos Manhosos. Eles não lhe enviariam uma tal lista, a menos que pensassem que havia algo que ela pudesse fazer. Estamos a fazer um esforço para encontrar familiares dos executados. Depois, cada ducado será informado de que terá de lhes pagar ouro de sangue.”

“Duvido que tenhais muito sucesso a encontrar familiares. As pessoas não se sentem confortáveis por admitir que são parentes de possuidores da Manha.”

Ele voltou a fazer um aceno. “No entanto, encontrámos alguns. E o ouro de sangue pelos outros será guardado aqui, em Torre do Cervo, pelo contabilista da rainha. Nos casos em que não conseguir encontrar familiares, ordenará que sejam afixadas notificações, informando que os que tiverem parentesco com os executados podem vir a Cervo para obter compensação.”

Refleti durante algum tempo. “A maioria terá medo de vir. E o ouro pode ser visto como um gesto frio. Alguns nobres podem mesmo achar que o preço vale a pena para livrarem os seus domínios de Manhosos. Como honorários pagos a um caçador de ratazanas.”

Breu baixou a cabeça e esfregou as têmporas. Quando ergueu o rosto e me olhou, esse rosto estava fatigado. “Fazemos o melhor que podemos, FitzCavalaria. Tens alguma sugestão melhor?”

Pensei mais algum tempo. “Não propriamente. Mas gostava de ver os rolos que eles enviaram. Este que lista os nomes e os anteriores que possa haver. Especialmente aquele que chegou logo antes de o príncipe ser levado.”

“Se desejas vê-los, vê-los-ás.”

Havia qualquer coisa na voz dele. Os pelos na minha nuca puseram-se em pé. Falei com cuidado. “Já tinha dito que queria vê-los. Várias vezes. Quero mesmo vê-los, Breu. Quando poderei olhar para eles?”

Ele deitou-me um olhar por baixo de sobrancelhas descidas. Depois levantou-se e, com passos pesadamente lentos, dirigiu-se à estante dos pergaminhos. “Suponho que, a seu tempo, todos os meus segredos devam ser-te transmitidos,” observou com relutância. Depois, por meio de algo que eu não consegui distinguir, fez qualquer coisa para soltar um trinco. O remate decorativo no topo da estante dobrou-se para baixo. Ele enfiou uma mão lá dentro e, passado um momento, tirou para fora três rolos. Eram todos pequenos e estavam firmemente enrolados em cilindros que podiam ser escondidos no punho fechado de um homem. Levantei-me, mas ele fechou a estante antes de eu conseguir ver o que mais estaria oculto aí.

“Como foi que abriste isso?,” quis saber.

O sorriso que ele fez foi muito pequeno. “Eu disse ‘a seu tempo,’ Fitz. Não ‘hoje.’” O tom de voz era o do meu antigo mentor. Parecia ter posto de parte o aborrecimento que sentira comigo pouco antes. Regressou para junto de mim e apresentou-me os três rolos na palma da mão estendida. “Kettricken e eu tivemos as nossas razões. Espero que as julgues suficientemente boas.”

Peguei nos rolos, mas, antes mesmo de poder abrir um deles, a estante dos pergaminhos voltou a deslizar para o lado e Obtuso entrou. Enfiei todos os rolos pela manga acima, num movimento tão treinado que era quase instintivo. “E agora tenho de ir andando, FitzCavalaria.” Virou-se para Obtuso. “Obtuso. Tu devias ter-te encontrado com Tomé mais cedo. Agora que estais ambos aqui, quero que passeis algum tempo juntos. Quero que sejais amigos.” O velho assassino deitou-me um último olhar mordaz. “Tenho a certeza de que agora ireis ter uma conversa agradável. Boa noite a ambos.”

E deixou-nos assim. Pareceria ele aliviado por se ir embora? Apressou-se a sair antes mesmo de a estante ter tempo de se fechar atrás de Obtuso. O criado idiota trazia um carregamento duplo de lenha numa tela atirada por cima de um ombro. Olhou em volta, talvez surpreendido por ver Breu partir tão depressa. “Lenha,” disse-me. Deixou cair o seu fardo no chão, endireitou-se e virou-se para se ir embora.

“Obtuso.” A minha voz fê-lo parar. Breu tinha razão. Devia pelo

menos ensinar o homem a obedecer-me. “Sabes que não é isso que deves fazer. Empilha a lenha no suporte ao lado da lareira.”

Ele fitou-me furioso, fletindo os ombros e esfregando as pequenas mãos uma na outra. Depois pegou numa ponta da tela e arrasou a lenha na direção da lareira, derramando de caminho ramos, bocados de casca e terra. Eu nada disse. Ele agachou-se ao lado do suporte e, com bastante mais veemência e ruído do que era necessário, começou a empilhar a lenha. Olhou-me frequentemente por cima do ombro enquanto trabalhava, mas não consegui decifrar se as olhadelas eram de hostilidade ou de medo. Servi-me de um copo de vinho e tentei ignorá-lo. Teria de haver uma maneira de lidar com Obtuso todos os dias. Não o queria perto de mim, muito menos ensiná-lo. Na verdade, achava o seu corpo deformado e o comportamento estúpido algo repugnantes.

Como Galeno me achara a mim. Precisamente como Galeno não quisera ensinar-me.

Aquele pensamento espicçou-me num ponto dorido que nunca chegara a sarar por completo. Senti um momento de vergonha enquanto o via desempenhar, carrancudo, a sua tarefa. Ele não pedira mais para se transformar numa ferramenta da coroa Visionário do que eu. Tal como acontecera comigo, o dever caíra sobre ele. E também não escolhera nascer deformado e idiota. Brotou na minha mente a noção de que havia uma pergunta que ainda ninguém fizera, uma pergunta que de súbito me pareceu importante. Uma pergunta que podia colocar toda a questão de um círculo para Respeitador sob uma luz diferente.

“Obtuso,” disse eu. Ele grunhiu. Eu não disse mais nada até ele parar na sua birra de lenha e se virar para me deitar um olhar furiundo. Não era, talvez, a melhor altura para lhe fazer uma pergunta. Mas duvidava de que alguma vez houvesse uma altura favorável para eu e Obtuso termos aquela conversa. Quando tive a certeza de que ele estava a prestar atenção, com os seus olhos pequenos a olhar-me, carrancudos, voltei a falar. “Obtuso. Gostavas que eu te ensinasse a usar o Talento?”

“Quê?” Ele pareceu desconfiado, como se esperasse que eu o transformasse em alvo de chacota.

Respirei fundo. “Tens uma capacidade.” A carranca dele aprofundou-se. Clarifiquei. “Uma coisa que consegues fazer e os outros não conseguem. Às vezes usa-la para fazeres com que as pessoas ‘não te vejam.’ Às vezes usa-la para me chamares nomes, nomes que Breu não consegue ouvir. Como ‘fedor de cão.’” Aquilo levou-o a fazer um sorrisinho. Ignorei-o. “Gostavas que eu te ensinasse a usá-la de outras maneiras? De boas maneiras que te possam ajudar a servir o príncipe?”

Ele nem sequer pensou na ideia. “Não.” Virou-me costas e recomeçou a estrondear com os bocados de lenha na pilha.

A rapidez da sua resposta surpreendeu-me um pouco. “Porque não?”

Ele balançou para trás sobre os calcanhares e olhou para mim. “Já tenho trabalho que chegue.” Deitou uma olhadela furiosa de mim para a lenha. *Fedor de cão.*

Não faças isso. “Bom. Todos temos trabalho que temos de fazer. É a vida.”

Ele não deu resposta de qualquer tipo, limitou-se a bater deliberadamente com cada tronco no lugar. Respirei fundo e decidi não reagir àquilo. Perguntei a mim próprio o que poderia levar a torná-lo, mesmo que apenas um pouco, mais agradável. Porque, de repente, queria ensiná-lo. Podia começar com ele, como sinal do meu empenho dado à rainha. Poderia Obtuso ser subornado para tentar aprender a usar o Talento, como Breu sugerira? Poderia eu comprar a segurança da minha filha tentando-o? “Obtuso,” perguntei-lhe. “O que é que tu queres?”

Isso fê-lo parar. Virou-se para olhar para mim e a testa enrugou-se-lhe. “Queres?”

“O que é que tu queres? O que é que te faria feliz? O que queres da vida?”

“O que é que eu quero?” Franziu os olhos, como se conseguisse compreender as minhas palavras se me visse melhor. “Quer dizer, para ter? Meu?”

A cada pergunta, eu confirmava com a cabeça. Ele levantou-se lentamente e coçou a parte de trás do pescoço. Os lábios projetaram-se-lhe enquanto pensava, e com eles a língua também apareceu

cá fora. “Quero... quero aquele cachecol vermelho que o Barulhento tem.” Parou e fitou-me com ar amuado. Acho que esperava que lhe dissesse que não podia tê-lo. Eu nem sequer sabia quem era o Barulhento.

“Um cachecol vermelho. Acho que te consigo arranjar isso. Que mais?”

Durante minutos, ele limitou-se a fitar-me. “E um bolo cor-de-rosa, para o comer inteiro. Não quero um queimado. E... e um monte de passas.” Parou e depois olhou-me, num desafio.

“E que mais?”, perguntei-lhe. Nenhuma daquelas coisas parecia demasiado difícil de arranjar.

Ele olhou-me, aproximando-se. Achava que eu estava a troçar dele. Eu tornei a voz gentil quando perguntei: “Se tivesses essas coisas todas, agora mesmo, que mais ias querer?”

“Se eu tivesse... ?”

“Passas e um bolo e um cachecol vermelho. Que mais?”

A sua boca moveu-se, os seus pequenos olhos semicerraram-se. Julgo que ele nunca pensara na possibilidade de querer mais do que aquelas coisas. Teria de o ensinar a ter fome se queria usar subornos. Ao mesmo tempo, a simplicidade das coisas por que aquele homem ansiava como se fossem inatingíveis atingiu-me o coração. Ele não estava a pedir melhor salário ou mais tempo para si. Só as pequenas coisas, os pequenos prazeres que tornavam tolerável uma vida dura.”

“Quero... uma faca como a que tens. E uma daquelas penas, daquelas penas grandes com os olhos lá. E um apito. Um apito vermelho. Eu tinha um — a mamã deu-me um apito vermelho, um apito vermelho com um cordel verde.” Franziu mais o sobrolho, a pensar. “Mas eles roubaram-no e partiram-no.” Por um instante não disse mais nada, respirando roucamente enquanto recordava. Perguntei a mim próprio há quanto tempo teria aquilo acontecido. Os seus pequenos olhos estavam quase fechados com o esforço que fazia ao recordar-se. Eu julgara-o estúpido demais para ter memórias que chegassem à infância. Estava a rever rapidamente a minha imagem de quem Obtuso era ao certo. A sua mente certamente não funcionava como a minha ou a de Breu, mas funcionava. Então ele pestanejou várias vezes com os pequenos olhos e respirou funda e entrecorta-

damente. As palavras soaram um soluço. As suas palavras, indistintas nos melhores momentos, eram agora quase incompreensíveis. “Eles nem sequer queriam soprá-lo. Eu disse: ‘Podeis soprá-lo. Mas depois devolvi-o.’ Mas eles nem sequer o sopraram. Só o partiram. E riram-se de mim. O meu apito vermelho que a mamã me deu.”

Talvez houvesse um elemento de humor em ver o homenzinho atarracado com a sua língua de fora a chorar a perda do apito. Conheci muitos homens que teriam rido à gargalhada. Quanto a mim, sustive a respiração. A dor irradiava dele como calor de uma fogueira, e incendiou memórias de juventude minhas, há muito enterradas. O modo como Majestoso me dava um empurrão descontraído quando passava por mim no corredor, ou me espezinhava as peças enquanto eu estava num dos meus jogos privados no chão do canto do Salão Menor. Aquilo partiu qualquer coisa em mim, qualquer muralha que eu mantivera entre mim e Obtuso por causa de todas as diferenças que via entre nós. Afinal, ele era idiota e gordo, tinha um corpo desajeitado e mal feito, era malcriado. Era grosseiro, malcheiroso e tinha más maneiras. E era tão marginalizado naquele castelo de riqueza e prazer como eu fora quando era Anónimo, o moço dos cães. Não importava que tivesse uma idade de homem. Quem vi subitamente foi o rapaz, o rapaz que nunca poderia ser um homem, nunca poderia dizer que tais mágoas eram uma parte do seu passado, de quando era vulnerável. Obtuso seria sempre vulnerável.

Eu pretendia suborná-lo. Pretendia descobrir o que ele queria e depois usar essas coisas como chamariz para o levar a fazer o que eu queria. Não de uma forma cruel, mas para negociar com ele a obediência à minha vontade. Não teria sido assim tão diferente do modo como o meu avô me comprara em tempos. O rei Sagaz dera-me um alfinete e uma promessa de educação. Nunca me oferecera o seu amor, embora eu julgue que acabara por gostar de mim tal como eu gostara dele. Mas eu sempre desejara que a sua compaixão tivesse sido a primeira coisa que me oferecera, e não a última. Suspeitei que, perto do fim, ele partilhara comigo esse vão desejo.

E assim dei por mim a proferir palavras em voz alta antes de

saber que as tinha pensado. “Oh, Obtuso. Não te tratámos bem, pois não? Mas faremos melhor. Isso prometo-te. Tratar-te-emos melhor antes de te voltar a pedir para aprenderes esta coisa por mim.”



Altercação



Nas Ilhas Externas não são mais de três os lugares que valem o tempo do viajante. O primeiro destes lugares é o Ossário de Gelo na Ilha Perigosa. Este é o lugar onde os ilhéus há séculos enterram os seus maiores guerreiros. As mulheres são por costume enterradas dentro dos limites das terras das suas famílias. Considera-se que misturar o sangue, carne e ossos com o solo pobre que a maior parte das propriedades cultiva é a derradeira partilha oferecida às suas famílias. Os homens, por outro lado, são normalmente oferecidos ao mar. Só os maiores dos seus heróis são enterrados no campo glaciário da Ilha Perigosa. Os monumentos que cobrem cada uma das campas são feitos de gelo esculpido. Os mais antigos estão desgastados e irrecuperáveis, embora de tempos a tempos pareçam ser renovados pelas pessoas da ilha. Num esforço para protelar o inevitável desgaste do gelo, os monumentos são esculpidos num tamanho muitas vezes superior ao natural. As criaturas representadas são normalmente o símbolo do clã do herói. E assim o visitante irá descobrir ali ursos imensos, focas monumentais, lontras gigantes e um peixe que encheria um carro de bois.

O segundo lugar merecedor duma visita é a Gruta dos Ventos. Aqui reside o Oráculo dos Ilhéus. Há quem diga que se trata de uma jovem e núbil donzela que surge nua apesar dos ventos gélidos. Outros dizem que é uma velha, idosa para lá da imaginação, e sempre vestida com uma pesada veste de peles de ave. Outros ainda dizem que ambas são uma e a mesma. Ela não sai para cumprimentar todos os viajantes que lhe aparecem à porta. Na verdade, este viajante não chegou a vislumbrá-la. O chão à volta da entrada da gruta está, ao longo de vários acres, juncado de oferendas ao Oráculo. Tocá-la basta, diz-se, para trazer a morte.

O terceiro lugar que vale o esforço do viajante é a imensa ilha de gelo de Aslevjal. Ao passo que muitas das Ilhas Externas estão carregadas com glaciares, Aslevjal está imersa num. Só pode ser abordada numa maré baixa que ponha a descoberto uma orla de praia negra e rochosa no lado oriental da ilha. A partir daí é preciso subir o flanco do glaciar com cordas e machados. Guias auxiliares podem ser contratados na Ilha de Rogeon. São caros, mas diminuem grandemente o risco da escalada. O caminho que leva ao Monstro do Glaciar é traiçoeiro. O que parece ser gelo sólido pode não ser mais do que flocos de neve soprados pelo vento para cima duma fenda para formar uma crosta enganadora. Mas, apesar do frio, das dificuldades e dos perigos, vale a pena o risco para enfrentar o Monstro encurralado no interior do gelo. À chegada, conta-se que os vossos assistentes passem algum tempo a afastar a mais recente camada de neve da janela que dá para a fera. Uma vez limpa, o viajante pode pasmar tanto quanto queira. Embora pouco mais esteja visível do que o dorso, as omoplatas e as asas da criatura, e a vista seja pouco nítida, o tamanho do Monstro não pode ser posto em causa. Como todos os anos o gelo se embacia mais, este estranho local acabará por desaparecer de tudo, salvo da memória do homem.

— “VIAGENS NAS TERRAS DO NORTE,” CRÃO TENHOBONFRIO

Durante talvez uma hora depois de Obtuso se ter ido embora, fiquei a fitar a lareira recém-alimentada. A minha conversa com o homem deixara-me de coração pesado. Ele suportava um tal fardo de tristeza, toda provocada pela crueldade das pessoas que não conseguiam tolerar a sua diferença. Um apito. Um apito vermelho. Bom, faria o meu melhor para tratar de lhe arranjar um, independentemente de isso o tornar ou não mais recetivo à aprendizagem do Talento.

Fiquei mais algum tempo sentado, perguntando a mim próprio o que a rainha diria a Breu quando ele lhe expusesse a minha proposta. Agora arrependia-me dela: não de ter decidido fazê-la, mas de não lhe ter dito que faria pessoalmente o pedido. Parecia uma covardia enviar o velho em meu lugar, como se temesse apresentar-me a Kettricken. Bom. Agora não podia mudar nada.

Após ter passado algum tempo a matutar nisso, lembrei-me dos pequenos rolos que enfiara na manga. Um por um, puxei-os para fora. Estavam escritos em papel de casca de árvore, que se ia tornando quebradiço e rijo à medida que envelhecia, e já remitante em desenrolar-se. Persuadi cautelosamente um deles a abrir-se sobre a mesa e mantive-o aberto com pesos. Depois tive de trazer um castiçal para perto dele antes de conseguir distinguir a caligrafia indistinta e desbotada. O primeiro que abri foi aquele de que Breu não me falara. Dizia simplesmente: “Sombrio Cornemprestado e a sua mulher Gelne, da Cidade de Torre do Cervo, são ambos Manhosos. Ele tem um cão de caça e ela um terrier.” Isto estava assinado apenas com o esboço de um cavalo pigarço. Nada havia que indicasse quando fora enviado. Perguntei a mim próprio se teria sido enviado diretamente à rainha, ou se aquele era um exemplo da espécie de denúncias que eram afixadas para expor os de Sangue Antigo que não desejavam aliar-se aos pigarços. Teria de perguntar a Breu.

O segundo rolo que consegui desenrolar era aquele do qual me falara naquele dia. Era o mais fresco, e não se mostrou tão relutante em desenrolar-se. Dizia simplesmente: “A rainha diz que ser Manhoso não é crime. Por que motivo, nesse caso, foram estas pessoas executadas?” Depois seguia-se a lista de nomes. Li-os, reparando em pelo menos dois grupos familiares que tinham morrido juntos.

Cerrei os dentes e esperei que não fossem crianças, embora não soubesse dizer como uma tal morte poderia ser mais fácil para um adulto ou um idoso. Havia apenas um nome na lista que pensei reconhecer, e mesmo assim disse a mim próprio que não tinha a certeza de ser a mesma mulher. Reldita Cana podia não ser a mesma que Réli Cana. Houvera uma mulher com esse nome entre as pessoas de Sangue Antigo que viviam perto de Pescoço de Corvo. Encontrara-a várias vezes em casa do Rolfe Preto. Suspeitara de que a mulher de Rolfe, Azevinha, pensara que Réli e eu pudéssemos gostar um do outro, mas Réli nunca fora mais do que friamente cortês comigo. Provavelmente não era ela, menti a mim próprio, e tentei não imaginar o seu cabelo castanho e encaracolado a engelhar quando as chamas o tocassem. Não havia qualquer assinatura ou símbolo de qualquer espécie no rolo.

O último rolo estava tão bem enrolado que parecia quase sólido. Era provável que fosse o mais antigo. Quando forcei a sua abertura, ele partiu-se em bocados: dois, três e, por fim, cinco. Lamentei fazê-lo, mas era a única maneira de o ler. Se tivesse ficado muito mais tempo enrolado ter-se-ia desfeito em bocadinhos e nunca mais seria lido.

Depois de o ler, perguntei a mim próprio se não teria sido essa a esperança e intenção de Breu.

Aquele era o rolo que chegara antes de o príncipe desaparecer. Aquela era a mensagem que precipitara o envio por Breu de um cavaleiro à minha porta com a exigência urgente de que eu viesse imediatamente para Torre do Cervo. Ele contara-me o que a ameaça não assinada dizia. Agora eu lia pessoalmente as palavras. “Fazei o que está certo e ninguém mais precisa de saber. Ignorai este aviso, e agiremos.”

O que Breu deixara por dizer eram as palavras que precediam aquelas. A tinta infiltrara-se irregularmente no papel de casca de árvore e a superfície curva tornava-a difícil de ler. Obstinadamente, decifrei-as. Depois recostei-me na cadeira e tentei lembrar-me de como se respirava.

“O Bastardo Manhoso está vivo. Vós sabeis, e nós também. Está vivo e vós o haveis protegido do mal porque vos serviu. Protegei-lo

enquanto deixais homens e mulheres honestos morrer simplesmente porque têm o Sangue Antigo. São as nossas mulheres, os nossos maridos, os nossos filhos, as nossas filhas, as nossas irmãs e os nossos irmãos. Talvez pareis o morticínio quando vos mostrarmos como é perder um dos vossos. Quão próximo de vós será preciso golpear antes de sangrardes como nós? Sabemos muito do que os menestréis não cantam. A Manha ainda corre na linhagem Visionário. Fazei o que está certo e ninguém mais precisa de saber. Ignorai este aviso e agiremos.” Não havia nenhuma espécie de assinatura.

Muito lentamente, voltei a mim. Refleti em tudo o que Breu fizera, e no motivo por que escondera do meu conhecimento aquela ameaça que me era feita. No momento em que o príncipe desaparecera, no momento em que soubera que a ameaça era séria, mandara-me buscar. Levava-me a crer que os pigarços tinham enviado uma nota a ameaçar o príncipe antes do seu desaparecimento. Era verdade que aquele rolo podia ser lido dessa forma. Mas a ameaça mais clara era contra mim. Ter-me-ia ele chamado para perto a fim de me proteger, ou para defender o reinado Visionário do escândalo? Depois afastei os atos de Breu dos meus pensamentos e voltei a debruçar-me para examinar cuidadosamente a tinta desbotada na casca de árvore. Quem enviara aquilo? Os pigarços pareciam deliciar-se em assinar as suas missivas com o emblema do garanhão. Aquela não estava assinada, à semelhança da que listava os mortos. Pulas lado a lado. Algumas das letras eram semelhantes. Podia ter sido a mesma mão a escrevê-las. Aquela que estava assinada pelos pigarços estava escrita com ousadia, em letras maiores e com mais floreados. Podia ter sido escrita por uma pessoa diferente, mas isso pouco provava. A escolha de papel era idêntica para todas. Não era surpreendente: o papel bom era caro, mas qualquer pessoa podia arrancar casca a uma bétula. Isso não queria dizer que as notas tivessem vindo só de uma fonte, ou mesmo de duas. Contrapus umas teorias a outras. Mesmo antes do príncipe ter sido raptado teria havido duas fações de Manhosos a procurar pôr fim à perseguição contra os seus semelhantes? Ou pensaria eu assim só porque desejava tanto que fosse verdade? Já era suficientemente mau que o Rolfe Preto e os amigos tivessem suspeitado de quem eu era, e por

conseguite tivessem concluído que o Bastardo Manhoso não tinha morrido na masmorra de Majestoso. Eu não queria que os pigarços soubessem que FitzCavalaria estava vivo.

Voltei a olhar para a lista de mortos. Havia aí mais um nome, Nate dos Fenos. Podia ter sido alguém que eu encontrara uma vez durante a minha estadia com o Rolfe Preto. Não podia ter a certeza. Tamborilei com os dedos na mesa, perguntando a mim próprio se me atreveria a visitar a comunidade Manhosa perto de Pescoço de Corvo. Para fazer o quê? Perguntar-lhes se tinham enviado à rainha uma nota a ameaçar a minha vida? Essa não parecia a melhor estratégia. Talvez tivesse sido só uma simulação. Se fosse até lá e eles me vissem, isso confirmar-lhes-ia que eu ainda vivia, mesmo passados todos estes anos. No mínimo seria um refém valioso para eles, um embaraço para os Visionário quer fosse exibido vivo, quer morto. Não. Aquela não era altura para confrontos. Talvez Breu tivesse realmente seguido o melhor rumo. Afastara-me de onde eu estivera, ao mesmo tempo que mantinha a aparência de que a ameaça não tinha substância. O meu aborrecimento com ele desvaneceu-se. Apesar disso, tinha de o convencer de que esconder de mim a verdade era má ideia. Que temera ele? Que eu não viesse em auxílio do príncipe, que fugisse do país para começar uma vida noutra lugar? Seria isso que pensava de mim?

Abanei a cabeça. Era claro que chegara a altura de esclarecer as coisas com Breu. Ele precisava de aceitar que eu agora era um homem, em pleno controlo da minha vida e capaz de tomar as minhas próprias decisões. E com Kettricken Pediria a Breu para me arranjar um encontro com ela, para lhe poder falar pessoalmente dos temores que sentia pela minha filha e pedir-lhe a promessa de que Urtiga seria deixada em paz. E com o Bobo. Era melhor curar também essa pústula. Eram estes os meus pensamentos quando saí da torre de Breu e fui em busca da minha cama para passar a noite.

Não dormi bem. Urtiga levou a chocar com os meus sonhos como uma traça a tentar destruir-se na chama duma lanterna. Dormi, mas foi o descanso dum homem que dorme com as costas apoiadas a uma porta sob ataque. Estava consciente dela. A princípio estava determinada, depois zangada. Para os lados da manhã,

tornou-se desesperada. As suas súplicas nessa altura foram as que mais dificuldade em manter as muralhas erguidas me causaram. “Por favor. Por favor.” Era tudo o que dizia. Mas o seu Talento transformava as palavras num violento vento de súplica a soprar contra os meus sentidos.

Acordei com a cabeça a latejar pesadamente. Todos os sentidos me pareciam desgastados. A luz amarela da vela no meu quarto parecia demasiado brilhante e todos os sons altos demais. A culpa que me corroía por tê-la ignorado nada melhorava. Era com toda a certeza uma manhã que merecia um pouco de casco-de-elfo e, com a aprovação de Breu ou sem ela, eu não ia começar o dia sem a droga. Levantei-me, salpiquei a cara e vesti-me. O choque da água fria na minha cara e a necessidade de me dobrar para atar os sapatos pareceram tão punitivos como um espancamento.

Saí dos nossos aposentos. Desci lentamente às cozinhas. A caminho de lá, encontrei o criado de Dom Dourado. Dei a Chamuscado a manhã livre, dizendo-lhe que naquele dia seria eu a ir buscar o pequeno-almoço do senhor. O seu sorriso deliciado e repetidos agradecimentos fizeram-me lembrar que em tempos eu fora um rapaz que teria facilmente preenchido qualquer hora livre com uma dúzia de atividades. Isso fez com que me sentisse velho. Os agradecimentos sentidos do rapaz deram-me um momento de vergonha. Desejava comer sozinho nos nossos aposentos, e ir buscar o pequeno-almoço de Dom Dourado era o melhor pretexto que tinha para o fazer.

O ruído de louça, o vapor e os gritos da cozinha nada fizeram para melhorar a minha dor de cabeça. Enchi a bandeja, incluindo um generoso bule de água quente, e voltei a subir as escadas. Estava a meio do segundo lanço quando uma mulher ofegante me apanhou. “Esqueceste-te das flores de Dom Dourado,” disse-me.

“Mas estamos no inverno,” resmunguei enquanto parava com relutância. “Não se encontram flores em sítio nenhum.”

“Seja como for,” respondeu ela com um sorriso caloroso que a transformou de novo em donzela. “Haverá sempre flores para Dom Dourado.” Abanei a cabeça perante as curiosas peculiaridades do Bobo. Ela pousou na bandeja um pequeno raminho de

flores, um arranjo de rígidos gravetos negros com fitas brancas atadas em minúsculos botões. Aquela criação era rematada por dois laços estreitos, um branco e o outro preto. Agradei-lhe respeitosamente, mas ela assegurou-me que o prazer era seu antes de se ir embora para tratar dos seus outros afazeres.

Quando levei a bandeja para os nossos aposentos, fiquei surpreendido por ver o Bobo levantado e sentado numa cadeira junto da lareira. Usava um dos elaborados roupões de Dom Dourado, mas o cabelo caía-lhe, num desarranjo solto, até aos ombros. Não estava com a pose de nobre naquele momento. Isso deixou-me desorientado. Planeara levar comida para o meu quarto e depois bater-lhe à porta para o informar de que havia comida para ele na mesa. Bom, pelo menos Jeque não se encontrava presente. Talvez conseguisse finalmente ter uma conversa em privado com ele. O Bobo virou lentamente a cabeça quando eu entrei. “Aí estás tu,” disse. Tinha de se ter deitado tarde na noite anterior.

“Sim,” concordei, conciso. Bati com a bandeja na mesa e voltei à porta para a trancar. Depois fui ao meu quarto buscar os pratos que tinha vindo a surripiar gradualmente da cozinha e pus na mesa o pequeno-almoço para ambos. Agora que chegara o momento de o confrontar, não conseguia encontrar um sítio por onde começar. Ansiava por ter aquilo ultrapassado. Mas as primeiras palavras que me saíram da boca foram: “Preciso de um apito vermelho. Com um cordel verde. Achas que me podias fazer um?”

Ele levantou-se, com um sorriso satisfeito mas confundido na cara. Veio lentamente para a mesa. “Suponho que sim. Precisas dele em breve?”

“O mais depressa possível.” A minha voz soava uniforme e dura, até aos meus ouvidos. Como se me magoasse pedir-lhe aquele favor. “Não é para mim. É para Obtuso. Ele teve um em tempos, mas alguém lho roubou e partiu-o. Claramente só para lhe causar dor. Ele nunca o esqueceu.”

“Obtuso,” disse ele, e depois: “É um tipo estranho, não é?”

“Suponho que sim,” concedi, hirto. Ele pareceu não reparar na minha reserva.

“Onde quer que o encontre, ele fica a olhar para mim. Mas se eu lhe respondo ao olhar, ele foge como um cão chicoteado.”

Encolhi os ombros. “Dom Dourado não é o nobre mais amável do castelo, no que toca aos criados.”

Ele fez uma pequena inspiração e exalou-a com um suspiro. “É verdade. Um engano necessário, mas dói-me ver o homem reagir a ele. Um apito vermelho com um cordel verde. O mais depressa possível, portanto,” prometeu o Bobo.

“Obrigado.” A minha resposta foi seca. As palavras dele tinham-me feito lembrar uma vez mais que Dom Dourado não passava de um papel que ele desempenhava. Já desejava não lhe ter pedido nada. Pedir um favor é fraca maneira de dar início a uma alteração. Recusei-me a enfrentar o seu olhar intrigado. Levei a chávena para o meu quarto. Sacudi uma porção de casco-de-elfo para o fundo dela e depois regressiei para a mesa. Quando lá cheguei, o Bobo estava com um ar perplexo, a girar o raminho nos dedos, com a boca torcida num pequeno sorriso. Despejei a água quente no meu casco-de-elfo e nas ervas de chá que esperavam no bule. Ao observar-me, o sorriso fugiu-lhe da cara e dos olhos.

“Que estás tu a fazer?”, perguntou em voz baixa.

Gemi, e depois falei com brusquidão. “Dor de cabeça. Urtiga passou ontem a noite inteira a bater-me às portadas. Está a tornar-se cada vez mais difícil mantê-la afastada.” Ergui a chávena e fiz rodopiar a água. Gavinhas de um negro carregado erguiam-se do casco-de-elfo em infusão. Esta escureceu e eu bebi um gole. Amargo. Mas o latejar na minha cabeça acalmou-se quase de imediato.

“Será que devias fazer isso?”, perguntou-me o Bobo sem entonação.

“Se não pensasse que sim, não estaria a fazê-lo,” fiz notar num tom agradável.

“Mas Breu...”

“Breu não tem o Talento, e não conhece as dores que ele causa, nem compreende os remédios para essas dores.” Falei com mais brusquidão do que pretendia, causada por uma vaga de inesperado aborrecimento. Apercebi-me então de que ainda estava zangado com Breu por me ter escondido o conteúdo completo da nota.

Como sempre fizera, ele estava a tentar controlar-me a vida. É estranho descobrir que uma emoção que se julgava posto de parte ainda está a fervilhar debaixo da superfície. Voltei a encher a boca com a infusão amarga. Como o casco-de-elfo sempre fizera, iria mergulhar-me o humor numa depressão ao mesmo tempo que me incendiava de agitação. Era uma má combinação, mas era melhor do que tentar arrastar-me pelo dia com uma dor de cabeça de Talento a martelar-me no crânio.

O Bobo ficou mortalmente imóvel durante longos momentos. Depois, com os olhos postos no bule enquanto o erguia e enchia delicadamente a chávena, perguntou: “O casco-de-elfo não vai interferir com o teu ensino do Talento ao príncipe Respeitador?”

“O próprio príncipe já interferiu com isso, ao não vir às aulas há vários dias. Com casco-de-elfo ou sem ele, não posso ensinar um estudante que não vem ter comigo.” De novo, senti um pequeno abanão de surpresa ao descobrir quão aborrecido estava com isso. De algum modo, o ato de me sentar à mesa com o meu velho amigo, sabendo que pretendia enfrentá-lo, estava a fazer todas essas verdades avulsas e dolorosas borbulhar para fora de mim. Como se de algum modo fossem todas culpa dele por se ter mantido tão distante de mim durante a última semana, enquanto deixava que a amiga acreditasse em falsidades a nosso respeito.

O Bobo recostou-se na cadeira, com a chávena de chá aninhada entre as suas longas e graciosas mãos. Olhou para lá de mim. “Bom. Parece que isso é um assunto a abordar com o príncipe.”

“Pois é. Mas também há um assunto que tenho de abordar contigo.” Ouvi como a minha voz baixou de forma acusadora quando disse aquelas palavras, mas não consegui controlá-lo.

Um longo silêncio pairou entre nós. Por um momento, o Bobo apertou os lábios, como quem retém palavras na boca. Depois bebeu um trago de chá. Ergueu os olhos ao encontro dos meus, e eu fiquei surpreendido pela fadiga que lhe vi no rosto. “Ai há?”, perguntou, a contragosto.

A relutância puxou por mim, mas eu forcei a palavra a sair. “Sim. Há. Quero saber o que disseste àquela mulher, Jeque, para a levar a pensar que eu, que nós, que...” Detestei não conseguir for-

mar as palavras. Era como se temesse expressar o pensamento, que ao proferi-lo em voz alta ele ganhasse algum tipo de realidade.

Uma expressão estranha deslizou rapidamente pela cara do Bobo. Abanou a cabeça. “Eu não lhe disse nada, Fitz. ‘Aquele mulher, Jeque,’ como tu lhe chamas, é capaz de fabricar as suas próprias teorias sobre quase tudo. É uma daquelas pessoas a quem nunca é preciso mentir; basta reter-lhe informação e ela inventa as suas próprias histórias. Algumas muitíssimo inexatas, como viste. É bastante parecida com Esporana em algumas coisas.”

Não precisava de ouvir aquele nome naquela altura. Essa era outra que acreditara que a minha ligação com o Bobo ultrapassava a amizade. Reconheci agora que ele a levava a acreditar nisso através da mesma técnica que usara com Jeque. Sem negações, com comentários e ironias sugestivos, tudo a encorajá-la a formar uma opinião equivocada. A certa altura parecera um pouco desconfortável, mas ainda assim divertido, vê-la a debater-se com a sua ilusão. Agora parecia humilhante e fraudulento que ele a tivesse levado a acreditar nisso.

O Bobo pousou a chávena na mesa. “Julgava que me estava a sentir mais forte, mas não estou,” disse com o tom de voz aristocrático de Dourado. “Creio que vou recolher ao meu quarto. Sem visitas, Tomé Texugo.” Começou a pôr-se em pé.

“Senta-te,” disse eu. “Precisamos de conversar.”

Ele levantou-se. “Creio que não.”

“Eu insisto.”

“Eu recuso.” Olhou para lá de mim, para uma distância que eu não conseguia ver. Ergueu o queixo.

Levantei-me. “Eu preciso de saber, Bobo. Tu às vezes olhas-me, dizes coisas, aparentemente na brincadeira, mas... Deixaste que tanto Esporana como Jeque acreditassem que podíamos ser amantes.” A palavra saiu com dureza, quase como um insulto. “Talvez aches de pouca importância que Jeque julgue que és uma mulher e ainda por cima apaixonada por mim. Eu não posso ser tão indiferente a esse tipo de ideias. Já tive de lidar com boatos sobre o teu gosto no que toca a parceiros de cama. Até o príncipe Respeitador me fez perguntas. Eu sei que Cortês Bresinga suspeita. E detesto. Detesto

que pessoas no castelo olhem para nós e perguntem a si próprias o que tu fazes ao teu criado à noite.”

Perante as minhas palavras duras, ele estremeceu e depois oscilou, como uma árvore jovem que sente o primeiro golpe do machado. Quando falou, as suas palavras soaram débeis. “Nós sabemos o que é real entre nós, Fitz. Aquilo que os outros perguntam a si próprios deve manter-se assunto deles, não nosso.” Devagar, virou-me as costas, pondo fim à discussão.

Quase que o deixei ir. Era um hábito tão longo em mim, aceitar as decisões do Bobo sobre coisas daquelas. Mas, de súbito, importou-me aquilo de que os outros no castelo mexericavam, aquilo que Zar poderia ouvir como gracejo ordinário numa taberna da Cidade de Torre do Cervo. “Eu quero saber!”, rugi-lhe de súbito. “Importa, sim senhor, e eu quero saber, de uma vez por todas. Quem és tu? O que és tu? Já vi o Bobo, já vi Dom Dourado, e ouvi-te falar àquela Jeque numa voz de mulher. Âmbar. Confesso que é isso o que me confunde mais. Porque haverias de viver como mulher em Vilamonte? Porque é que permites que Jeque continue a acreditar que és uma mulher e estás apaixonado por mim?”

Ele não olhou para mim. Julguei que deixaria as minhas perguntas sem resposta, como já deixara tantas vezes. Depois, respirou fundo e falou em voz baixa. “Tornei-me Âmbar porque ela convinha mais aos meus objetivos e necessidades em Vilamonte. Caminhei entre eles como estrangeiro e mulher, sem poder e sem os ameaçar. Com esse disfarce, todos se sentiam livres para falar comigo, escravos e Mercadores, homens e mulheres. Esse papel conveio às minhas necessidades, Fitz. Tal como Dom Dourado as preenche agora.”

As palavras dele golpearam-me até ao coração. Proferi friamente aquilo que mais me feria. “Então também o Bobo foi um papel? Alguém em que te tornaste porque ‘convinha aos teus objetivos’? E que objetivos eram esses? Conquistar a confiança de um rei trémulo? Travar amizade com um bastardo real? Transformaste-te naquilo que mais precisávamos a fim de te aproximares de nós?”

Ele não estava a olhar para mim, mas, enquanto eu fitava o seu perfil imóvel, fechou os olhos. Depois falou. “Claro que sim. Conclui disso o que quiseres.”

As suas palavras foram como esporas na minha fúria. “Estou a ver. Nada daquilo era real. Quer dizer que nunca te conheci, pois não?” Não esperava resposta quando parei por um instante para estrangular a raiva e o insulto que sentia.

Então: “Sim. Conheceste. Tu mais do que qualquer outra pessoa na minha vida.” Depois olhou para baixo e a quietude pareceu crescer à volta dele.

“Se isso é verdade, então parece-me que me deves a verdade sobre ti. Qual é a realidade, Bobo, não aquilo sobre que brincas ou o que permites que os outros suspeitem? Quem e o que és tu? O que é que sentes por mim?”

Ele olhou-me, por fim. Os seus olhos estavam magoados. Mas enquanto continuava a fitá-lo, exigindo aquele conhecimento, vi a sua própria fúria nascer aí. De súbito endireitou-se e soltou um pequeno bufo de desdém, como se não conseguisse crer que eu pudesse fazer aquela pergunta. Abanou a cabeça, depois respirou fundo. As palavras jorraram dele numa torrente. “Tu sabes quem eu sou. Até te disse o meu verdadeiro nome. E quanto ao que sou, também isso sabes. Procuras um falso conforto quando exiges que me defina perante ti com palavras. As palavras não contem nem definem pessoa alguma. Um coração pode fazê-lo, se estiver disposto a isso. Mas temo que o teu não esteja. Sabes mais sobre o todo que eu sou do que qualquer outra pessoa que respira, mas persistes em insistir que tudo isso não pode ser eu. Que gostarias que eu cortasse e deixasse para trás? E porque deverei eu truncar-me para te agradar? Nunca te pediria tal coisa. E através dessas palavras, admite outra verdade. Tu sabes o que eu sinto por ti. Já o sabes há anos. Vamos, tu e eu, aqui sozinhos, evitar fingir que não o sabes. Sabes que te amo. Sempre amei. Sempre amarei.” Proferiu as palavras sem entoação. Disse-as como se fossem inevitáveis. Não havia sinal nem de vergonha, nem de triunfo na sua voz. Depois esperou. Palavras como aquelas exigem sempre uma resposta.

Respirei fundo e controlei o mau humor do casco-de-elfo. Falei honestamente e sem rodeios. “E tu sabes que eu gosto de ti, Bobo. Como um homem gosta do seu melhor amigo. Não sinto qualquer vergonha por isso. Mas deixar Jeque ou Esporana ou seja quem for

pensar que levamos a relação para lá dos limites da amizade, que gostarias de dormir comigo, é...” Fiz uma pausa. Esperei pelo seu acordo. Este não surgiu. Em vez disso, cruzou o seu olhar aberto e ambarino com o meu. Não havia qualquer negação neles.

“Eu amo-te,” disse ele com toda a calma. “Não ponho limites ao meu amor. Absolutamente nenhum. Compreendes-me?”

“Bem demais, receio bem!”, repliquei, e a minha voz tremeu. Respirei fundo e as minhas palavras arranharam-me ao sair. “Eu nunca... compreendes-me? Nunca te desejaria como parceiro de cama. Nunca.”

Ele afastou os olhos de mim. Uma ténue coloração rosada subiu-lhe às bochechas, não por vergonha, mas devido a qualquer outra profunda paixão. Falou numa voz baixa e controlada. “E isso também é algo que ambos sabemos há anos. Algo que nunca precisou de ser dito, essas palavras que agora terei de levar comigo durante o resto da minha vida.” Virou-se para me olhar, mas os seus olhos pareciam ter cegado. “Podíamos ter vivido todas as nossas vidas sem nunca ter esta conversa. Agora condenaste-nos a ambos a recordá-la para sempre.”

Virou-se e começou a dirigir-se lentamente para o seu quarto. O ritmo era medido, como se realmente estivesse doente. Depois parou e olhou para mim. A ira brilhava-lhe nos olhos e chocou-me que ele pudesse olhar-me assim. “Alguma vez acreditaste mesmo que eu pudesse tentar obter de ti algo pelo qual não partilhasses o meu desejo? Bem sei eu como isso te desagradaria. Bem sei eu que procurar obter isso de ti iria estragar tudo o resto que partilhámos. Por isso sempre evitei esta discussão que forçaste a cair sobre a nossa amizade. Foi mal feito, Fitz. Mal feito e desnecessário.”

Deu mais um ou dois passos hesitantes, como um homem que caminha atordoado depois de um golpe. Depois parou de repente. Com hesitação, tirou do bolso do roupão o raminho preto e branco. “Isto não vem de ti, pois não?”, perguntou. A sua voz soou subitamente enrouquecida. Não olhou para mim.

“Claro que não.”

“Então vem de quem?” A voz dele tremia.

Encolhi os ombros, irritado pela estranha pergunta no meio

duma discussão séria. “A jardineira. Põe um na tua bandeja todas as manhãs.”

Ele inspirou mais profundamente e fechou os olhos por um momento. “Claro. Nunca vieram de ti, nenhum deles.” Uma longa pausa. Fechou os olhos e, pela configuração do seu rosto, julguei de súbito que fosse desmaiar. Depois falou em voz baixa. “Claro. Haveria alguém que veria o que há por trás das minhas aparências, e se houvesse alguém teria de ser ela.” Voltou a abrir os olhos. “A jardineira. Tem mais ou menos a tua idade. Sardas na cara e nos braços. O cabelo da cor da palha seca.”

Chamei a imagem da mulher de volta à mente. “Sardas, sim. O cabelo é castanho claro, não dourado.”

Ele cerrou os olhos com força. “Então deve ter escurecido à medida que foi envelhecendo. A Gareta era aqui ajudante de jardineiro quando tu não passavas de um rapaz.”

Anuí. “Lembro-me dela, embora lhe tivesse esquecido o nome. Tens razão. E então?”

Ele soltou uma curta gargalhada, quase com amargura. “E então. E então o amor e a esperança cegam-nos a todos. Eu pensei que as flores vinham de ti, Fitz. Uma ideia estúpida. Em vez disso, vinham de alguém que, há muito tempo, estava apaixonada pelo Bobo do Rei. Apaixonada, julgava eu. Mas, tal como eu, ela ama onde o amor não é correspondido. E, no entanto, o seu coração permaneceu suficientemente fiel para me reconhecer, apesar de todas as outras mudanças. Suficientemente fiel para guardar o meu segredo, mas fazer-me saber em privado que o conhecia.” Voltou a erguer o raminho. “Preto e branco. As minhas cores de inverno, Fitz, na época em que era o bobo do rei. A Gareta sabe quem sou. E ainda nutre alguma amizade por mim.”

“Tu pensaste que eu te andava a trazer flores?” Estava incrédulo com a fantasia dele.

Ele afastou subitamente os olhos de mim, e eu apercebi-me de que as minhas palavras e tom de voz o tinham envergonhado. De cabeça baixa, caminhou lentamente para o seu quarto. Não deu resposta às minhas palavras e eu senti uma súbita onda de pena dele. Como amigo, gostava dele. Não podia alterar os meus sentimentos

sobre os seus desejos contranatura, mas não tinha qualquer vontade de o ver envergonhado ou magoado. Portanto, claro que piorei tudo com uma idiotice: “Bobo, porque é que não deixas que os teus desejos se dirijam para onde são bem-vindos? A Gareta é uma mulher bastante atraente. Talvez, se aceitasses de bom grado as suas atenções...”

Ele virou-se para mim de repente, e a verdadeira fúria que relampejou nos seus olhos iluminou-os de um profundo tom de dourado. A sua cara ficou mais escura de emoção enquanto ele perguntava com voz cáustica: “Então? Então o quê? Então eu podia ser como tu, saciando-me com qualquer pessoa que estivesse disponível só porque ela me era oferecida? Isso seria eu a achar ‘desagradável.’ Nunca usaria Gareta, ou qualquer pessoa, dessa forma. Ao contrário de certas pessoas que ambos conhecemos.” Deu ênfase a estas duas palavras finais. Deu mais dois passos para o quarto, após o que se voltou a virar para mim. Tinha no rosto um sorriso terrível e amargo. “Espera. Estou a ver. Tu imaginas que eu nunca experimentei nenhum tipo de intimidade. Que eu tenho estado a ‘poupar-me’ para ti.” Soltou uma fungadela de desprezo. “Não sejas convencido, FitzCavalaria. Duvido que valesses a espera.”

Senti-me como se ele me tivesse batido, mas foi ele quem rolou de repente os olhos para cima e se estatelou sem forças no chão. Por um momento, fiquei congelado tanto de fúria como de terror. Como só os amigos podem fazer, tínhamos encontrado os pontos mais frágeis um do outro para ferir. A pior parte de mim pedia-me para o deixar onde caíra; nada lhe devia. Mas, em menos de um momento, caí sobre um joelho a seu lado. Os seus olhos estavam quase fechados, mostrando só uma fenda de branco. A respiração ofegava como se ele tivesse acabado de fazer uma corrida. “Bobo?”, disse eu, e o orgulho forçou o aborrecimento a penetrar na minha voz. “Que se passa agora contigo?” Hesitantemente, toquei-lhe na cara.

A sua pele estava quente.

Então ele não estivera a fingir uma doença durante os últimos dias. Eu sabia que o corpo do Bobo estava habitualmente frio, muito mais frio do que o de um homem comum, portanto aquele calor moderado que agora estava nele era aquilo que para mim seria uma

febre intensa. Esperei que não fosse mais do que uma daquelas estranhas alturas por que ele passava ocasionalmente, quando se tornava febril e enfraquecido. A experiência que eu tinha desses momentos dizia-me que ele recuperava num dia ou dois, com muita mudança de pele para revelar uma tez mais escura por baixo. Aquele desmaio talvez fosse apenas essa fraqueza. Mas enquanto me baixava para enfiar os braços sob o seu corpo e o erguer, o meu coração estava oprimido pelo medo de que ele talvez estivesse seriamente doente. Eu escolhera mesmo a pior altura possível para o meu pequeno confronto com ele. Com ele febril e eu medicado com casco-de-elfo, não era de admirar que as palavras que disséramos um ao outro tivessem dado para o torto.

Ergui-o e levei-o para o quarto, abrindo a porta com um pontapé. O quarto tinha um cheiro pesado e opressivo. A roupa de cama estava amarrotada como se ele tivesse passado a noite toda a mexer-se em desassossego. Que tipo de paspalho seria eu para nem sequer ter perguntado a mim próprio se ele poderia estar realmente doente? Pousei na cama o seu corpo mole. Sacudi uma almofada, voltando a endireitá-la, e enfiei-lha desajeitadamente debaixo da cabeça, após o que tentei endireitar os lençóis à sua volta. Que ia fazer? Sabia que não valia a pena ir a correr em busca do curandeiro. O Bobo nunca deixara que nenhum curandeiro lhe tocasse em todos os anos que passara em Torre do Cervo. Ocasionalmente fora ter com Castro em busca de um remédio ou outro, quando Castro era o Mestre dos Estábulos, mas essa ajuda estava agora fora do meu alcance. Dei-lhe palmadinhas na cara, mas ele não mostrou qualquer sinal de despertar.

Fui até às janelas. Puxei para o lado as pesadas cortinas e depois desprendi as portadas e abri-as ao dia frio de inverno. Ar limpo e gélido fluiu para dentro do quarto. Descobri um dos lenços de Dom Dourado, e reuni nele neve tirada do parapeito da janela. Dobrei-o formando uma compressa e levei-o para a cama. Sentei-me na cama ao lado dele e pus suavemente o lenço sobre a testa do Bobo. Este agitou-se um pouco e, quando lhe encostei o lenço à parte lateral do pescoço, voltou subitamente a si com uma vivacidade assustadora. “Não me toques!”, rosnou, empurrando-me as mãos para longe.

A sua rejeição da minha preocupação atçou-me a ansiedade, transformando-a em fúria. “Como queiras.” Afastei-me dele de um salto e atirei a compressa para cima da mesa-de-cabeceira.

“Por favor, vai-te embora,” respondeu, numa voz que transformava a cortesia numa expressão vazia.

E eu fui.

Numa espécie de frenesim arrumei a outra divisão, atirando a louça para dentro da bandeja. Nenhum de nós comera nada. Tanto pior. De qualquer maneira o apetite fugira-me. Levei a bandeja de volta para as cozinhas e aí esvaziei-a. Depois carreguei água e lenha para os nossos aposentos. Quando voltei para cima com a minha carga, descobri a porta do quarto do Bobo fechada. Enquanto estava aí parado, ouvi as portadas das janelas dentro do quarto a serem fechadas com estrondo. Bati-lhe ruidosamente à porta. “Dom Dourado, tenho lenha e água para o vosso quarto.”

Ele não respondeu, portanto reabasteci a lareira da divisão principal e a minha água para lavagens. Deixei o que restou à porta do quarto dele. A ira e a dor fervilhavam no meu coração. Muita da minha ira dirigia-se contra mim. Porque não tinha eu compreendido que ele estava realmente doente? Porque insistira em procurar aquela discussão, atropelando todas as suas objeções? E, acima de tudo, porque não confiara mais nos instintos da nossa amizade do que nos mexericos dos que nada sabiam? E a dor que me mordida era a dor de saber o que Breu tantas vezes me dissera; que pedir desculpa nem sempre conseguia remediar tudo. Temia seriamente que os danos que causara naquele dia não fossem algo que fosse capaz de reparar; que, como o Bobo me avisara, a conversa de hoje fosse algo que ambos teríamos de carregar até ao fim dos nossos dias. Só podia esperar que a memória cortante das minhas palavras acabasse por se embotar com o tempo. As dele ainda me feriam como navalhas.

Lembro-me dos três ou quatro dias seguintes como um período enevoado de infelicidade. Não vi o Bobo uma única vez. Ele continuava a deixar entrar o seu jovem criado no quarto, mas, tanto quanto eu sabia, não saiu de lá nem uma vez. Foi evidente que Jeque o viu pelo menos mais uma vez antes de a delegação de Vilamonte partir, porque um dia me deteve nas escadas. Com gélida cortesia,

disse que Dom Dourado lhe afastara por completo da mente quaisquer opiniões errôneas que podia ter formado sobre a minha relação com o meu amo. Pediu-me perdão se as suas conclusões me tinham causado alguma espécie de desconforto. Depois, num silvo baixo, acrescentou que eu era a pessoa mais estúpida e cruel que alguma vez conhecera. Foram aquelas as últimas palavras que me disse. A delegação de Vilamonte partiu no dia seguinte. A rainha e os seus duques não lhes tinham dado qualquer resposta firme sobre uma aliança, mas tinham aceitado uma dúzia de aves mensageiras que eles tinham trazido, e haviam entregado aos seus cuidados outros tantos pombos de Torre do Cervo. Aquelas negociações iriam continuar.

Logo a seguir à partida dos vilamonteses, houve um rebuliço no castelo quando a rainha saiu pessoalmente a cavalo com uma companhia dos seus guardas ao fim dessa noite. Breu disse-me que até ele achara a atitude dela demasiado excessiva. Evidentemente, os seus duques julgaram-na ainda mais extrema. O objetivo da cavalgada era impedir uma execução em Bondesejo, uma pequena aldeola próxima da fronteira de Cervo com Rasgão. Partiram era noite cerrada, claramente em resposta ao relatório de um qualquer espião sobre uma mulher que iria ser enforcada e queimada na manhã seguinte. De archotes a gotejar e o hálito dos cavalos a condensar-se, tinham partido à pressa. A rainha, vestida com o seu manto purpúreo e túnica branca de pele de raposa, cavalgara no seio deles. Eu ficara à janela, desejando impotentemente estar a cavalo e a seu lado. O meu papel como criado de Dom Dourado parecia condenar-me a estar sempre onde menos queria estar.

Tinham regressado ao início da noite seguinte. Uma mulher espancada, a oscilar na sela, acompanhava-os. Era claro que tinham chegado no último momento, arrancando-lhe literalmente a corda do pescoço. A turba de linchadores não resistira fisicamente aos guardas armados e a cavalo. Kettricken não se contentara em reunir os anciãos da aldeia durante várias horas de severa reprimenda régia. Ordenara que todos os cidadãos de todas as choupanas fossem arrastados para a rua, a fim de estarem presentes na minúscula praça da aldeia e a ouvirem. Ela própria se erguera em frente deles para

lhes ler em voz alta a proclamação régia que proibia a execução de pessoas apenas por serem Manhosas. Depois, todas as almas, até a menor das crianças capaz de segurar numa pena, foram obrigadas a fazer um sinal nessa cópia da proclamação, atestando que tinham estado presentes, que tinham ouvido a ordem régia e que lhe obedeceriam. Como a aldeia não possuía um edifício administrativo, Kettricken decretou também que a proclamação assinada devia estar em constante exibição por cima da lareira da única taberna da aldeia. Assegurou ao povo que os seus guardas das estradas iriam passar frequentemente por ali para se assegurarem de que a proclamação continuava no lugar e intacta. Também lhes assegurou que se algum dos signatários voltasse a participar numa tentativa semelhante de tirar a vida a um Manhoso, ser-lhe-iam confiscadas todas as propriedades e seria banido, não só de Cervo, mas de todos os Seis Ducados.

Após o regresso da rainha, a acusada foi levada à enfermaria dos guardas e tratada dos ferimentos. A aldeia não fora meiga para com ela. Era recém-chegada por lá e tinha poucos laços. Viera visitar a prima, que fora quem a acusara junto dos anciãos, quando, supostamente, teria apanhado a mulher a conversar com pombos. Havia quem falasse de uma disputa de heranças, o que me deixou com dúvidas sobre se a acusada seria Manhosa, ou apenas uma ameaça às propriedades da prima. Assim que a mulher ficou em estado de viajar, a rainha Kettricken forneceu-lhe fundos, um cavalo e, segundo alguns afirmam, a escritura de um talhão de terra longe da aldeia da prima. Seja como for, a mulher desapareceu de Cervo assim que pôde viajar.

O incidente transformou-se no centro dum turbilhão de controvérsia. Alguns disseram que a rainha tinha ultrapassado os limites, que Bondesejo ficava precisamente na fronteira entre Cervo e Rasgão e que ela não devia ter agido sem pelo menos consultar o duque de Rasgão. O duque pareceu encarar a intervenção pessoal da rainha como uma crítica e uma afronta. Embora ele próprio não pronunciasse tais palavras, murmurava-se que talvez a rainha montanhesa andasse demasiado ansiosa por estabelecer laços com estrangeiros como os ilhéus e os Mercadores de Vilamonte ao mes-

mo tempo que não concedia respeito suficiente aos duques dos Seis Ducados. Seria que não confiava na nobreza do reino para gerir os seus próprios assuntos internos? Com esse ponto de partida, os rumores e resmungos estenderam-se mais. Não julgaria ela que uma noiva dos Seis Ducados era suficientemente boa para o seu filho meio montanhês? E ainda mais insidioso foi o falatório sobre a linhagem do duque Semxão ter sido ofendida, pois o príncipe mostrara um óbvio interesse na dama Vance até que a senhora sua mãe lhe pusera termo. Porque cortejaria ela a desdenhosa narcheska dos ilhéus quando até o jovem príncipe conseguia ver que havia uma dama de mais valor mais à mão?

Como nenhuma queixa do género chegou a ser oficialmente proferida, foi difícil a Kettricken dar-lhes qualquer resposta. Mas sabia que não podiam ser completamente ignoradas, pois isso alimentaria os fogos do descontentamento de Rasgão e Razos e encorajaria a sua disseminação aos outros duques. A solução de Kettricken foi ordenar aos seus duques que cada um enviasse um representante a um conselho, com o objetivo de criar soluções para pôr fim à perseguição contra os Manhosos. Com isso só conseguiu os resultados que eu poderia ter predito; aqueles sugeriram que todos os Manhosos pusessem os seus nomes numa lista, a fim de se assegurarem de que não seriam perseguidos injustamente. Uma segunda sugestão foi afastar os Manhosos para certas aldeias e encorajá-los a viver apenas no interior dos seus limites, para sua própria proteção. E a mais generosa de todas, uma proposta para que qualquer pessoa possuidora de Manha recebesse um salvo-conduto ou para Calcede ou para Vilamonte, onde seriam sem dúvida mais bem-vindos do que nos Seis Ducados.

Eu conhecia a minha reação a tais sugestões. A mais estúpida das pessoas conseguia perceber que um tal registo e reinstalação no interior dos Seis Ducados podia facilmente ser um prelúdio para um massacre em grande escala. E quanto ao “salvo-conduto” para Calcede ou Vilamonte, pouco diferia do banimento. A rainha disse acerbamente a esses conselheiros que às sugestões dadas faltava imaginação e pediu-lhes para voltarem a tentar. Foi nesta altura que um jovem de Lavra forneceu inadvertidamente à rainha uma grande

vantagem. Sugeriu num tom jocoso que as execuções de Manhosos “não incomodam nada a maior parte das pessoas. Na verdade, aqueles que praticam a Magia dos Animais fazem cair esses desastres sobre si próprios. Como é apenas aos Manhosos que incomodam, talvez devêsseis procurar junto deles a vossa solução.”

A rainha agarrou a sugestão do jovem com grande vivacidade. O sorrisinho desapareceu da cara do homem e a risota dos outros conselheiros morreu quando ela anunciou: “Ora esta, pelo menos, é uma sugestão quer com imaginação, quer com mérito. O que os meus conselheiros me sugeriram sobre este assunto, assim farei.” Talvez só eu e Breu soubéssemos que se tratava de uma ideia que ela há muito acarinhava. Escreveu uma proclamação régia e ordenou que mensageiros a levassem a todos os Seis Ducados, onde não só devia ser anunciada nas vilas e cidades, mas também afixada em lugares bem visíveis. A rainha convidava os Manhosos, também conhecidos como Sangue Antigo, a formar uma delegação para se encontrar com ela, a fim de discutir maneiras para que as perseguições ilegais contra eles e os assassinios pudessem ter fim. A rainha escolheu as palavras deliberadamente, apesar de Breu lhe rogar que fosse mais circunspecta. Muitos nobres ficaram encolerizados pela acusação indireta de que sancionavam o assassinio nos seus domínios. Mas eu gostei da atitude que ela tomou, e conjecturei que os outros Manhosos também gostariam, ainda que duvidasse de que algum dia chegaria uma delegação de Manhosos para falar com a rainha em nome dos seus. Porque arriscariam eles as suas vidas tornando-se conhecidos?

Após a minha desastrosa tentativa de confrontar pontos de vista com o Bobo, pelo menos ganhei a sabedoria de ser mais discreto com Breu, a rainha e o príncipe. Deixei os bocadinhos de rolo onde Breu os veria, na nossa mesa de trabalho. Um encontro casual na torre deu-me a oportunidade para lhe perguntar, calmamente, que motivo tivera para me ocultar aquela informação. A sua resposta de assassino foi algo que eu não esperava. “Naquelas circunstâncias, era uma coisa demasiado pessoal para saberes. Precisava que me ajudasses a descobrir o paradeiro do príncipe e a fazê-lo regressar em segurança a Torre do Cervo. Se te tivesse mostrado isto, nunca teria

sido esse o centro das tuas atenções. Pelo contrário, terias dedicado todas as tuas energias a descobrir quem enviara esta nota, apesar de não podermos associá-la com absoluta certeza ao desaparecimento do príncipe. Eu precisava que estivesse de cabeça fria para aquilo, Fitz. Não pude evitar recordar o teu antigo temperamento e o modo como ele levava frequentemente a atos impensados. Portanto ocultei aquilo que temi que pudesse distrair-te da parte mais importante da tua tarefa.”

Isto não me apaziguou por completo, mas levou-me a compreender que Breu trazia muitas vezes a um problema uma perspectiva muito diferente daquela que eu esperaria. Creio que a minha calma aceitação da sua linha de raciocínio quase o abalou. Ele esperara o confronto que eu planeava havia tão pouco tempo. Foi quase envergonhado que, sem que o instasse a tal, me assegurou que agora sabia que eu amadurecera e que fora incorreto da parte dele guardar para si a missiva completa.

“E se eu virar a minha atenção para aí agora?”, perguntei em voz baixa.

“Seria útil para nós saber quem a enviou,” admitiu ele. “Mas não se o preço for perder ou distrair o Mestre do Talento do príncipe. Não fui negligente a seguir todas as pistas que nos pudessem levar a eles. Mas parecem desaparecer como névoa. Não me esqueci da ratazana, mas, apesar de todas as minhas investigações, não encontrei um único vestígio de um espião de Manha. Sabes que a nossa vigilância de Cortês nada nos trouxe.” Suspirou. “Suplico-te, Fitz, confia em mim para seguir esta linha de ação, e deixa-me usar-te no que és mais importante para nós.”

“Então falaste com a rainha. Ela concordou com os meus termos.”

Os seus olhos verdes endureceram, tomando a cor do minério de cobre. “Não. Não falei. Tive a esperança de que reconsiderasses.”

“Na verdade, reconsiderarei,” disse, e tentei não desfrutar do choque que vi na sua cara. Depois, antes de ele ter tempo para pensar que eu capitulara por completo, acrescentei: “Decidi que isto é algo que devo discutir pessoalmente com ela.”

“Bom.” Breu tentou encontrar palavras. “Nisso estamos de acordo. Eu peço-lhe para arranjar tempo para falar contigo hoje.” E assim nos separámos, tendo discordado mas não discutido. Ele deitou-me um olhar estranho ao partir, como se eu ainda o confundisse. Fiquei a sentir-me contente comigo próprio e a desejar ter aprendido aquela lição mais cedo.

De modo que, quando ele me notificou sobre o encontro marcado com a rainha, voltei a abordar a conversa com calma. Kettricken preparara uma pequena mesa de vinho e bolos para nós. Treinei serenidade de espírito antes de entrar. Talvez tenha sido isso que me permitiu ver a prudência de Kettricken.

A minha rainha estava sentada, direita e composta, quando eu entrei, mas reconheci na imobilidade uma armadura. Também ela esperava de mim palavras acaloradas e indignação. A sua atitude reservada quase me levou a dar expressão aos meus sentimentos magoados com a sua óbvia opinião sobre o meu temperamento. Em vez disso, respirei fundo e subjuguuei essa maré enchente de afronta. Forcei-me a fazer-lhe calmamente a minha vénia, a esperar até ela me convidar a sentar-me à mesa com ela, e mesmo então a trocar com ela algumas palavras de circunstância sobre o tempo e o estado da sua saúde antes de abordar aquilo que realmente me interessava. Mesmo assim, reparei no ligeiro estreitar nos cantos dos seus olhos que dizia claramente que estava à espera de um acesso de fúria. Quando teriam todos os que melhor me conheciam decidido que eu era um homem assim tão pouco razoável e de tão mau génio? E então afastei-me até de pensar quem poderia ter essa culpa. Em vez disso, enfrentei o olhar da minha rainha e perguntei calmamente: “Que ides vós fazer a respeito de Urtiga?”

Por um instante, vi os seus olhos azuis esverdeados abrirem-se quase em choque. Depois, recuperou o domínio sobre si própria. Recostou-se na cadeira e, por um momento, examinou-me. “Que te disse Breu sobre isto?”, contrapôs.

Involuntariamente, sorri. Por um momento, toda a preocupação que sentia pela minha filha fugiu. Ouvi-me a responder: “Breu disse-me para ter cuidado com mulheres que respondem a uma pergunta com outra.”

Por um momento, pensei que a minha saída tinha ultrapassado os limites. Depois, um sorriso de resposta despertou no rosto dela. Tristemente, com o despertar desse sorriso, ela baixou a guarda. De súbito apercebi-me de que por trás da fachada plácida de calma da minha rainha, ela estava fatigada e perturbada. Demasiadas preocupações a tentavam morder como rafeiros a ladrar. O noivado do príncipe com a imprevisível narcheska e a sua ridícula “demanda,” o problema dos Manhosos, a turbulência política dos pigarços, os seus nobres hostis, e até Vilamonte com a sua guerra e dragões, tudo competia pela sua atenção. Tal como uma rajada errante de vento pode despertar o brilho duma brasa amortecida, assim a sua expressão sitiada despertou em mim um eco distante do amor que Veracidade nutria por aquela mulher. A ligação de Talento que partilhara em tempos com o meu rei deixara-me ocasionalmente ao corrente dos seus sentimentos. Apesar disso, era estranho sentir essa remota ondulação do seu amor por ela. Por esse amor, bem como pela amizade que eu próprio sentia por ela, senti uma súbita e irresistível preocupação com ela. Quando se recostou na cadeira, claramente aliviada por eu não pretender um confronto, senti um momento de vergonha. Na agitação das minhas preocupações esquecia-me com demasiada frequência de que as outras pessoas carregavam fardos igualmente pesados.

Ela soltou um suspiro reprimido. “Fitz, estou contente por teres vindo pessoalmente discutir isto comigo. Breu é um sábio conselheiro, experimentado e fiel ao trono Visionário. Nos seus dias bons, vê com clareza no que diz respeito aos assuntos de estado. Também é sabedor no que toca aos corações do meu povo. Os seus conselhos são sábios e sólidos. Mas quando me fala de Urtiga, fala sempre como conselheiro do trono Visionário.” Estendeu a mão delicada e pousou-a em cima da minha mão rude. “Eu prefiro falar com o pai dela, como sua amiga.”

Pareceu um momento muito bom para conservar o silêncio.

A mão da rainha não se afastou da minha enquanto falava com simplicidade. “Fitz, Urtiga deve ser treinada no Talento. Tu sabes disso, no teu íntimo. Não só para a proteger dos perigos dessa magia em mãos não treinadas — sim, eu li um pouco desses pergaminhos

quando estava a decidir como lidar com o potencial de Respeitador — mas também por causa de quem é. A potencial herdeira Visionário.”

As palavras dela deixaram-me sem ar. Eu esperara debater a sensatez de ensinar Urtiga a usar o Talento, não regressar a essa ameaça mais antiga e mais grave que pairava sobre ela. Não consegui encontrar palavras para exprimir a minha consternação, mas ainda bem. A minha rainha não terminara de falar.

“Não podemos mudar quem somos. Eu sou sempre a rainha de Veracidade. Tu és filho de Cavalaria, ilegítimo mas, apesar disso, um Visionário. Mas também estás morto para o nosso povo, e Breu é idoso e não reconhecido como Visionário. Augusto, como ambos sabemos, nunca recuperou completamente o juízo depois de Veracidade me contactar através dele. O meu rei, estou certa, nunca pretendeu causar os danos que causou ao primo, e, no entanto, de novo, as coisas são o que são. Não podemos mudar quem somos, e Augusto, embora o seu nome faça dele um Visionário, é um velho senil antes do tempo. Não pode ser visto seriamente como um possível herdeiro ao trono no caso da linhagem de Veracidade falhar.”

A sua cuidadosa construção de lógica envolveu-me. Dei por mim forçado a acenar em acordo com ela, mesmo vendo onde a cadeia dos seus pensamentos ia inexoravelmente ter.

“Mas tem de haver, tem sempre de haver, alguém que fique de reserva, pronto a assumir o trono se tudo o resto falhar.” Olhou para lá de mim. “A tua filha, apesar de invisível para o seu povo, é, mesmo assim, a segunda na linha de sucessão. Não podemos alterar quem Urtiga é. Nenhuma quantidade de desejo por parte de ninguém pode torná-la menos Visionário do que é. Se a necessidade surgir, FitzCavalaria Visionário, a tua filha terá de servir. Foi assim que preparámos as coisas, há tantos anos. Eu sei que nessa altura te opuseste, quando redigimos aqueles documentos em Jhaampe. Sei que ainda te opões. Mas ela é uma Visionário reconhecida, por ti, seu pai, por mim enquanto rainha, e uma menestrel a quem disseste a verdade testemunhou tudo isto. O documento escrito ainda existe, Fitz, como tem de existir. Mesmo se tu, eu, Breu e Esporana Cantodave morrermos ao mesmo

tempo, esse documento continuará a poder ser encontrado no tesouro, com uma cláusula que descreve onde ela pode ser encontrada. Isto tem de ser, Fitz. Não podemos alterar a sua linhagem; não podemos desfazer o seu nascimento. Desejarias alguma vez realmente fazê-lo? Julgo que não. Até desejar uma tal coisa é uma afronta aos deuses.”

E então voltou a acontecer. De súbito, vi com os olhos de outrem. Aquela súbita revelação sobre o raciocínio da minha rainha esventrou-me a ira. Kettricken via como imutável que Urtiga tivesse lugar na linha de sucessão ao trono. Para ela, não era questão do que eu desejava ou do que ela desejava. Simplesmente era assim, e não podíamos interferir com isso. Urtiga não era tema de negociação para ela. Não podia concordar em libertá-la de um dever para o qual nascera: era assim que Kettricken via as coisas.

Respirei fundo, mas ela ergueu um dedo, pedindo-me que a deixasse terminar de dar voz aos seus pensamentos. “Eu sei que tens pavor da ideia de Urtiga se tornar Sacrifício. Também eu rezo para que isso nunca aconteça. Pensa no que tal coisa significaria para mim: que o meu único filho estava morto, ou de algum modo incapaz de servir. Como mãe, afasto o mais possível tal possibilidade da mente, ao mesmo tempo que tu suplicas ao destino que Urtiga nunca seja sobrecarregada com uma coroa. Mas embora ambos esperemos que tal coisa nunca venha a acontecer, temos de preparar tudo para que, se acontecer, ela esteja pronta para servir bem o seu povo. Ela devia ser treinada, não só no Talento, mas educada em línguas, na história da sua terra e povo, e nas cortesias e tradições que acompanham o trono. É uma negligência da nossa parte que não tenha sido instruída nessas coisas, e é imperdoavelmente negligente que continue na ignorância da sua própria linhagem. Se chegar uma altura em que terá de servir, julgas que agradecerá a algum de nós por termos permitido que permanecesse ignorante?”

E aquele foi mais outro golpe na minha determinação. O mundo torceu-se à minha volta, e de súbito questioneei todas as decisões que tomara a respeito de Urtiga. Senti-me doente enquanto a verdade me rodeava. Proferi-a em voz alta. “Provavelmente

odiar-me-ia por a deixar permanecer ignorante. Mas não vejo como posso mudar isso tão tarde sem fazer ainda mais danos.” Afundei-me na cadeira. “Kettricken, por mais negligente que vos possa parecer, continuo a implorar-vos. Deixai que ela continue como é. Se disserdes sim a isto, prometo-vos que farei todos os esforços, com boa vontade no coração, para me assegurar de que ela nunca deva servir como Sacrifício.” Engoli em seco, e depois voltei a comprometer-me. Uma vez mais estava perante um monarca Visionário e cedia a minha vida. Desta vez, fi-lo como um homem. “De boa vontade tentarei arquitetar um círculo para Respeitador. Servirei como Mestre do Talento.”

A rainha olhou-me firmemente. Passado um momento perguntou: “E em que é que isto é uma nova oferta da tua parte, FitzCavalaria? Ou um novo pedido que me é feito?”

Havia uma censura naquelas perguntas. Baixei a cabeça e aceitei-a. “Talvez no facto de agora estar honestamente empenhado nos meus esforços.”

“E irás também aceitar a palavra da tua rainha e não pedir para que te seja reafirmada outra vez? Vou dizer-te com clareza. Permitirei que a tua filha, Urtiga Visionário, permaneça onde está, a ser criada por Castro, enquanto for para nós seguro que assim seja. Aceitarás que eu me vou submeter às palavras que te digo?”

Outra censura. Teria eu ferido os seus sentimentos com o repetido pedido para que Urtiga fosse deixada em paz? Talvez. “Sim,” disse em voz baixa.

“Ótimo,” disse ela, e a tensão que existira entre nós atenuou-se. Ficámos durante mais algum tempo à mesa, em silêncio, como se o silêncio entre nós completasse aquela afirmação. Depois, sem palavra, ela serviu-me vinho e pôs-me na frente um pequeno bolo condimentado. Comemos e conversámos por algum tempo, mas só sobre coisas sem importância. Não lhe disse que Respeitador estava a rejeitar-me. Isso seria algo que eu iria resolver com o próprio príncipe. De alguma maneira.

Quando me levantei para me ir embora, ela ergueu os olhos para mim e sorriu. “É uma pena, FitzCavalaria, que eu só consiga falar contigo tão raramente. Lamento os fingimentos que temos de

fazer, porque eles nos mantêm longe um do outro. Tenho saudades tuas, amigo.”

Despedi-me dela, mas quando me fui embora levei estas palavras comigo como uma bênção.



Pais



Se um capitão mercante tiver contactos suficientemente fortes em Jamaília, é inteiramente possível que consiga encher aí os porões de bens valiosos vindos de muitos portos distantes e estrangeiros. Terá a vantagem de ter esses artigos exóticos para vender sem ter de enfrentar os riscos tanto para a tripulação como para a embarcação que uma viagem em mar aberto sempre acarreta. Irá, claro, pagar em dinheiro o que poupa em preocupações, mas é sempre essa a troca que um mercador sensato tem de enfrentar.

Jamaília não é só o porto mais a norte que os mercadores das Ilhas das Especiarias visitam regularmente, é o único porto nas nossas costas que é visitado pela frota da Grande Vela. Estes navios vêm em frota visitar Jamaília (à qual chamam, à sua maneira bárbara, Porto Ocidental) apenas uma vez de três em três anos. Os perigos da travessia que fazem podem ser claramente vistos nas telas esfarrapadas e nos marinheiros fatigados. Os bens que trazem são ao mesmo tempo exóticos e dispendiosos. Esses navios são a única fonte de vermelhenta e gomassede. Como todos os fornecimentos destes artigos são sempre comprados pelo palácio do Sátrapa, sendo muito

pouco libertado para o mercado, podemos ignorá-los com segurança por estarem fora do alcance de mercadores comuns. Mas trazem outros artigos que poderão estar disponíveis para o mercador sagaz que tenha tanto a sorte como a sabedoria de fazer coincidir uma visita a Jamaília com a chegada da frota da Grande Vela.

— “CONSELHOS AOS MARINHEIROS MERCANTES”, DO CAPITÃO BANROP

Outra mancheia de dias chegou e partiu. Dom Dourado emergiu do seu quarto, tão polido e sofisticado como sempre, para anunciar a todos que desfrutava uma vez mais de perfeita saúde. A sua maquilhagem jamaílina, cuidadosamente aplicada todas as manhãs, tornara-se ainda mais extravagante. Por vezes usava as escamas até durante o dia. Suspeitei de que o fazia para distrair as atenções do escurecimento da sua pele. Deve ter tido sucesso, pois ninguém mencionou o facto. A corte saudou com entusiasmo o seu regresso à boa saúde, e a sua popularidade não diminuiu.

Eu voltei a dedicar-me aos meus deveres de criado. Por vezes, Dom Dourado recebia nos seus aposentos à tarde, com jogos de azar ou menestréis contratados. A nobreza jovem, tanto donzéis como donzelas, competia pelos convites. Nessas ocasiões, eu mantinha-me às suas ordens no interior do meu pequeno quarto, ou era totalmente dispersado. Ainda o acompanhava nos seus passeios a cavalo com outros membros da nobreza, e ainda me mantinha em pé atrás da sua cadeira em jantares refinados. Tais ocasiões eram agora mais raras. Com a partida tanto dos ilhéus como dos Mercadores de Vilamonte, a população de Castelo de Torre do Cervo diminuía e regressara a uma rotina mais normal, pois a nobreza dos Seis Ducados também regressara aos respetivos domínios. Havia menos sessões de jogo, espetáculos de marionetas e outros divertimentos. As noites tornaram-se mais longas e mais sossegadas. Se me fosse concedida uma hora para mim à noite, passava-a frequentemente no Grande Salão. De novo, as crianças do castelo faziam os seus estudos perto das lareiras, enquanto as fiandeiras fiavam e os fabricantes de flechas davam forma às suas setas. Mexericos e histórias eram tecidos

conjuntamente com o fio. Sombras envolviam os cantos da sala e, se eu tentasse, conseguia fingir que aquela era a minha Torre do Cervo dos dias da juventude.

Mas do Bobo nada via. Nem por palavras ou sinais Dom Dourado me indicava sermos algo mais do que o que Torre do Cervo julgava que fôssemos: amo e criado. Em nenhum momento me dirigia palavras que não se adequassem à personagem de Dom Dourado. E se eu lhe concedia alguma amabilidade que ultrapassasse os limites desses papéis, ele ignorava-a.

O abismo que se abria na minha alma com este isolamento surpreendeu-me. Escancarava-se cada vez mais todos os dias. Quando regresssei um dia da minha sessão de treino marcial com Uime, encontrei um pequeno pacote em cima da minha cama. Dentro da bolsa de tecido descobri um apito vermelho preso com um fio verde. “Para Obtuso,” lia-se na nota escrita com a caligrafia simples do Bobo. Eu nutrira a esperança de que aquilo fosse alguma espécie de oferta de paz, mas quando me atrevi a agradecer a Dom Dourado, ele ergueu os olhos do herbário que estava a examinar com um olhar ao mesmo tempo distraído e irritado. “Não faço ideia do motivo desse agradecimento, Tomé Texugo. Não me lembro de te ter dado nenhum presente, muito menos um apito vermelho. Ridículo. Vai arranjar outra patetice que te ocupe, homem. Estou a ler.”

E eu retirei-me da sua presença, reconhecendo que o apito não fora criado como um favor para comigo, mas como um sincero presente para Obtuso, de alguém que sabia bem o que era ser ignorado ou motivo de escárnio. Realmente nada tinha a ver comigo. E, com esse pensamento, o coração afundou-se-me mais um pouco no peito.

O pior era não haver ninguém a quem pudesse confidenciar a minha infelicidade, a menos que quisesse partilhar com Breu até que ponto chegava a minha estupidez. Portanto aguentei-a em silêncio e fiz os possíveis por escondê-la de todos.

No dia em que o Bobo me deu o apito, decidi que estava pronto para tomar o controlo dos meus rebeldes estudantes. Os Mercadores de Vilamonte tinham-se ido embora e Selden Vestrit fora com eles. Estava na altura de fazer o que prometera à minha rainha.

Primeiro visitei a torre de Breu e depois trepei à torre do Talento. Quando, como se tornara normal, Respeitador não apareceu, escancarei as portadas ao frio e à escuridão da manhã de inverno. Sentei-me na cadeira de Veracidade e fitei sem ânimo esse negrume. Sabia que Breu dissera a Respeitador para vir ter comigo, e até organizara o horário social do príncipe por forma a lhe fornecer mais tempo comigo. Não fizera qualquer diferença. Desde que descobrira a ordem de Talento e a quebrara, não viera nem uma vez ter comigo para uma aula. Eu deixara Respeitador manter aquele comportamento incumpridor durante muito mais tempo do que Veracidade teria tolerado em mim. Deixado a si próprio, o príncipe não voltaria para mim. Afastei as dúvidas sobre a sensatez dos meus atos. Respirei por várias vezes profunda e lentamente o ar frio do mar e fechei os olhos. Estreitei o meu Talento até o transformar numa ponta fina e exigente.

Respeitador. Vem ter comigo agora mesmo.

Não senti qualquer resposta. Ou ele não a dera, ou estava a ignorar-me. Expandi a minha consciência dele. Era difícil alcançá-lo. Concluí que estava a bloquear-me deliberadamente, que erguera as suas muralhas de Talento contra mim. Encostei-me a elas, e ganhei uma certeza razoável de que estava a dormir. Testei a força das suas muralhas. Compreendi que conseguiria ultrapassá-las com uma arremetida, se decidisse fazê-lo. Respirei fundo, reunindo as forças para fazer isso mesmo. Então, abruptamente, mudei de estratégia. Encostei-me às muralhas dele, uma pressão insidiosa. De forma distante, senti um estreito sorriso a esticar-me os lábios. A técnica de Urtiga, pensei com os meus botões enquanto deslizava através das muralhas dele e para dentro da sua mente adormecida.

Se estava a sonhar, não consegui detetá-lo. Só a quietude da sua mente inconsciente se espalhava à minha volta como uma lagoa calma. Deixei-me cair nela como uma pedra. *Respeitador.*

Ele tomou consciência de mim com um espasmo. O ultraje foi a sua reação instantânea. *Sai!* Tentou expulsar-me da sua mente, mas eu já estava no interior das suas defesas. Ofereci-lhe uma resistência calma, sem exhibir agressão mas recusando-me simplesmente a ser banido. Tal como fizera da primeira vez que lutáramos, ele atirou-se

a mim numa fúria sem estratégia. Eu persisti, aceitando o espancamento mental enquanto ele se desgastava contra mim. Quando ficou praticamente atordoado de exaustão, voltei a falar.

Respeitador. Por favor, vem até à torre.

Mentiste-me. Odeio-te.

Não te menti. Sem querer, fiz-te mal. Tentei desfazê-lo; acreditei que o tinha desfeito. Depois, no pior momento possível, ambos descobrimos que não tinha.

Tens estado a prender-me. A forçar-me a obedecer à tua vontade, desde que nos conhecemos. Provavelmente forçaste-me a gostar de ti.

Faz uma busca às tuas recordações, Respeitador. Descobrirás que isso não é verdade. Mas não vou continuar a discutir este assunto desta maneira. Vem à torre do Talento. Por favor.

Não vou.

Eu vou ficar à espera.

E com aquilo, retirei-me da sua mente.

Durante algum tempo fiquei imóvel, a reunir tanto a força como os pensamentos. Uma dor de cabeça fez pressão contra o meu crânio, exigindo atenção. Empurrei-a para um lado. Respirei fundo, e de novo sondei para o exterior.

Encontrar Obtuso foi fácil. Derramava-se música da sua mente, uma música unicamente sua, pois era música sem som. Quando a deixei fluir sem obstáculos para a minha mente tornou-se ainda mais estranha, pois não era composta por notas vindas de uma flauta ou harpa. Por um momento deixei-me prender por ela. A um nível, as “notas” da canção eram bocados de ruídos comuns da vida quotidiana. O bater dum casco, o estalido dum prato na mesa, o som do vento a passar por uma chaminé, o tinir duma moeda caída sobre uma pedra de calçada. Era uma música feita com os sons da vida. Depois deslizei mais profundamente para dentro dela, e descobri que naquele novo nível não era música, mas um padrão. Os sons estavam separados uns dos outros por diferentes graus de tom, mas também havia nisso um padrão, no modo como eles eram repetidos. Era bastante semelhante a aproximar-me duma tapeçaria. Primeiro vê-se a imagem completa que é formada, depois uma inspeção mais detalhada revela o material usado para compor as

imagens. Um estudo mais profundo revela os pontos individuais, as diferentes cores e texturas dos fios.

Desenredei-me com dificuldade da canção de Obtuso. Perguntei a mim próprio como seria que uma mente simples podia conceber uma música tão rebuscada e intrincada. E no momento seguinte alcancei um entendimento sobre ele. Aquela trama de música era o esqueleto dos seus pensamentos e do seu mundo. Era aquilo a que ele prestava atenção, colocar cada som que ouvia no seu lugar próprio no vasto esquema sonoro. Pouco admirava, portanto, que lhe restassem tão poucos pensamentos ou atenção para as preocupações insignificantes do mundo de que Breu e eu tínhamos consciência. Quanta atenção dedicava eu ao som da água a gotejar ou ao ressoar numa lâmina numa pedra de amolar?

Voltei a mim sentado na cadeira de Veracidade. Senti-me como se a minha mente fosse uma esponja que tivesse sido mergulhada numa água de música. Tive de deixar a canção de Obtuso escorrer para fora de mim para conseguir lembrar-me dos meus próprios pensamentos e intenções. Passado algum tempo, voltei a encher os pulmões de ar, estabilizei a mente e sondei para o exterior.

Desta vez assegurei-me de só roçar nos limites da música dele. Aí chegado, hesitei, tentando decidir como deixá-lo consciente de mim sem o assustar. O mais suavemente que fui capaz, fiz contacto. *Obtuso?*

Senti o impacto do seu medo e fúria como um punho na barriga. Foi como espetar um dedo num gato adormecido. Ele fugiu, mas não antes de me arranhar. Abalado, abri os olhos para a paisagem de ondas móveis que se via da torre. Mesmo assim foi difícil voltar a instalar-me no meu corpo e convencer-me de que aquele era o meu lugar. Fui assaltado por náuseas. Bem, esta primeira tentativa correu bem, pensei amargamente. Fiquei algum tempo sentado, desencorajado. Respeitador não viria e Obtuso não ia aceitar nenhuma espécie de treino dado por mim. A essa corrente unida de derrota, acrescentei a ideia de que não tivera nenhuma notícia de Zar desde que lhe pedira para fazer as suas próprias pazes com o seu mestre. Maravilhei-me com o jeito que tinha para semear a desilusão e o descontentamento entre aqueles que mais acarinhava.

Mais uma tentativa, prometi a mim próprio. Depois regressaria ao meu quarto sombrio, e daí anunciaria a Dom Dourado que o seu humilde criado ia tirar o dia para si. Desceria à Cidade de Torre do Cervo e faria alguma espécie de contacto com Zar. Tirei o apito vermelho para fora e examinei-o. O Bobo excedera-se. Era muito mais elaborado do que qualquer outro apito que eu já tivesse visto. Estava decorado com minúsculas aves. Levei-o aos lábios e tentei tirar dele algumas notas. Quando era jovem, Paciência tentara ensinar-me a tocar vários instrumentos musicais. Tivera pouco sucesso com todos. Ainda assim, consegui encontrar as notas duma simples canção infantil. Toquei-a por várias vezes, tentando em vão limar as imperfeições. Depois recostei-me na cadeira, ainda com o apito nos lábios. Enquanto tocava, sondei na direção de Obtuso, tentando enviar-lhe apenas as notas aflautadas do apito em vez de quaisquer pensamentos ou indicações da minha presença. O som intrometeu-se na música dele, e, durante algum tempo, chocalhámos juntos de forma discordante. Então as notas dele silenciaram-se quando se concentrou nas minhas.

O que é isso?

O pensamento não se destinava a mim: Ele limitou-se a sondar para o exterior, a fim de ver de onde vinha o som. Tentei tornar o pensamento que lhe enviei muito delicado. Não parei de tocar enquanto lhe dizia: *É um apito vermelho. Com um fio verde. É teu, se quiseres vir buscá-lo.*

Um longo momento de pensamentos reservados. Depois: *Onde?*

Isso fez-me pensar por um momento. Havia um guarda de serviço na base das escadas da torre do Talento. Não podia dizer a Obtuso para vir por aí. Ele seria mandado embora. Breu confiara-lhe o conhecimento de pelo menos parte do labirinto de passagens do castelo. Eu sabia que devia consultar Breu antes de revelar-lhe mais, mas aquela era uma oportunidade boa demais para desperdiçar. Queria ver se conseguiria guiar Obtuso através das passagens por intermédio da nossa ligação mental. Isso não só testaria os limites presentes da nossa capacidade para nos contactarmos um ao outro pelo Talento, como me permitiria ver ao certo aquilo que ele era capaz de fazer. Recusei-me a passar demasiado tempo em hesitações.

Vem ter comigo por aqui. Mostrei-lhe uma imagem mental da sala de torre de Breu. Depois mostrei-lhe, passo a passo, as passagens que tinha de usar para vir até à torre do Talento. Não me apressei, mas também não me demorei. Acabei com: *Se te perderes, contacta-me. Eu ajudo-te.*

Depois quebrei suavemente a ligação entre nós. Recostei-me na cadeira, e avaliei o apito que tinha na mão. Esperei que fosse suficiente como isco. Pousei-o na mesa, e a seu lado coloquei a estatueta de uma mulher. Era aquela que o príncipe encontrara na praia para onde as pedras de Talento nos tinham levado. Sem uma ideia clara do porquê, tinha-a trazido da torre de Breu a fim de a devolver ao príncipe. Com um súbito sobressalto de coração, pensei nas penas que encontrara na mesma praia. Nunca partilhara a descoberta com o Bobo. O momento nunca parecera certo. Naquele momento perguntei a mim próprio se alguma fez o faria. Afastei o pensamento da mente. Tinha de me concentrar naquilo que ia fazer em seguida.

Limpei o suor da testa. Quando me levantei, descobri que estava um pouco trémulo. O exercício daquela manhã fora mais Talento do que eu usara em bastante tempo. A dor de cabeça era maior na mesma proporção, grande demais para o meu crânio. Se tivesse uma chaleira, uma chávena, água e casco-de-elfo, era provável que tivesse cedido à tentação. Em vez disso, tinha de me contentar em servir-me de um copo de brande e debruçar-me pela janela durante algum tempo.

Quando ouvi o raspar de passos que subiam as escadas da torre, julguei que fosse o guarda. Peguei na garrafa e no copo, retirei para um canto escuro da sala e fiquei muito quieto. Ouvi a chave a virar-se lentamente na fechadura e a porta abriu-se. Então, Respeitador entrou. Fechou a porta com firmeza atrás de si e depois olhou a sala aparentemente vazia em volta. Trazia uma irritação óbvia no rosto. Foi até à mesa e voltou a olhar a sala em redor. Apercebi-me lentamente de um facto. O príncipe podia ser Manhoso, mas não o era tão fortemente como eu. Mesmo na sala comigo, continuava inconsciente da minha presença. Aquela era uma ideia nova para mim: que, tal como acontece com o Talento, os homens pudessem

possuir a magia da Manha com diferentes forças. Pus o pensamento de parte para nele refletir mais tarde.

“Aqui.” Quando falei ele deu um salto, e depois tomou consciência de mim no momento em que saí das sombras, de garrafa e copo na mão. Fitou-me furioso enquanto eu avançava até à mesa e pousava nela o copo. “Bom dia, meu príncipe.”

Ele falou firmemente, com grande desdém. “Tomé Texugo, estás livre. Já não desejo que me ensines seja o que for. Vou falar com a minha mãe para que te afaste por completo de Torre do Cervo.”

Mantive a calma. “Como quiserdes, meu príncipe. Esse, sem dúvida, seria o caminho mais fácil também para mim.”

“Isto não é sobre o que é ‘mais fácil’ para mim. É sobre perfídia e traição. Usaste o Talento contra mim, o teu legítimo príncipe. Podia pedir o teu banimento. Até a execução.”

“Podíeis, meu príncipe. Ou podíeis pedir a minha explicação.”

“Nenhuma explicação poderá desculpar o que fizeste.”

“Não disse que podíeis pedir a minha desculpa. Disse que podíeis pedir a minha explicação.”

E aí parou a conversa. Recusei-me a baixar os olhos. Enfrentei firmemente o olhar dele. Estava determinado a levá-lo a pedir, com cortesia, a minha explicação antes de ouvir mais uma palavra dita por mim. Ele parecia igualmente determinado a intimidar-me com o seu olhar principesco até eu decidir pedir-lhe perdão.

A expectativa estava do meu lado.

“Uma explicação já devia ter sido dada há muito tempo.”

“Isso talvez seja verdade,” concedi, e voltei a esperar.

“Explica-te, Tomé Texugo.”

Um “por favor” teria sido agradável, mas senti que ele vergara o máximo que pudera. O orgulho de um rapaz pode ser coisa quebradiça.

Voltei a dirigir-me à mesa e voltei a encher o copo. Ergui a garrafa na direção dele numa interrogação, mas ele abanou a cabeça, uma recusa abrupta em partilhar bebida com alguém como eu. Suspirei. “Até que ponto vos lembrais da praia? Aquela para onde fugimos através da pedra vertical?”

A cara dele nublou-se um pouco e ele pareceu cauteloso. “Eu...”

Esteve muito perto de mentir. Depois: “Lembro-me de partes. Desvanece-se, como um sonho, e depois, às vezes, bocados do que aconteceu ocorrem-me, vivos e claros. Sei que usaste a magia do Talento para nos levar até lá. Isso enfraqueceu-me e confundiu-me, não sei como. Imagino que foi nessa altura que me lançaste o teu feitiço de poder.”

Suspirei. Aquilo ia ser ainda mais difícil do que eu temera. “Lembrais-vos de um momento, junto da fogueira, em que me atacastes? Em que me atacastes determinado a matar-me?”

Ele afastou brevemente os olhos de mim, após o que anuiu, como que surpreendido por se recordar de tal coisa. “Mas isso não foi inteiramente por minha vontade. Sabes disso! Peladina estava já nessa altura a tentar controlar o meu corpo. E eu nessa época não te conhecia. Julgava que eras meu inimigo!”

“Eu tampouco vos conhecia. Não como agora. Mas já estávamos unidos por uma ligação de Talento, pois eu já por uma vez tinha tido de ir atrás da vossa alma e içá-la de volta para o vosso corpo.” Hesitei, depois decidi que não falaria daquele outro ser que encontrara, o grande ser que nos ajudara a ambos a regressar. Essa memória permanecia brumosa mesmo para mim. Era melhor não mencionar o que não podia explicar. Respirei fundo. “Eu sabia que Peladina estava dentro de vós. E que ela não se deteria perante nada para me matar, mesmo que tivesse de vos magoar ao fazê-lo. Isso assustou-me. E então, na minha ira e medo pela minha vida, ordenei-vos: ‘Respeitador, para de lutar comigo.’ Foi uma ordem de Talento. Uma ordem de Talento que ficou cunhada na vossa mente com muito mais força do que eu pretendia. Nunca tencionei fazê-lo, Respeitador. Foi um acidente, um acidente que lastimei, e um acidente que tentei corrigir. Julgava que o tinha corrigido.” Senti um sorriso indesejado a torcer-me a boca. “Julguei que tinha anulado a ordem até ao preciso momento em que tentei evitar que fizésseis aquela declaração disparatada no salão. Só nessa altura me apercebi que restava uma última sombra da ordem, só quando a haveis quebrado.”

“Sim. Quebrei-a.” Ele falou com satisfação. Depois voltou a deitar-me um olhar furioso. “Mas sabendo que ela existia, sabendo que

podés fazer-me uma coisa daquelas, como poderei voltar a confiar em ti?”

Estava ainda a pensar numa resposta para aquilo quando Obtuso abriu a porta do lado da lareira. A entrada ainda era mais apertada para o entroncado homem do que para mim, e ele apareceu engrinaldado de teias de aranha e coberto de pó. Por um momento, ficou a piscar os seus olhos de aspeto sonolento na direção do surpreendido príncipe e de mim. Tinha o queixo atirado para a frente e a língua pensativamente de fora. Então falou: “Vim buscar o apito.”

“E tê-lo-ás,” disse eu. Apanhei-o de cima da mesa e estendi-lho, pendurado do seu cordel verde. Gentilmente, acrescentei: “E isso foi um bom uso do Talento, Obtuso. Seguiste as minhas indicações e aqui estás tu.”

Ele avançou, arrastando os pés, desconfiado. Duvido que tenha reconhecido o príncipe Respeitador, fora do contexto do trono e das vestimentas de estado. Incluiu-o na carranca que fez ao dizer: “Fizestes-me vir até muito longe.” Pegou no apito e aproximou-o dos seus olhinhos perscrutadores. Depois franziu o sobrolho: “Isto não é o meu apito!”

“Agora é,” disse-lhe. “É um novo, feito especialmente para ti. Viste os pássaros?”

Ele virou-o nas mãos, depois admitiu a contragosto: “Gosto de pássaros.” Depois virou-se para se ir embora, com o apito apertado contra o peito.

O príncipe estava a fitá-lo com uma consternação que roçava a repugnância. Eu conhecia o costume da Montanha relativo a bebês como Obtuso fora; ele teria sido exposto a uma morte rápida e talvez misericordiosa, muito à semelhança do modo como Castro teria afogado um cachorro deformado. Mas a rainha Kettricken ordenara-me que treinasse aquele homem. Iriam os seus valores montanheses evitar que Respeitador aceitasse Obtuso? Tentei não sentir a esperança de que o príncipe o recusasse como membro de um círculo. Quis adiar a partida de Obtuso. “Nem sequer vais experimentar-lo, Obtuso?”

“Não.” Obtuso arrastava os pés na direção da porta.

“Experimenta essa melodia que tocas para ti próprio pelo Ta-

lento. Aquela assim: la-da-da-da-de...” Enquanto eu tentava imitar o música que acabara por conhecer de cor, Obtuso girou para me enfrentar. A indignação cintilou nos seus pequenos olhos.

“Minha!”, rugiu. “Minha canção! Canção da minha mamã!” Avançou para mim com um olhar assassino. Ergueu o apito como se fosse uma faca que podia mergulhar-me no coração.

“Desculpa, Obtuso. Não tinha percebido que era privada.” Mas devia ter percebido, compreendi de súbito. Recuei à frente dele. O seu corpo era grosso, os membros curtos e desajeitados e a barriga rechonchuda. Eu sabia que, numa luta física, poderia dominá-lo. Também sabia que isso implicaria magoá-lo, porque seria essa a única maneira de o derrotar. Não queria fazê-lo. Precisava da sua boa vontade. Precipitei-me para trás da mesa.

“Minha canção!”, repetiu Obtuso. “Ladrão fedorento, caca de cão!”

Um borbulhar involuntário de riso irrompeu dos lábios do príncipe. Acho que ele estava simultaneamente horrorizado e fascinado pelo espetáculo que era o atrasado mental a atacar-me por causa duma canção. Então, uma súbita ruga dividiu-lhe as sobrancelhas. Enquanto eu dava a volta à mesa, tentando mantê-la entre mim e Obtuso até conseguir encontrar maneira de o acalmar, o príncipe exclamou de súbito: “Eu conheço essa canção!” Trauteou um bocado dela, fazendo aprofundar a carranca de Obtuso. “É a primeira coisa que ouço sempre que tento usar o Talento. Vem de ti?” A pergunta dele era incrédula.

“Minha canção!”, voltou Obtuso a asseverar. “Canção da minha mamã! Não a podes ouvir. Só eu!” Desviou os passos e, de súbito, carregou sobre o príncipe numa violenta correria. De caminho pegou na garrafa de brande, erguendo-a como se fosse uma moca, sem prestar atenção ao líquido que galopou para fora dela e pelo seu braço abaixo. Os olhos do príncipe esbugalharam-se, mas ele tinha demasiado orgulho tolo para retirar perante a investida de Obtuso. Manteve-se onde estava, deixando-se cair na pose inclinada do combatente que eu lhe ensinara. A mão deslocou-se-lhe para a faca que trazia ao cinto. Em resposta, senti a nuvem atordoadora de *Não me vejas, não me vejas, não me vejas* proveniente de Obtuso en-

quanto este se aproximava do príncipe. Vi Respeitador lutar contra o Talento do homenzinho e senti-o a começar a preparar um golpe para atacar através da nuvem.

“Não!”, rugi, consternado. “Não vos magoeis um ao outro!”

E a minha ordem tremulava com um rebordo de Talento. Vi-os ambos a hesitar por causa dele, vi-os ambos girar sobre si próprios para me enfrentar, de braços erguidos como se isso pudesse afastar a magia. Quase consegui vê-la a ressaltar neles, mas por não mais que um instante entonteceu-os a ambos. O refluxo da minha ordem quando eles a repeliram por instinto deu-me vertigens, mas recuperei mais depressa do que eles. O príncipe deu um passo cambaleante para trás, enquanto Obtuso deixava cair a garrafa e erguia as mãos rechonchudas para cobrir os olhos. Fiquei horrorizado por aquilo que fizera; mas quando eles ficaram imóveis e dóceis por um momento acrescentei: “Basta. Não deveis nunca atacar-vos um ao outro dessa maneira se quereis trabalhar juntos para dominar o Talento.” Senti-me orgulhoso por evitar que a voz me tremesse.

Respeitador abanou a cabeça e depois falou numa voz entontecida. “Voltaste a fazê-lo! *Atreveste-te* a usar o Talento contra mim!”

“Pois usei,” admiti, e depois perguntei: “Que outra coisa querieis que eu fizesse? Que ficasse a ver-vos arrancar o juízo um ao outro? Alguma vez haveis visto o vosso primo Augusto, Respeitador? Aquele velho baboso e trémulo? O que lhe aconteceu foi um acidente. Mas houve casos de utilizadores de Talento a mutilarem-se uns aos outros em batalhas como aquela que vós quase haveis começado. Sim, e também houve mortes, mortes que queimaram quase tanto aqueles que as causaram como aqueles que morreram.”

Respeitador encostou-se à mesa. Obtuso baixou lentamente as mãos dos olhos. Tinha mordido a língua e esta pingava sangue. Respeitador falou a ambos: “Eu sou o vosso príncipe. Estais-me ajuramentados. Como vos atreveis a atacar-me?”

Respirei fundo e, com relutância, introduzi-me no papel que Breu me destinara. “Aqui não,” disse em voz baixa. “É verdade que estou ajuramentado aos Visionário, que os sirvo o melhor que posso. E para melhor os servir nisto, ficai sabendo bem o seguinte, Respeitador. Nesta sala, não sois o meu príncipe, mas o meu aluno. E

da mesma forma que o vosso mestre de esgrima vos causa nódoas negras com uma espada embotada para vos ensinar, assim eu usarei toda a força que for necessária.” Virei os olhos para Obtuso que estava a fazer-nos um beicinho amargo a ambos. “Nesta sala, Obtuso não é um criado. Aqui, é meu aluno.” Olhei para um e para o outro e afivelei-os ao arnês que teriam de partilhar. “Aqui sois iguais. Alunos. Respeitar-vos-ei enquanto tal, e exigirei que vos respeiteis enquanto tal. Mas não vos iludais. No interior deste aposento, durante as horas das nossas aulas, a minha autoridade é absoluta.” Olhei para um e para o outro. “Ambos compreendeis o que vos disse?”

O príncipe tinha um ar obstinado, e Obtuso uma expressão desconfiada. “Criado não?”, perguntou devagar.

“Se decidires ser aqui um aluno, não. Para aprender o que eu tenho para ensinar. Para que, a seu tempo, possas ajudar o príncipe.”

Ele franziu o sobrolho, abrindo lentamente caminho através da ideia. “Ajudar o príncipe. Trabalhar para ele. Criado. Mais trabalho para Obtuso.” Os seus olhinhos cintilaram maliciosamente ao expor o que ele julgava serem as minhas intenções ocultas.

Voltei a abanar a cabeça. “Não. Ajudar o príncipe. Como o círculo dele. Amigo dele.”

“Oh, por favor,” resmungou o príncipe com desdém.

“Não criado.” Isto agradava claramente a Obtuso. O facto forneceu-me mais uma revelação a respeito dele. Julgara-o demasiado estúpido para se importar com a posição que ocupava no mundo. Mas, claramente, ele preferiria não ser criado.

“Sim. Mas só se fores aluno. Se não vieres cá todos os dias e não tentares aprender o que eu ensino, então não és um aluno. Obtuso é outra vez criado. Trazer lenha, trazer água.”

O homenzinho pousou a garrafa vazia na mesa. Apressadamente, pôs o cordel do apito em volta do pescoço. “Vou ficar com o apito,” insistiu, como se isso fosse uma parte importante do acordo.

“Criado ou aluno, o apito pertence a Obtuso,” disse-lhe. Isso pareceu prejudicar a sua compreensão da situação. A linguinha gorda projetou-se-lhe mais da boca enquanto refletia na nova informação.

“Não podes estar a falar a sério,” disse o príncipe em voz baixa. “*Aquilo* vai ser membro do meu círculo?”

Passei por um momento de solidariedade para com ele que foi também de forte irritação com o seu desdém para com Obtuso. Falei num tom uniforme. “Ele é o melhor candidato que eu e Breu encontramos até agora. A menos, claro, que tenhais encontrado outros com a sua apetência natural para o Talento.”

Ele ficou em silêncio e depois abanou a cabeça a contragosto. Nalgum canto da minha mente, senti-me divertido por o príncipe ter ficado mais perturbado com a ideia de Obtuso ser um estudante, seu colega, do que com a minha declaração de que os trataria de igual forma durante as aulas. Decidi aproveitar-me da sua distração temporária. “Ótimo. Então está assente. E acho que aprendemos todos o suficiente para uma manhã. Espero que ambos aqui estejais a horas amanhã. Por agora, podeis ir-vos embora.”

Foi com todo o gosto que Obtuso partiu. Ainda agarrado ao apito, dirigiu-se a arrastar os pés para a porta da lareira. Quando a fechou atrás de si, o príncipe perguntou em voz baixa: “Porque é que me estás a fazer isto?”

“Porque estou ajuramentado ao reinado Visionário. Para o servir o melhor que possa. E vós, Respeitador, podeis-te ir-vos agora embora.”

Nutri a esperança de que ele se virasse para a porta, mas não o fez. Ficou parado até que se ouviu uma pancada forte na porta. Ambos nos assustámos. Deitei um relance ao príncipe, o qual disse alto: “Que é?”

A voz de um jovem pajem chegou-nos através dos robustos madeiramentos da porta. “Uma mensagem para vós, príncipe Respeitador, senhor, do conselheiro Breu. Ele disse-me para vos pedir perdão, mas também disse para vos fazer saber que tinha uma urgência imediata.”

“Um momento.”

Desvaneci-me num canto da sala enquanto o príncipe ia até à porta, a destrancava, entreabria-a um pouco e aceitava um pequeno rolo selado. Enquanto o observava, pensei amargamente que, apesar de tudo o resto que o Mestre do Talento Galeno fizera, ele tivera razão em várias coisas. Nenhuns estudantes seus se teriam alguma vez atrevido a atacar uns aos outros, quanto mais a questionar a sua autoridade sobre eles. Ele reduzira imediatamente todos os seus alu-

nos a uma severa igualdade, se bem que eu tivesse sido aí a exceção; todos sabiam que Galeno me via como inferior aos demais. Por mais que isso me deixasse sem ar, teria de imitar pelo menos algumas das suas atitudes, mesmo que recusasse as suas técnicas brutais. Disciplina não é o mesmo que punição, pensei, e reconheci aí o eco de palavras antigas de Castro.

O príncipe fechara a porta atrás de si e arrancara a cera do rolo. Depois franziu o sobrolho quando o desenrolou para revelar um segundo rolo selado no seu interior. “Acho que isto deve ser para ti,” disse, apreensivo. A palavra “professor” estava escrita no lado de fora do rolo numa letra em que eu nunca teria reconhecido como sendo a de Breu. Ao ver o meu cervo Visionário em arremetida impresso na cera, tirei o rolo da mão do príncipe.

“É,” concordei, conciso. Virei-lhe costas, quebrei a cera e li a única frase. Então, enquanto o príncipe observava, entreguei-a ao fogo.

“O que era?,” perguntou o príncipe.

“Uma convocatória,” disse apenas. “Tenho de me ir já embora. Mas espero encontrar-vos amanhã a horas e pronto a aprender. Bom dia, meu príncipe.”

O seu silêncio atordoado seguiu-me enquanto me espremia por trás da armação da lareira e trancava a pequena porta atrás de mim. Uma vez no interior da estreita passagem, apressei-me o máximo que me era possível. Amaldiçoei em silêncio os tetos baixos, os cantos que me obrigavam a encolher-me e o deambular labiríntico daquelas tocas quando desejava correr o mais depressa possível numa linha o mais reta possível.

Quando cheguei ao posto de observação que dava para a sala de audiências privativa da rainha tinha a boca seca como papel e arquejava como um cão de caça. Respirei fundo várias vezes e forcei-me a permanecer imóvel até voltar a ficar com a respiração regular e silenciosa. Então, atirei-me para cima do pequeno banco e apliquei o olho ao minúsculo buraco. Estava atrasado. Breu e a rainha Kettricken já lá se encontravam, a rainha sentada enquanto o conselheiro se mantinha em pé a seu lado. Tinham as costas voltadas para mim. Um rapaz desengonçado com uns dez anos estava em pé na frente deles.

Os seus caracóis escuros estavam colados ao crânio devido ao suor, e a bainha do manto pingava neve derretida e lamacenta no chão. Os sapatos baixos que usava nunca tinham sido destinados a viagens inverniais. Neve endurecida ainda derretia nas suas calças e pés. Fosse qual fosse o local de onde viera, devia ter caminhado a noite inteira. Os seus olhos escuros eram imensos, mas enfrentava firmemente o olhar da sua rainha. “Estou a ver,” disse esta em voz baixa.

A resposta da rainha pareceu dar coragem ao rapaz. Desejei ter ouvido toda a conversa. “Sim, s’nhora,” concordou ele. “E portanto, ao ouvir dizer que não iríeis tolerar o que estava a ser feito aos Manhosos, vim ter convosco. Talvez aqui em Torre do Cervo possa simplesmente ser o que sou e não ser espancado por isso. Prometo que nunca usarei a Manha para nenhuma vileza. Jurarei fidelidade aos Visionário e servir-vos-ei bem em tudo o que me pedirdes.” Ergueu os olhos para enfrentar os da rainha, não um olhar ousado, mas o olhar honesto e direto de um rapaz confiante em ter escolhido o rumo certo. Fitei o filho de Castro, vendo Moli misturada nos malares e pestanas do rapaz.

“E o teu pai aprovou isto?” perguntou Breu, severo mas gentil.

Ao ouvir aquilo, o rapaz afastou o olhar. Quando falou, a sua voz soou mais baixa. “O meu pai não sabe, senhor. Eu limitei-me a ir embora quando percebi que não aguentava mais. Não terão saudades minhas. Haveis visto a nossa casa. Ele tem outros filhos, bons filhos que não são Manhosos.”

“Isso não quer dizer que ele não tenha saudades tuas, Ági.”

Pela primeira vez, o rapaz pareceu aborrecido. “Não sou o Ági. O Ágil não tem a Manha. Sou Veloz, o outro gémeo. Vedes, essa é outra razão para o meu pai não sentir a minha falta. Já tem um de mim que é perfeito.”

Um silêncio chocado seguiu-se às palavras dele. Tenho a certeza de que o rapaz interpretou mal a causa desse silêncio. Quando Ketricken falou, tentou remediar a situação.

“Eu conheci Castro, há anos. Por mais que possa ter mudado, continuo a ter a certeza de que, Manhoso ou não, sentirá a tua falta.”

Breu acrescentou: “Quando falei com Castro, ele pareceu gostar muito, e estar muito orgulhoso, de todos os seus filhos.”

Por um momento, julguei que o rapaz ia quebrar. Depois respirou fundo e disse com um ar terra-a-terra: “Bom, sim, mas isso era dantes.” Breu deve tê-lo olhado sem entender, porque o rapaz explicou dolorosamente: “Antes da mácula se revelar em mim. Antes dele saber que eu tinha a Manha.”

Vi a rainha e Breu virarem-se um para o outro e conferenciam em silêncio. Passado um momento, a rainha disse em voz baixa: “Então, Veloz, filho de Castro, digo-te o seguinte: estou disposta a aceitar-te ao meu serviço. Mas acho que é melhor que o faça com o consentimento do teu pai. Ele deve ser informado do teu paradeiro. É injusto deixar os teus pais temer que possas ter tido um mau fim.”

Enquanto ela falava, tomámos todos consciência de vozes alteradas no corredor à porta da sala. Houve uma leve pancada na porta e, antes de terem tempo de responder, outra, apressada e mais pesada. Kettricken acenou a um pequeno pajem que estava a seu lado, o qual foi abrir a porta. Quando esta se abriu, estava um guarda na sua frente, pronto para transmitir uma mensagem. Atrás dele agigantava-se Castro, escuro e de cenho franzido, e, apesar de todos os anos que se tinham passado, tremi perante aquela expressão. Os seus olhos negros incandesciam quando ele espreitou a sala para lá da sentinela. Ignorando claramente o homem como pouco importante, Castro chamou: “Breu. Uma palavrinha convosco, por favor.”

Foi a rainha Kettricken quem respondeu. “Castro. Por favor, entra. Pajem, podes sair. Fecha a porta atrás de ti. Não, guarda Sene, asseguro-te de que tudo está bem. Não precisamos dos teus serviços neste momento. Fecha a porta.”

Apesar de Castro ter entrado na sala com passos largos e zangados, a suave cortesia das palavras dela e o ar calmo que mostrou ao recebê-lo tirou-lhe das velas a maior parte do vento. Castro caminhava com um baloiçar numa perna onde a articulação não se dobrava bem.

Caiu sobre um joelho na frente de Kettricken, apesar de ela dizer: “Oh, Castro, isso não é preciso. Por favor. Levanta-te.”

Voltar a içar-se para cima das pernas custou-lhe, mas ele fê-lo. Quando ergueu os olhos para os dela, vi algo que me impressionou. A mais pálida das cataratas, o mais ténue início duma nuvem pro-

gressiva abrumava-lhe o escuro olhar. “Minha rainha. Dom Breu,” cumprimentou-os formalmente. Depois, como se não houvesse mais nada a dizer-lhes, virou-se para Veloz e disse: “Rapaz. Para casa. Já.” Quando o rapaz se atreveu a olhar para a rainha em busca de confirmação, Castro rosou: “Eu disse ‘para casa’! Esqueces-te de quem é o teu pai?”

“Não, senhor. Não esqueço. Mas como... como me haveis encontrado?” perguntou Veloz, consternado.

Castro fungou de desprezo. “Muito facilmente. Perguntaste ao ferreiro em Trura qual era a estrada que levava a Torre do Cervo. Bom, eu tive uma cavalgada longa e fria e já aborreceste estas pessoas o suficiente. Vou levar-te para casa agora mesmo.”

Senti então admiração por Veloz, pois manteve-se firme e resolutu perante a crescente fúria do pai. “Pedi asilo à rainha. E se ela mo conceder, pretendo ficar cá.”

“Estás a dizer disparates. Não precisas de nenhum asilo. Deixaste a tua mãe histérica de preocupação e puseste a tua irmã em lágrimas durante duas noites. Agora vens para casa e voltas a acomodar-te no teu lugar e a cumprir os teus deveres. Sem queixas.”

“Senhor,” respondeu Veloz. Não era um assentimento, só uma confirmação de que ouvira as palavras de Castro. Em silêncio, ergueu os seus olhos escuros para a rainha. Era uma coisa estranha de ver, Castro, mais velho e mais grisalho, e a seu lado o filho a espelhar o olhar obstinado do pai.

“Se puder fazer uma sugestão...” começou Breu, mas Kettricken interrompeu com: “Veloz, viajaste até longe e depressa. Sei que estás molhado, com frio e cansado. Diz ao guarda que está à porta para te levar até lá abaixo às cozinhas e se assegurar de que és alimentado e depois para deixar que te ponhas na frente da lareira para te aqueceres e secares. Quero falar com o teu pai.”

O rapaz hesitou e o cenho de Castro franziu-se mais. “Obedece-lhe, rapaz!”, exclamou. “Aquela é a nossa rainha. Se não consegues mostrar a devoção filial necessária para obedecer ao teu pai, pelo menos mostra que tens a educação para obedecer à tua legítima rainha. Faz a tua vénia e depois vai-te embora como te disseram.”

Vi as esperanças do rapaz morrerem. Fez uma vénia rígida mas

correta e saiu. Mesmo então, Veloz não fugiu da sala, mas saiu a passos largos, com dignidade, como quem se dirige para a sua execução. Depois da porta se fechar atrás dele, Castro voltou a virar o olhar para Kettricken. “Peço desculpas à minha rainha por terdes sido perturbada com isto. Ele é um rapaz bastante bom, normalmente. Mas está numa... idade difícil.”

“Ele não nos perturbou. Para dizer a verdade, eu seria assim perturbada de bom grado se for isso o que é preciso para te levar a visitar-nos. Não te queres sentar, Castro?” Indicou uma cadeira vazia com um gesto, uma das várias que estavam numa fila na sua frente.

Castro manteve-se rigidamente ereto. “Sois amável por fazerdes essa oferta, mas não tenho tempo para me demorar, senhora. Prometi à minha esposa que regressaria para junto dela, com o rapaz, o mais depressa possível, e...”

“Tenho de te ordenar que te sentes, meu teimoso velho amigo? Tenho a certeza de que a tua mulher irá perdoar-te o atraso para repousares por um momento.”

Ele ficou em silêncio. Depois, como um cão que tivesse recebido uma ordem de senta e fica, dirigiu-se a uma das cadeiras e sentou-se nela. E de novo esperou.

Após uma pausa, Kettricken voltou a tentar. “Depois de todos estes anos, esta é uma forma incómoda de nos voltarmos todos a juntar. E, no entanto, por mais incómoda que seja a forma como a reunião aconteceu, estou contente por voltar a ver a tua cara. Sim, e por ver que tens um filho com o espírito orgulhoso do pai.”

Outro homem poderia ficar amolecido com aquele elogio paternal, mas Castro limitou-se a baixar o olhar e a temperá-lo com: “E temo que tenha também muitos dos defeitos do pai, senhora.”

Kettricken nem desperdiçou palavras nem tempo. “Referes-te à Manha.”

Castro estremeceu ao ouvir aquilo como se ela o tivesse insultado.

“Veloz contou-nos, Castro. Não a vejo como coisa vergonhosa. Ele disse-me que veio ter comigo porque proibi os homens de perseguir os possuidores de Manha. Pediu para eu o aceitar ao meu

serviço. Na verdade, sentir-me-ia feliz por ter um rapaz tão intrépido a servir-me como pajem. Mas disse-lhe que teria de ser com o consentimento do pai.”

Ele abanou a cabeça ao recusar. “Não o dou, senhora. Veloz é novo demais para viver entre estranhos. Ser elevado tão depressa e tanto acima do seu estatuto natural podia estragá-lo. Ele precisa de ficar a meu lado ainda durante alguns anos, até que aprenda a controlar os seus impulsos de rapaz.”

“Até teres extinguido nele a Manha,” completou Breu.

Castro analisou a ideia, depois franziu o sobrolho. “Não creio que isso possa ser feito. Tentei durante muitos anos limpá-la de mim. Ainda permanece. No entanto, mesmo que ela não possa ser expurgada de um homem, ele pode ser ensinado a recusá-la. Tal como tem de aprender a recusar todo o tipo de outros vícios.”

“E tens assim tanta certeza de que é um vício e algo a desprezar?” A voz de Kettricken era gentil. “Se não fosse pelo facto de possuíres a Manha, eu teria morrido às mãos de Majestoso, naquela altura. Se não fosse a tua Manha, o Fitz teria perecido nas masmorras de Majestoso.”

Castro fez uma curta inspiração. Esta pareceu ficar-lhe presa na garganta, e inspirou mais uma vez, como um homem que luta por controlar-se. Ergueu os olhos, pestanejando, e dilacerou-me ver que as suas pestanas estavam húmidas com lágrimas por derramar. “Vós conseguis pronunciar o nome dele,” disse com voz rouca. “E no entanto não vos apercebeis de que é ele o motivo por que eu tomo a posição que tomo? Senhora minha rainha, se não fosse a Manha, o Fitz teria aprendido bem o Talento. Se não fosse a Manha, ele nunca teria sido atirado para as masmorras de Majestoso. Se não fosse a Manha, podia ainda hoje estar vivo. A Manha condenou-o a morrer, e nem sequer como um homem. Como um animal.” Arrastou para os pulmões uma inspiração trémula. A sua voz soou áspera, mas ele manteve-se ereto e reteve o domínio de si próprio. “Todos os dias da minha vida são vividos com o meu falhanço. O meu príncipe, o príncipe Cavalaria, confiou-me o seu único filho, com uma única ordem: que o educasse bem. Falhei ao meu príncipe. Falhei ao Fitz e falhei a mim próprio. Porque fui fraco. Porque não tive a força de

vontade para ser severo com o rapaz quando a severidade era necessária. Por isso ele caiu no caminho dessa vil magia, e praticou-a, e ela causou a sua perdição. Pagou o preço pela minha ternura deslocada. Morreu, horripelmente, só, e como animal.

“Senhora minha rainha, eu amei o Fitz, primeiro como filho do meu amigo, e depois como meu amigo. Amei-o tal como amo agora o meu próprio filho. E não perderei outro rapaz para essa magia baixa. Não perderei.” Só nas últimas palavras a sua voz profunda começou a tremer. As suas mãos fecharam-se e abriram-se e depois cerraram-se em punhos nos seus flancos. Olhou-os a ambos através dos seus olhos brumosos.

“Castro. Velho amigo.” A voz de Breu soou densa. “Há muito tempo, mandaste-me dizer que o Fitz tinha perecido. Nessa altura duvidei. Ainda duvido. Como podes ter a certeza da sua morte? Lembra-te do que ele nos disse a ambos. Que pretendia ir para sul, para Calcede e para lá de Calcede. Talvez tenha feito o que disse que ia fazer, e...”

“Não. Não fez.” As mãos de Castro ergueram-se lentamente até à sua garganta. Desdobrou o colarinho e depois, de dentro dele, tirou uma coisa pequena e brilhante. O coração deu-me uma volta no peito e lágrimas inundaram-me os olhos. Castro mostrou a coisa a ambos, que cintilava na palma calosa da sua mão. “Reconheceis isto? É o alfinete que o rei Sagaz lhe deu quando reclamou o rapaz como seu.” Fungou ruidosamente e pigarreou. “Quando encontrei o seu corpo, o Fitz já tinha morrido há muito. Muitas criaturas lhe tinham mordido o corpo. Mas isto ainda lá estava, no colarinho da camisa com que morreu. Morreu como um animal, lutando com animais quase iguais a si. Era o filho de um príncipe, o filho do melhor homem que eu já conheci, e morreu como um cão.” Fechou abruptamente a mão em volta do alfinete. Não proferiu palavra enquanto o voltava a prender ao colarinho.

Fiquei sentado no escuro, atrás da parede, com a mão apertada com força contra a boca. Tentei não sufocar com as minhas próprias lágrimas e trair a minha presença. Tinha de guardar o meu segredo. Tinha de continuar morto para ele. Nunca pensara no que o presumir da minha morte podia significar para ele. Pouco pensa-

ra em quanto desgosto e culpa poderia ele sentir pelo modo como supunha que eu morrera. Castro ainda acreditava que eu sucumbira à Manha, que revertera a um estilo de vida animal, um homem selvagem a viver na floresta até os Forjados me atacarem e matarem. Não estava muito distante da verdade. Durante algum tempo eu *realmente* revertera a um estado de lobo em corpo de homem. Mas arrastara-me para cima e para fora desse refúgio, e forçara-me a voltar a ser homem. Quando os Forjados assaltaram a minha casa e me atacaram, eu tinha fugido. Passaram-se dias antes de me aperceber que tinha deixado o meu precioso alfinete para trás. Castro encontrara o corpo de um Forjado que eu matara. A camisa com o alfinete espetado no colarinho estivera nesse corpo. E, portanto, ele assumira que fosse o meu. Ao longo de todos aqueles anos conviera-me deixá-lo na ignorância da minha sobrevivência. Julgara que isso era o melhor para todos nós. Ele e Moli encontraram um amor e uma vida juntos. Descobrir que eu ainda estava vivo só podia danificar essa ligação entre eles. As coisas tinham de ficar como estavam. Tinham mesmo. Numa quietude atordoada, inclinei-me e espreitei o homem que se sentia responsável pela minha morte. Ele tinha de continuar a suportar essa culpa. Eu não podia alterá-la.

“Castro. Não me parece que tenhas falhado seja a quem for.” disse Kettricken com suavidade. “E não vejo a Manha como uma falha no teu filho. Deixa-o aqui comigo. Por favor.”

Castro abanou a cabeça lenta e pesadamente. “Não diríeis isso se ele fosse vosso filho. Se vivesse diariamente com o perigo das pessoas descobrirem o que ele era.”

Vi os ombros de Kettricken erguerem-se quando ela inspirou e compreendi que se preparava para lhe dizer que o seu próprio filho era Manhoso. Breu apercebeu-se também do perigo, pois interrompeu-a suavemente com um: “Entendo a tua posição, Castro. Não concordo com ela, mas entendo-a.” Fez uma pausa e de seguida perguntou: “O que vais fazer com o rapaz?”

Castro fitou-o. Depois soltou uma breve gargalhada. “O quê? Temeis que eu o esfole? Não. Vou levá-lo para casa e vou mantê-lo bem afastado de animais e pô-lo a trabalhar todos os dias até estar tão cansado que adormeça antes de chegar à cama à noite. Nada pior

do que isso. A língua da mãe irá provavelmente flagelá-lo mais do que seria possível com uma vergasta. E a irmã também não irá perdoar-lhe facilmente os cuidados que nos causou.” Depois, de repente, fez uma carranca mais negra do que nunca. “O moço disse-vos que temia pela vida, por acaso? Porque isso é uma mentira, e ele sabe-o, e por isso pode apanhar com as costas da minha mão.”

“Ele não disse nada que se parecesse,” disse Kettricken em voz baixa. “Só que já não aguentava viver em casa sendo-lhe proibida a Manha.”

Castro soltou uma fungadela. “Ninguém morre por lhe ser proibida a Manha. Há uma solidão em desistir dela, e bem a conheço eu. Mas ninguém morre por evitar a Manha. É usando a Manha que se morre dela.” Castro levantou-se de repente da cadeira. Ouvi o seu joelho aleijado a estalar quando ele se ergueu e vi-o estremecer por isso. “Senhora minha rainha, perdoai-me, mas se fico muito tempo sentado fico burro e a cavalgada que tenho de fazer hoje até casa será mais difícil para mim.”

“Então passa cá um dia, Castro. Vai até aos banhos para aliviar essa perna, por duas vezes ferida a proteger uma vida Visionário. Come bem, e dorme esta noite numa cama fofa. Amanhã estarás a tempo da viagem para casa.”

“Não posso, senhora.”

“Podes. Terei de ordenar também que aceites este conforto?” A voz da rainha mostrava-se amiga.

Castro enfrentou-lhe diretamente o olhar. “Senhora minha rainha, ordenar-me-íeis que quebrasse a palavra dada à minha senhora?”

Kettricken inclinou-lhe gravemente a cabeça. “Meu bom homem, a tua honra é a única coisa tão rígida como a tua teimosia. Não, Castro, nunca te ordenaria que quebrasses a palavra dada. Demasiadas vezes dependeu a minha vida dessa palavra. Nesse caso, deixar-te-ei ir, como quiseres. Mas vais demorar-te o tempo suficiente para me deixares embalar os presentes que desejo que leves à tua família. E, enquanto o faço, podes perfeitamente comer uma refeição quente e aquecer-te à lareira.”

Castro ficou em silêncio por um momento. Depois: “Como qui-

serdes, senhora.” E de novo caiu solene e dolorosamente sobre um joelho.

Quando se levantou e se pôs à espera da licença dela, Kettricken suspirou. “Podes ir, meu amigo.”

Depois de a porta se fechar atrás dele, Kettricken e Breu ficaram em silêncio durante algum tempo. Eram as únicas pessoas que restavam na sala. Depois Breu virou-se e olhou na minha direção. Falou em voz baixa. “Tens algum tempo enquanto ele come. Pensa bem. Devo chamá-lo de volta a esta sala? Podias estar aqui sozinho com ele. Podias sossegar-lhe o coração.” Fez uma pausa. “Esta decisão cabe-te a ti, rapaz. Nem Kettricken nem eu a tomaremos por ti. Mas...” As suas palavras esmoreceram. Talvez soubesse o quanto eu não desejava o seu conselho sobre aquilo. Em voz baixa, acrescentou: “Se quiseres que peça a Castro para voltar a esta sala, diz a Dom Dourado para me enviar uma mensagem. Se não quiseres, então... não faças nada.”

Depois, a rainha levantou-se e Breu acompanhou-a para fora da sala de audiências. Ela deitou um olhar suplicante à minha parede antes de sair da sala.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado na poeira e na escuridão. Quando a minha vela começou a afogar-se na sua própria cera, levantei-me e regressi ao meu pequeno quarto. O corredor pareceu-me longo e desolador. Caminhei sem ser visto, através da poeira, das teias de aranha e dos excrementos dos ratos. Como um fantasma, sorri rigidamente para os meus botões. Era tal qual como caminhava pela vida.

No meu quarto, tirei o manto do cabide. Escutei à porta durante um momento, após o que saí para a sala central dos aposentos de Dom Dourado. Ele estava sentado sozinho à mesa. Pusera de lado a bandeja do pequeno-almoço. Não parecia estar a fazer nada. Não me dirigiu qualquer cumprimento. Falei sem preâmbulos.

“Castro está cá. Seguiu o filho, Veloz, gémeo de Ágil. Veloz é Manhoso e procurou asilo ao serviço da rainha. Castro recusou-se a deixá-la ficar com o rapaz. Vai levá-lo consigo para casa, para lhe ensinar a não usar a Manha. Ainda pensa que a Manha é maligna. Culpa-a pela minha morte. Também se culpa a si próprio, por não a ter expulsado de mim à pancada.”

Passado um momento, Dom Dourado virou indolentemente a cabeça para me olhar. “Um mexerico interessante. Esse Castro foi aqui Mestre dos Estábulos a dada altura, não foi? Não me parece que o tenha conhecido.”

Durante algum tempo limitei-me a olhá-lo. Ele devolveu-me o olhar com uma mirada vazia de interesse. “Hoje vou descer à Cidade de Torre do Cervo,” anunciei em tom monocórdico.

Ele voltou à sua contemplação do tampo da mesa. “Como queiras, Tomé Texugo. Hoje não tenho necessidade dos teus serviços. Mas prepara-te para montar amanhã ao meio-dia. A dama Parcimónia e a sobrinha ofereceram-se para me levar a uma caçada com falcões. Não quero ter uma ave minha, sabes? As garras estragam-me as mangas dos casacos. Mas talvez consiga acrescentar algumas penas à minha coleção.”

A minha mão estava na tranca da porta antes de ele ter tempo de concluir aquela odiosa farsa. Fechei-a firmemente atrás de mim e desci as escadas com vivacidade. Desafiei o destino e a mim próprio. Se deparasse com Castro no corredor, ele reconhecer-me-ia. Os deuses que decidissem sozinhos se ele devia viver numa ignorância culpada ou numa verdade devastada pela dor. Mas não o encontrei nos corredores de Torre do Cervo, nem sequer o vislumbrei quando passei pela sala de jantar dos guardas. Depois soltei uma fungadela perante a minha tola fantasia. Sem dúvida que levariam o convidado da rainha para o salão principal e aí o alimentá-lo-iam bem, junto do seu indócil filho. Não me autorizei a parar para pensar em mais tentações. Saí para o pátio e depressa estava a caminhar pela estrada da Cidade de Torre do Cervo abaixo.

O dia estava bom, com céu limpo e frio. Este mordida-me as maçãs do rosto e as pontas das orelhas, mas o ritmo que adotei manteve o resto de mim quente. Encenei uma dúzia de cenas na cabeça a respeito do que aconteceria se eu confrontasse Castro. Ele abraçar-me-ia. Bater-me-ia e amaldiçoar-me-ia. Não me reconheceria. Desmaiaria de choque. Em algumas, ele acolhia-me calorosamente com lágrimas de júbilo, e noutras amaldiçoava-me por todos os anos em que o deixara a viver com a culpa. Mas em nenhuma dessas cenas conseguia imaginar como conseguiríamos falar de Moli e de

Urtiga, nem o que viria depois. Se Castro descobrisse que eu estava vivo, conseguiria escondê-lo de Moli? Queria fazê-lo? Às vezes a sua honra operava numa escala de tal modo elevada que o que era impensável para qualquer outro homem se transformava na única opção correta para si.

Interrompi os pensamentos para ir dar por mim no centro da Cidade de Torre do Cervo. Tanto homens como mulheres me evitavam, e apercebi-me de que estava com uma carranca negra e provavelmente resmungava com os meus botões. Tentei arranjar uma expressão mais agradável, mas a minha cara não parecia lembrar-se de como formá-la. E também não me conseguia decidir onde desejava estar. Passei pela oficina de carpinteiro onde Zar era aprendiz. Demorei-me no exterior até ter um vislumbre dele lá dentro. Havia ferramentas nas suas mãos. Perguntei a mim próprio se isso queria dizer que lhe tinham sido dadas mais responsabilidades, ou se só significaria que ele as estava a levar a alguém. Bem, pelo menos estava onde devia. Hoje não o ia incomodar.

Depois vagueei até à loja de Gina, mas encontrei-a bem fechada. Uma rápida verificação no seu barracão mostrou que o pônei e a carroça tinham desaparecido. Algo a devia ter chamado para longe. Não consegui decidir se sentia alívio ou desapontamento. Aliviar a solidão na sua companhia não me teria acalmado, mas se a tivesse encontrado em casa provavelmente teria cedido à tentação.

E portanto tomei a segunda decisão mais tola que poderia tomar, ou seja, fui até ao Porco Entalado. Uma taberna própria para o Bastardo Manhoso. Entrei e, ao parar à porta, com o brilhante sol de inverno a jorrar das minhas costas para o interior, decidi que a taberna era um daqueles lugares que têm sempre melhor aspeto à luz das lâmpadas. A luz do dia revelava não só a fadiga das mesas inclinadas e a palha húmida que desculpava o chão, mas a vulgaridade das pessoas que iam a uma taberna daquelas numa tarde luminosa de inverno. Pessoas como eu, concluí com amargura. Um velhote e um homem com uma perna torta e um só braço estavam sentados juntos a uma mesa junto da lareira, com uns ossos de jogar entre eles. A outra mesa, um homem com uma cara muito magoada estava sentado a embalar uma caneca e a resmungar com os seus

botões. Uma mulher ergueu os olhos quando eu entrei. Quando levantou uma sobrancelha de forma inquiridora, abanei a cabeça. Ela franziu-me o sobrolho e devolveu o olhar ao fogo que ardia na lareira. Um rapaz com um balde e um trapo estava a esfregar mesas e bancos. Quando me sentei, limpou as mãos nas pernas das calças e veio ter comigo.

“Cerveja,” disse eu, não porque a quisesse, mas porque estava ali e tinha de pedir qualquer coisa. Ele bandeou a cabeça para indicar que entendera, recebeu a minha moeda, trouxe-me uma caneca e voltou às suas tarefas. Bebi o gole da cerveja e tentei lembrar-me do motivo por que descera à Cidade de Torre do Cervo. Decidi que fora simplesmente a necessidade de me mexer. Mas agora estava parado. Estúpido.

Ainda estava parado quando o pai de Esvânia entrou. Não me parece que me tenha visto a princípio, tendo entrado na taberna sombria vindo do dia luminoso de inverno. Quando o reconheci, baixei os olhos para o tampo da mesa, como se, por não olhar para ele, me pudesse tornar invisível. Não funcionou. Ouvi as suas botas pesadas na palha ensopada e depois ele arrastou uma cadeira e sentou-se à minha frente. Fiz-lhe um aceno prudente. Ele fitou-me de forma turva. Os seus olhos estavam debruados de vermelho, mas eu não saberia dizer se seria de chorar, de não dormir ou de beber. O seu cabelo escuro fora escovado naquela manhã, mas não se barbeara. Perguntei a mim próprio por que motivo não estaria ele no seu ofício. O rapaz da taberna depressa correu até nós com uma caneca de cerveja para ele. Recebeu a moeda do homem e voltou às limpezas. Hasteveado bebeu um pouco de cerveja, coçou a cara peluda e disse: “Bom.”

“Bom,” concordei calmamente e bebi da minha cerveja. Desejei tão intensamente estar noutra sítio qualquer que parecia inacreditável que o meu corpo permanecesse onde estava.

“O teu rapaz.” Hasteveado mexeu-se na cadeira. “Ele pretende casar com a minha rapariga, ou só estragar-lhe a vida?” A sua cara permaneceu calma enquanto falava, mas eu via tanto ira como dor a borbulharem nele como vapores vindos do fundo duma lagoa de água estagnada. Acho que compreendi nesse momento que acaba-

ríamos a lutar. Apercebi-me disso como uma espécie de iluminação. O homem tinha de fazer qualquer coisa para recuperar algum amor-próprio, e eu fornecia-lhe a primeira oportunidade. Tanto o velhote como o homem mutilado tinham perdido interesse no jogo e estavam a observar-nos. Sabiam tão bem como eu o que aí vinha. Seriam as testemunhas de Hasteveado.

Não havia maneira de escapar àquilo que se preparava, mas eu tentei encontrá-la. A minha voz soou baixa, firme e séria. Tentei chegar até ele, falando-lhe de pai para pai. “O Zar diz-me que ama a Esvânia. Portanto não há ali nenhuma intenção de lhe estragar a vida ou de a usar e pô-la de parte. São os dois muito novos. Mas, sim, há o perigo de estrago, e tanto para o meu filho como para a tua filha.”

Cometi um erro quando fiz uma pausa naquele momento. Acho que, se tivesse continuado a falar, ele teria ficado sentado e prestado alguma atenção às minhas palavras. Tencionara perguntar-lhe o que ele achava que nós, enquanto pais, podíamos fazer para refrear os nossos filhos até que as suas paixões encontrassem alguma espécie de alicerce para planear um futuro. Se eu não tivesse estado a pensar tão seriamente no que lhe dizer e naquilo que podíamos realmente fazer, talvez tivesse reparado que ele estava seriamente a pensar na melhor maneira de me dar uma sova.

Ele pôs-se em pé de repente. Tinha a caneca na mão e uma fúria desesperada inflamava-lhe os olhos. “O teu filho anda a fodê-la! À minha pequenina, à minha Esvânia! E tu achas que isso não é estragar-lhe a vida?”

Estava a pôr-me em pé quando a pesada caneca me atingiu na cara. Um erro de cálculo, observou uma parte qualquer de mim. Eu julgara que ele me bateria com ela sem largar, e julgara que me tinha inclinado para fora do seu alcance. Quando o homem a fez voar, essa pequena distância não foi suficiente. A caneca atingiu-me o malar com um estalo audível e uma dor branca espalhou-se em teia a partir do local do impacto.

A dor aguda faz alguns homens fugir e paralisa outros. O tempo que eu passara sob tortura de Majestoso gravara a ferros em mim uma reação diferente. Ataca agora, antes que fique pior, antes que o teu atacante consiga dominar-te e atormentar-te a seu bel-prazer. Já

me lançara sobre ele por cima da mesa antes mesmo de a caneca arremessada cair ao chão. A dor na minha cara chegou ao zénite mais ou menos ao mesmo tempo que o meu punho se esmagou contra a sua boca. Os seus dentes cortaram-me os nós dos dedos e a minha mão esquerda colidiu contra o seu externo, acima do alvo que pretendia atingir.

O aviso que Gina me dera a respeito dele fora válido. Ele não caiu e rugiu-me de fúria. Eu tinha um dos joelhos apoiado no tampo da mesa. Pus a outra perna por baixo de mim e empurrei a partir daí, com as mãos a tentar alcançar-lhe a garganta enquanto o peso do meu corpo o atirava ao chão sujo. O banco que se encontrava atrás dos seus joelhos ajudou-me a derrubá-lo, mas bati dolorosamente nele com as canelas quando aterrei em cima do homem.

Ele era mais forte do que parecia e lutou sem limitações, sem se preocupar com o seu corpo. O seu único objetivo era magoar-me, sem qualquer preocupação consigo próprio e, enquanto rolávamos e nos engalfinhávamos, ouvi os seus nós dos dedos estalar quando o seu punho se encontrou com o meu crânio. Não conseguira firmar bem os dedos na garganta dele, e os bancos e mesas que atafulhavam a taberna acrescentavam obstáculos à nossa luta. A certo ponto ele ficou em cima de mim, mas estávamos debaixo duma mesa e eu consegui erguer-me contra ele e atirar-lhe a cabeça contra a parte de baixo do tampo. Isso atordoou-o por um momento e eu libertei-me, rolando, para longe das suas mãos. Afastei-me rapidamente da mesa e pus-me em pé. Ele rosnou-me de debaixo da mesa, sem mostrar qualquer sinal de diminuição da sua fúria.

As lutas são coisas simultâneas. Num momento preparei-me para o pontapear quando ele saísse de debaixo da mesa, o taberneiro rugiu: “Chamei a guarda! Levai a vossa luta lá para fora,” enquanto o velhote na mesa de jogo gritava numa voz rachada: “Cuidado, Róri! Ele vai dar-te um pontapé, cuidado!” Mas a voz que quebrou a minha concentração foi a de Zar a gritar: “Tomé! Não magoes o pai da Esvânia!”

Róri Hasteveado não parecia ter qualquer problema quanto a magoar o pai de Zar. Quando rolou de debaixo da mesa atirou-me

um forte pontapé ao tornozelo que me fez perder o equilíbrio. Caí, mas caí em cima dele. Agarrei-lhe a garganta, mas ele meteu o queixo para dentro, tentando derrotar o meu aperto enquanto os seus punhos me surravam as costelas.

“Guarda da Cidade!”, berrou uma voz grave num aviso. Como se fôssemos um só, fomos erguidos do chão por dois soldados musculosos. Não perderam tempo a tentar quebrar o nosso abraço e arrastaram-nos em conjunto até à porta e atiraram-nos para a rua coberta de neve. Um círculo de homens rodeou-nos enquanto eu continuava a tentar prender os dedos na garganta de Róri. Ele agarrou-me o cabelo, forçando-me a cabeça para trás enquanto os seus dedos me esgatanhavam os olhos. “Separai-os ao pontapé!”, berrou um sargento e a minha determinação pareceu subitamente tola. Larguei Róri e torci-me para longe do seu corpo. Deixei uma escassa mancha de cabelo no seu punho ao fazê-lo. Alguém me agarrou no braço e me pôs em pé. Esse alguém, fosse quem fosse, agarrou-me os dois pulsos e içou-os habilmente atrás das minhas costas. Rangi os dentes e concentrei toda a minha força de vontade em não lhe resistir. Quando me ergui, a arquejar e dócil, senti a força que ele fazia atenuar-se um pouco.

Róri Hasteveado não estava a pensar com tanta clareza. Debateu-se quando uma guarda o pôs em pé, e foi por esse motivo agredido violentamente com o bastão dela por várias vezes. Quando finalmente ficou quieto, estava de joelhos. Sangue escorria-lhe da boca e pingava-lhe do queixo. Fitava-me de forma malévola.

“A pena por brigarem numa taberna são seis pratas. Cada um. Se não pagardes agora e se não vos separardes pacificamente ireis presos e tereis de pagar o dobro para sairdes da prisão. Taberneiro. Há danos lá dentro?”

Não ouvi a resposta do homem porque Zar me silvou subitamente ao ouvido: “Tomé Texugo, como pudeste fazer isto?”

Virei-me para olhar para o meu rapaz. Ele encolheu-se perante o que viu na minha cara. Não me surpreendi. Mesmo no frio do dia de inverno, a bochecha ardia-me. Sentia-a a inchar. “Foi ele que começou.” Destinei aquelas palavras a uma espécie de explicação, mas soaram como a desculpa amuada de um rapaz.

O guarda que me segurava deu-me um abanão. “Tu! Presta atenção. O capitão perguntou-te se tens as seis pratas. Tens?”

“Tenho. Solta-me uma mão para a levar à bolsa.” Reparei que o taberneiro não somara quaisquer danos contra nós. Talvez fosse um privilégio de ser ali freguês.

O guarda largou-me ambas as mãos, avisando-me: “Agora nada de truques estúpidos.”

“Já fiz o meu truque estúpido do dia,” resmunguei, e fui recompensado com um risinho quase involuntário da parte dele. As minhas mãos estavam a começar a inchar. Doeu-me abrir os cordões da bolsa e contar as moedas para lhes dar. Ora ali estava a dádiva da minha rainha a ser bem gasta. O meu guarda recebeu as moedas que lhe dei e afastou-se para as entregar ao sargento, o qual as contou e as enfiou no saco da cidade que trazia ao cinto. Róri Hasteveado, ainda agarrado por um guarda de cada lado, abanou a cabeça, car-rancudo. “Não as tenho,” disse ele com voz pastosa.

Um dos guardas deu uma fungadela. “Da maneira como tens andado a gastar dinheiro em bebida nos últimos dias, é um espanto que tenhas arranjado o suficiente para comprar hoje cerveja.”

“Para a prisão,” decretou friamente o sargento.

“Eu tenho,” disse Zar de súbito. Eu quase me esquecera que ele estava lá até o ver puxar pela manga do sargento.

“Tens o quê?,” perguntou o sargento, surpreendido.

“A multa dele. Eu pago a multa de Hasteveado. Por favor, não o prendais.”

“Não quero o te’ dinheiro. Nã’ quero nada dele.” Róri Hasteveado estava a começar a fraquejar entre os homens que o seguravam. Privado da fúria, a dor estava a dominá-lo. Depois, horrivelmente, desatou a chorar. “Estragou-me a filha. Arruinou a nossa família. Nã’ aceiteis o dinheiro porco dele.”

Zar empalideceu. O sargento olhou-o friamente de cima a baixo. A voz de Zar quebrou-se quando disse: “Por favor, não o prendais. Já é suficientemente mau, não é?” A bolsa que ergueu e abriu estava claramente marcada com o símbolo do seu mestre, Gindaste. Zar tirou moedas lá de dentro e estendeu-as ao guarda. “Por favor,” voltou a dizer.

O sargento virou-lhe costas abruptamente. “Levai o Hasteveado para casa. A multa está suspensa.” Afastou-se friamente do meu rapaz, que cambaleou como se tivesse sido agredido. A vergonha ardeu-lhe escarlate na cara. Os dois guardas que seguravam Hasteveado empurraram-no, mas era agora claro que estavam a ajudá-lo a caminhar em vez de o prenderem. O resto da patrulha da cidade afastou-se para as suas rondas normais. De súbito, Zar e eu ficámos sozinhos no meio da rua fria. Pestanejei e as minhas dores começaram a clamar por se darem a conhecer. A pior era no malar onde a pesada caneca me atingira. A visão nesse olho estava enevoada. Senti um momento de gratidão egoísta por Zar estar lá para me ajudar. Mas quando se virou para olhar para mim, não pareceu ver-me de todo.

“Agora está tudo estragado,” disse desamparadamente. “Nunca conseguirei remediar isto. Nunca.” Virou-se para fitar Hasteveado que se afastava. Depois voltou a virar o olhar para mim. “Tomé, porquê?”, perguntou, destroçado. “Porque me fizeste isto? Fui morar com Gindaste como me disseste para o fazer. Estava a pôr tudo em ordem. Agora estragaste tudo.” Fitou os homens que se afastavam. “Agora nunca farei as pazes com a família da Esvânia.”

“Foi o Hasteveado que começou a luta,” disse eu estupidamente, e depois amaldiçoei a minha patética desculpa.

“Não te podias ter afastado?”, perguntou ele com sobrançeria. “Sempre me disseste que essa é a melhor opção numa luta. Afastar-mo-nos se pudermos.”

“Ele não me deu essa oportunidade,” disse eu. A minha fúria estava a inchar mais do que a cara. Fui até à orla da rua e estendi o braço para tirar uma mancha de neve razoavelmente limpa de um beiral. Levei-a à cara. “Não percebo como é possível que me culpes por isto,” disse, carrancudo. “Foste tu que desencadeaste tudo. Tinhas de a levar a correr para a cama.”

Por um instante a expressão que ele fez foi como se eu lhe tivesse batido. Mas antes mesmo de ter tempo de sentir arrependimento pelas minhas palavras, ele passou à ira. “Falas como se eu tivesse alternativa,” disse friamente. “Mas era de esperar, suponho, vindo de um homem que nunca sentiu verdadeiro amor na vida. Pensas que

todas as mulheres são como Esporana. Não são. A Esvânia é o meu amor verdadeiro e para sempre, e o amor verdadeiro não deve ser obrigado a esperar. Tu e o pai e a mãe dela ter-nos-iam obrigado a nos abstermos de completar o nosso amor, como se o amanhã fosse uma certeza para qualquer um de nós. Mas não o faremos. O amor exige que o agarremos por completo, hoje.”

As palavras dele inflamaram a minha fúria. Tinha a certeza de que não eram suas, que tinham sido colhidas de um qualquer mestrado de taberna. “Se achas que nunca conheci o amor, não sabes nada sobre mim,” retorqui. “E quanto a ti e a Esvânia, ela é a primeira rapariga a quem disseste mais do que ‘olá,’ e caís na cama dela e proclamas que isso é amor. O amor é mais do que partilhar uma cama, rapaz. Se o amor não vier primeiro e não continuar depois, se não é capaz de esperar e de suportar as desilusões e a separação, então não é amor. O amor não precisa da cama para o tornar verdadeiro. Nem sequer exige um contacto quotidiano. Eu sei isto porque conheci o amor, muitos tipos de amor, e, entre eles, conheci o que senti por ti.”

“Tomé!”, ladrou ele numa censura. Deitou uma olhadela por cima do ombro a um casal que passava.

“Temes que eles entendam mal o que eu digo?”, trocei. Perante a fúria na minha voz, o homem pegou no braço da mulher e apressou-a para longe de nós. Eu devia parecer um louco. Não me importei. “Eu temo que tu sempre o tenhas entendido mal. Vieste para a Cidade de Torre do Cervo e esqueceste tudo o que eu tentei ensinar-te. Já nem sequer sei como falar contigo.” Voltei ao beiral para recolher mais um bocado de neve. Olhei para Zar, mas ele estava a olhar friamente para longe. Nesse instante, o meu coração desistiu dele. Afastara-se de mim, seguia o seu próprio caminho, e nada havia que eu pudesse fazer. Aquela discussão com ele era tão inútil como todas as palavras que Castro e Paciência tinham gasto comigo. Ele seguiria o seu próprio caminho, cometeria os seus próprios erros e talvez, quando chegasse à minha idade, aprenderia as suas próprias lições com esses erros. Não teria sido isso que eu fizera? “Mesmo assim acabarei de pagar o teu aprendizado,” disse em voz baixa. Falei tanto comigo como com ele, dizendo a mim próprio que seria aí que terminaria.

Que já terminara, exceto no cumprimento desse acordo que fizera comigo próprio.

Virei-me e encetei a longa caminhada até ao Castelo de Torre do Cervo. Respirar o ar frio fez-me doer as costelas sovadas. Não havia muito a fazer quanto a isso. Havia uma doentia familiaridade na dor dos meus nós dos dedos inchados. Perguntei a mim próprio, com apatia, quando seria suficientemente velho e sensato para parar de me meter em lutas físicas. E interroguei-me sobre a curiosa desconexão no meu peito, na brecha onde Zar estivera na minha vida apenas momentos antes. Parecia um ferimento mortal.

Quando ouvi passos de corrida atrás de mim, rodopiei para os enfrentar, temendo outro ataque. Zar escorregou até parar ao ver o meu esgar de batalha. Durante um instante gelado, limitámo-nos a olhar-nos um ao outro. Depois ele estendeu a mão e agarrou-me na manga, dizendo: “Tomé, detesto isto. Estou a tentar com força e só ando a fazer e a dizer todas as coisas erradas. Os pais de Esvânia passam o tempo todo zangados com ela, e quando ela se veio queixar disso e eu disse que talvez devesse ir ter com eles e prometer avançar mais devagar, zangou-se comigo. E está furiosa comigo por viver em vasa de Gindaste e ter de ficar lá a maior parte das noites. Mas eu fui ter com Gindaste, sozinho, e pedi-lhe para me mudar para lá. E ele deu-me uma valente descompostura, mas eu mantive a cabeça baixa e aguentei, e agora estou lá, a fazer as coisas à maneira dele, como tu disseste. Detesto termos de acordar tão cedo, e como ele raciona quantas velas podemos queimar de noite, e como não posso sair de todo na maior parte das noites. Mas estou a fazê-lo. E hoje, pela primeira vez, ele mandou-me fazer um recado, para ir buscar umas guarnições de latão à rua dos ferreiros. E agora vou atrasar-me a voltar com elas, e vou ter de baixar a cabeça quando ele me repreender. Mas não posso deixar que te vás embora a pensar que esqueci tudo o que me ensinaste. Não esqueci. Mas tenho de descobrir a minha vida aqui, e às vezes as coisas que me ensinaste simplesmente não parecem ajustar-se à maneira como todos os outros pensam. Às vezes as coisas que me ensinaste não parecem funcionar aqui. Mas estou a tentar, Tomé. Estou a tentar.”

As palavras precipitaram-se a sair da sua boca numa correria.

Depois de terem cascateado e o silêncio ameaçar preencher o lugar onde tinham estado, pus-lhe o braço sobre os ombros e abracei-o apesar da dor que sentia nas costelas. “Despacha-te no teu recado,” disse junto ao seu ouvido. Tentei pensar noutras palavras para acrescentar, mas não consegui descobrir nenhuma. Não lhe podia dizer que as coisas ficariam bem, porque não tinha a certeza de que ficariam. Não podia dizer-lhe que confiava na sua sensatez, porque não confiava. Então Zar descobriu as palavras por ambos.

“Amo-te, Tomé. Vou continuar a tentar.”

Suspirei de alívio. “Eu também. Amo-te e vou continuar a tentar. Agora despacha-te. Tens pernas compridas e és rápido. Talvez não te atrases se correres.”

Ele dirigiu-me um sorriso fugaz, virou-se e correu na direção da rua dos ferreiros. Invejei-lhe os movimentos fáceis do corpo. Voltei a virar-me para o Castelo de Torre do Cervo.

Na estrada que subia para o Castelo de Torre do Cervo, a meio caminho do castelo, encontrei Castro que descia. Veloz montava atrás dele, com as mãos em volta da cintura do pai. A perna aleijada de Castro espetava-se de forma incómoda para fora. Ele modificara o estribo para a acomodar. Por um instante, fitei-o. Veloz olhou-me de boca aberta, mas a minha cara que arroxeara era sem dúvida digna de se ver. Amorteci a minha Manha até a transformar numa brasa. Mantive a cabeça baixa e passei por eles sem mais um olhar. O meu coração esforçou-se por olhar para eles depois de passarem, mas recusei. Temia demasiado que Castro estivesse a olhar para mim.

O resto da caminhada até ao Castelo de Torre do Cervo pareceu fria e desoladora. Fui até aos banhos. Os guardas, que iam e vinham, deixaram-me em paz. Esperara que o calor húmido me atenuasse algumas das dores, mas não o fez. A longa subida até aos nossos aposentos doeu, e compreendi que, se ficasse quieto, iria emperrar, mas só conseguia pensar na cama. Disse a mim próprio que o dia fora um deplorável desperdício. Duvidava que mesmo os meus esforços com Respeitador e Obtuso dessem frutos.

Quando me aproximei da porta dos nossos aposentos, esta abriu-se. A jardineira saiu por ela. Gareta trazia um cesto de flo-

res secas. Enquanto a fitava, surpreendido, ela ergueu os olhos e cruzou-os com os meus. Corou de súbito num tom de escarlate que praticamente lhe cobriu as sardas. Depois afastou os olhos de mim e apressou-se corredor fora, mas não antes de eu vislumbrar o colar que levava posto. Era um único amuleto num fio de couro. A pequena rosa esculpida estava pintada de branco, com um caule coberto de tinta preta. Eu reconhecia o trabalho do Bobo quando o via. Teria ele seguido o meu inepto conselho? Inexplicavelmente, o coração afundou-se-me no peito. Bati cautelosamente à porta e anunciei-me antes de entrar. Quando fechei a porta atrás de mim e olhei em volta, fui encontrar um Dom Dourado numa pose perfeita, anichado na cadeira almofadada em frente da lareira. Por um instante, os seus olhos ambarinos esbugalharam-se ao ver as minhas nódoas negras, mas com igual rapidez recuperou o controlo.

“Julgava que hoje ias sair, Tomé Texugo,” observou num tom jovial.

“E saí,” disse, e pensei que nada mais diria. Mas dei por mim preso ao chão, olhando-o na cadeira enquanto ele me devolvia um olhar tão cautelosamente contido. “Tive hoje uma conversa com Zar. Disse-lhe que amar alguém e dormir com alguém eram duas coisas diferentes.”

Dom Dourado pestanejou lentamente. Depois perguntou: “E ele acreditou em ti?”

Respirei fundo. “Não me parece que me tenha compreendido por completo. Mas, a seu tempo, espero que compreenda.”

“Muitas coisas levam tempo,” observou. Voltou a virar o olhar para o fogo e as minhas esperanças, que tinham saltado, altas, um momento antes, moderaram-se. Concordei, silenciosamente, com a cabeça, com as palavras dele e fui para o meu quarto.

Despi-me e deitei-me na minha cama estreita. Fechei os olhos.

O dia tirara de mim mais do que eu pensara. Dormi, não só essa tarde, mas noite dentro também. Profundo e sem sonhos foi o meu descanso, até que na escuridão da noite dei por mim acotovelado para fora desse sono abençoadamente vazio, para aquele lugar suspenso que existe entre o sono e a vigília. Que me desper-

tou?, perguntei eu a mim próprio, e depois tomei consciência do que era. Fora das minhas muralhas de Talento, Urtiga chorava. Já não assaltava essas muralhas nem implorava com fúria. Mantinha-se simplesmente do lado de fora delas e chorava. Infundavelmente.

Ergui as mãos e cobri os olhos como se isso a mantivesse afastada. Depois respirei fundo e deixei as muralhas ruir. Um único passo levou os meus pensamentos até aos dela. Envolvi-a em conforto e disse-lhe: *Preocupas-te sem necessidade, minha querida. Tanto o teu pai como o teu irmão vão a caminho de casa ter contigo. Estão em segurança. Garanto-te que isto é verdade. Pronto. Para de te preocupares e descansa.*

Mas... como podes saber isso?

Porque sei. E ofereci-lhe a minha certeza absoluta, e o meu breve vislumbre de Castro e Veloz a montar juntos um cavalo.

Por um momento, ela caiu num estado desprovido de forma, tamanho foi o alívio que sentiu. Comecei a retirar-me, mas ela agarrou-me de repente. *Isto aqui tem sido tão horroroso. Primeiro, o Veloz desapareceu e pensámos que algo que horrível lhe tinha acontecido. Depois o ferreiro da vila disse ao papá que ele lhe tinha perguntado que estradas levavam ao Castelo de Torre do Cervo. Depois o papá ficou furioso e partiu a cavalo num acesso de fúria, e a mamã não faz nada a não ser chorar ou arengar desde essa altura. Diz que, de todos os lugares do mundo, Torre do Cervo é o mais perigoso para Veloz. Mas não quer dizer porquê. Assusta-me quando ela está assim. Às vezes olha para mim e os seus olhos nem sequer me veem. Depois, ou me grita para fazer alguma coisa de útil, ou desata a chorar e não consegue parar. Nada disto faz sentido. Temos andado todos a escapulir-nos pela casa como ratos. E o Ági sente que metade de si desapareceu, e que de algum modo a culpa é dele.*

Interrompi a sua cascata de palavras. *Escuta-me. Vai ficar tudo bem.*

Eu acredito em ti. Mas como é que posso fazer com que eles saibam disso?

Refleti. Deveria ela dizer a Moli que tinha tido um sonho? Não.

Não podes. Temo que eles tenham de aguentar. Portanto, sê forte para eles, sabendo que tudo ficará bem. Ajuda a tua mãe, cuida dos teus irmãos mais novos e espera. Se eu conheço o teu pai, ele estará a vosso lado assim que o cavalo o consiga levar até aí.

Conheces o meu pai?

Que pergunta. *Mesmo muito bem.* E depois compreendi que fora longe demais, que lhe oferecera palavras que eram perigosas para ambos. Por isso sugeri-lhe pelo Talento, mais suavemente do que uma folha de salgueiro se move numa brisa, que ela ia agora dormir, dormir mesmo, e acordaria restabelecida de manhã. A força com que me agarrava diminuiu e eu soltei-me dela, regressando para trás da segurança das minhas muralhas. Abri os olhos para a escuridão do meu quarto. Respirei fundo, virei-me na cama e aconcheguei-me melhor às mantas. Tinha fome, mas a manhã e o pequeno-almoço chegariam suficientemente depressa.

Um pensamento desajeitado intrometeu-se, transportado em música. O uso do Talento era hesitante, não por falta de capacidade mas com uma relutância nauseada em tocar na minha mente com a sua. *Finalmente fizeste-a parar de chorar. Agora Obtuso também pode dormir.*

O toque dele desapareceu da minha mente, deixando-me a fitar inquieto o teto. Mas, na altura em que estava a reconcentrar a mente e a tentar convencer-me de que o facto de Obtuso me contactar pelo Talento devia ser visto como um passo positivo, não como uma invasão, outra mente tocou na minha. Era distante e imensa, e impossivelmente estranha. Nada havia de humano na maneira como os seus pensamentos se moviam enquanto ela observava com um divertimento amargo. *Agora talvez aprendas a não sonhar tão alto. Não é só a ele que isso incomoda. E também não é só a ele que te revelas, homenzinho. O que és? Que significas tu para mim?*

Então os pensamentos dela abandonaram-me tal como uma onda em retirada deixa um homem afogado numa praia. Rolei até à beira da cama e fui assaltado por uma náusea seca, mais surrado pelo contacto daquela mente prodigiosa do que pela sova que levara de Róri. A estranheza do ser que se encostara à minha mente despe-

daçava-me, nauseando-me os pensamentos como se eu tivesse tentado respirar óleo ou beber chamas. Arquejando na escuridão, senti o suor a deslizar-me pela testa e costas e perguntei a mim próprio o que o meu Talento errante teria despertado no mundo.